



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Giselle Maria Nanes Correia dos Santos

ELE AINDA CANTA DE GALO:
Etnografando homens pobres no domínio da *casa*

RECIFE
2010

Giselle Maria Nanes Correia dos Santos

**ELE AINDA CANTA DE GALO:
Etnografando homens pobres no domínio da *casa***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marion Teodósio de Quadros

RECIFE
2010

Santos, Giselle Maria Nanes Correia dos

Ele ainda canta de galo: etnografando homens pobres no domínio da casa / Giselle Maria Nanes Correia dos Santos. - Recife: O Autor, 2010.

115 folhas: il., tab., mapa, quadro.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2010.

Inclui: bibliografia e anexos.

1. Antropologia. 2. Gênero. 3. Homens. 4. Desemprego. 5. Análise do discurso. I. Título.

**39
390**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2010/58**

GISELLE MARIA NANES CORREIA DOS SANTOS

**“ELE AINDA CANTA DE GALO: ETNOGRAFANDO HOMENS POBRES NO
DOMÍNIO DA CASA”**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 23/02/ 2010.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Marion Teodósio de Quadros (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Profº Drº Russel Parry Scott (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Profº Drº Benedito Medrado Dantos (Examinador Titular Externo)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE

À minha amada **Mãe**,
in memoriam

Agradecimentos

A **Deus** e a todos os santos e santas que me guiaram pelos caminhos desta pesquisa.

Ao meu **pai**, à minha **irmã** e ao meu **irmão** pelas demonstrações de carinho e de paciência ao longo de dois anos de pesquisa. A disponibilidade em ouvir meus objetivos de estudo, minhas suposições e minhas *vivências no campo*, me possibilitaram *elaborar*, reflexivamente, todo esse processo.

À minha orientadora, **Marion de Quadros**, pela *presença* nesta dissertação. Acredito que a parceria não poderia ter sido melhor. Disponível e atenciosa, esteve comigo em todas as etapas: nas críticas, nas correções e nas sugestões, expondo seus pontos de vista com firmeza, mas sempre respeitando minhas idéias e formas de pesquisar.

Aos **docentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e discentes da turma de mestrado 2008.1**, pois, no decorrer das disciplinas, pude dialogar e fazer importantes reflexões sobre meu tema de pesquisa. Em especial, faço agradecimentos ao prof. **Parry Scott**, com o qual venho continuamente aprendendo o árduo ofício de pesquisadora, e à prof^a **Judith Hoffnagel**. Ao participarem das bancas de qualificação e pré-banca, ambos apresentaram observações e sugestões que me fizeram refletir sobre as *lacunas* da pesquisa e formas de aprimoramento da mesma.

Ao prof. **Benedito Medrado**, que, desde a graduação em Psicologia, vem contribuindo para minha formação acadêmica. Membro da banca de qualificação, propôs reflexões fundamentais à pesquisa.

A **todos moradores e moradoras da comunidade Parque Residencial Bola na Rede**. Em particular, agradeço aos **informantes-chaves** que se disponibilizaram a conversar sobre assuntos do mundo *privado* e a **agente comunitária de Saúde**, pois, em sua companhia, pude *adentrar* nas casas e conhecer as experiências familiares do grupo pesquisado.

Ao **Núcleo de Estudos em Gênero e Masculinidades (GEMA/ UFPE)**. Os amigos(as), que integram esse grupo, contribuíram de várias formas para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho. De forma peculiar, também agradeço a **Laís**, que se disponibilizou as *leituras* desse texto, propondo correções e modificações fundamentais ao mesmo. A ela, muito obrigada!

Ao Grupo de Estudos Sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (**GEPCOL**). Sobretudo a prof^a. **Rosineide Coordeiro**, a qual tive o imenso prazer em conhecê-la e tornar-me eterna discípula de seus ensinamentos, e aos amigos **Evandro**, **Luanne** e **Raissa**, pois a história desta pesquisa está diretamente relacionada com eles.

Ao **Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES)**. A participação nos encontros promovidos no núcleo e a possibilidade de acessar o acervo bibliográfico foram de grande valia para este trabalho.

A **Jenário** pelo companheirismo e pela compreensão dos muitos momentos em que teve de dividir a namorada com diários de campo, livros, computador... Em sua sabedoria, pude me confortar e ter a certeza de que valia a pena todo o esforço empregado.

Aos **amigos** e às **amigas** que caminham comigo a estrada pedregosa do mundo acadêmico. Em especial: **Aline Aragão, Douglas Oliveira, Érika Mendonça, Edélvio Leonardo, Fernanda Sardelich, Fernando Wanderley, Jullyanne Brasilino, Keyla Cristina, Mariana Figueiroa, Gioconda Souza, Paloma Silveira, Ricson e Suzano Guimarães.**

A CAPES, pela concessão de bolsa de estudo, para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

A literatura antropológica sobre famílias de grupos populares brasileiras assinala que, face à precariedade da condição de subsistência, há enfraquecimento do papel de provedor do homem, seu afastamento do grupo doméstico e valorização da atividade econômica feminina, os resultados desta pesquisa são diferentes. O objetivo deste trabalho foi buscar compreender como homens pobres, em situação de desemprego, vivenciam a relação com a casa. O tripé de análise - rua, homens pobres e casa – é norteado pelos pressupostos da Antropologia Feminista (Henrieta Moore, 2004) e pela perspectiva das relações de gênero (Joan Scott, 1995). Sob o referencial da Antropologia Interpretativa, foi elaborada uma etnografia na comunidade Parque Residencial Bola na Rede, situada numa região de periferia do Recife (PE), onde realizou-se observação participante entre janeiro e junho de 2009. Foram feitas entrevistas com seis homens da comunidade, três deles na faixa etária de 20 anos e três na faixa de 40 anos. Os resultados indicam que homens, em situação de desemprego, procuram *reinventar* o espaço da *casa*, como um dos principais mecanismos de manutenção de poder e *status* masculino. O argumento central, defendido, é de que: ao não se configurarem como os principais (ou únicos) provedores, os homens, em situação de desemprego, buscam outros mecanismos que lhes possibilitam estar no domínio da *casa*. Esse argumento está sustentado na análise dos discursos dos homens sobre: (1) suas trajetórias de trabalho; (2) a organização domiciliar, com ênfase sobre a realização de tarefas domésticas e (3) as fontes de renda para o provimento familiar que não advém do trabalho masculino, mas sobretudo do trabalho feminino e da participação em um programa nacional de transferência de renda – o Programa Bolsa Família. Em face das trajetórias no mercado formal e informal, a possibilidade de sustento econômico da família torna-se pouco viável. No entanto, os relatos buscam minimizar a situação de desemprego. Eles se apresentam como *homens ativos*, que estão sempre em probabilidade de conseguir rendimentos financeiros. O processo de valorização é corroborado pela apresentação da construção/compra da casa, que abriga a família, como um símbolo do provimento; pelos relatos de *esperteza* masculina e pela proclamação da *virilidade*. No reforço de tal valorização, a realização de tarefas domésticas é um espaço importante de afirmação masculina, principalmente, porque vem acompanhada de falas que exaltam o poder na distribuição dessas tarefas: *que* atividades fazer, *como* e *quando*. Nesse contexto, a relação do homem com o espaço doméstico continua predominantemente a se estabelecer no campo do “sob controle” em oposição a “no controle” (Parry Scott, 1990). Os homens discursam sobre a realização de tarefas relativas à arrumação da casa, ao cuidado com as crianças e à preparação de alguns alimentos, mesmo levando em conta que o trabalho requerido pela organização doméstica continua sob responsabilidade feminina. O trabalho feminino e os rendimentos advindos de programas governamentais (PBF) não se configuram como uma *desonra*. Afinal, eles só são uma ajuda! Dessa forma, os homens, moradores de Parque Residencial de Bola na Rede, nos relatam que “ainda cantam de galo”. A condição de homens pobres, em situação de desemprego, não faz com que sejam uma carta fora do baralho (Klaas Woortmann, 1987) dentro da casa. A escolha seletiva, que privilegiou as falas dos homens como principal material de análise, certamente nos mostra ângulos fundamentais, mas não esgota a problemática. No entanto, ao privilegiar as vozes masculinas no estudo das relações de gênero, foi possível aprofundar a compressão dos mecanismos de poder que possibilitam a manutenção e o *status* masculino de homens que estão na condição de desempregado.

Palavras chaves: Antropologia; Relações de Gênero; Homens; Desemprego; Casa

ABSTRACT

The anthropological literature on families of Brazilian popular groups pointed out that, given the precariousness of subsistence, there is weakening of the role of provider of man, being away from the domestic group and appreciation of women's economic activity, the results of this research are different. The goal of this paper was to understand how unemployed poor men experience the relationship with the home. The tripod of analysis - street, poor men and home - is guided by the assumptions of Feminist Anthropology (Henrieta Moore, 2004) and from the perspective of gender relations (Scott, 1995). Under the reference of interpretative anthropology, one ethnography was developed in the community Parque Residencial Bola na Rede, located in a region of the outskirts of Recife (PE), where took place participant observation between January and June 2009. Interviews were conducted with six men of the community, three of them aged 20 years and three in the range of 40 years. The results indicate that unemployed men seek to reinvent the space of the home, as one of the main mechanism that guarantee maintenance and male status. The central argument, defended, is that: to not set as the primary (or only) provider, unemployed men seek other mechanisms that possible are in the home. This argument is supported in the analysis of discourses about men: (1) their trajectories of work, (2) home organization, with emphasis on the performance of domestic tasks and (3) sources of income for the family that founded not cause men's work, but especially women's work and participation in a national program of income transfers - Bolsa Família Program (PBF). In view of the trajectories in the formal and informal work, the possibility of economic sustenance of the family becomes impractical. However, the reports seek to minimize unemployment. They present themselves as active men, who are always likely to get financial income. The process of valorization is supported by the presentation of the construction / purchase of house, home to the family as a symbol of the provisioning, the reports of smartness men and the proclamation of virility. Strengthening of recovery, the realization of domestic tasks is an important space for masculine affirmation, mainly because it comes accompanied by speeches exalting power in the distribution of tasks: what activities to do, how and when. In this context, man's relationship with the domestic sphere remains predominantly settle in the field "under control" as opposed to "in control" (Scott Parry, 1990). Men speeches on performing tasks related to housekeeping, the care of children and the preparation of some foods, even taking into account that the work required by the domestic organization remains the responsibility of women. The female labor and income coming from government programs (PBF), not configured as *dishonour*. After all, they are only a help! Thus, men, residents of Parque Residencial Bola na Rede, tells us that "still are the boss." The condition of unemployed poor men does not make them a card off the deck (Klaas Woortmann, 1987) inside the house. The selective choice, which favored the speech of men as the main material for analysis certainly shows us angles fundamental but not the whole problem. However, by privileging the male voices in the study of gender relations, it was possible further compression of the power mechanisms that allow maintenance and male status of men who are in the condition of being unemployed.

Key Words: Anthropology; Gender Relations; Men; Unemployed; Home

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1 - ANTROPOLOGIA FEMINISTA, GÊNERO E HOMENS

1.1 Produção e Reprodução: a perspectiva relacional.....	14
1.2 Relações sociais, poder e homens: a abordagem de gênero.....	16

Capítulo 2 – OBSERVAÇÕES DO CAMPO

2. 1 Descrevendo as experiências da <i>observação participante</i>	21
2.1.1 O processo de entrevista.....	24
2.2 Parque Residencial Bola na Rede: caracterizando a comunidade.....	26
2.3 Apresentando os entrevistados.....	30

Capítulo 3 - TRABALHO MASCULINO E PROVIMENTO

3.1 Desemprego, biscates e valorização masculina.....	35
3.2 Fontes de renda: estratégias para além do trabalho masculino.....	48

Capítulo 4 - CASA E TAREFAS DOMÉSTICAS

4.1 Esperteza e Virilidade.....	55
4.2 Autovalorização masculina.....	66
4.3 <i>Sob Controle x No Controle</i>	72

Capítulo 5 - TRABALHO FEMININO E PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

5.1 Trabalho Feminino.....	81
5.2 Programa Bolsa Família.....	85
5.3 Chefia da Casa.....	95

Considerações Finais

Referências Bibliográficas

Anexos

INTRODUÇÃO

Esta dissertação propõe reflexões no campo das relações de gênero. Busca-se compreender como homens pobres, em situação de desemprego¹, vivenciam a relação com a casa.

Norteadas pelos pressupostos da Antropologia Feminista, a qual procura entender as relações de gênero e suas inter-relações com as esferas produtiva e reprodutiva, as argumentações estão calcadas no tripé analítico: *rua*, *homens pobres* e *casa*.

Essa investigação do *entre* das esferas produção-reprodução coaduna-se com os estudos das relações de gênero com base na perspectiva da historiadora Joan Scott. Compreendido como categoria de análise, gênero tem como foco fundamental as relações de poder. Nesse sentido, procura-se entender *quais* e *como* as relações de poder engrenam essa relação do homem com a casa.

Segundo Roberto DaMatta (1997), a *casa* e a *rua*, enquanto categorias sociológicas, são de fundamental importância para a compreensão da sociedade brasileira: “entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas incomensuráveis, mas, acima de tudo, são entidades morais, esferas de ação social” (p.15).

Para o autor, é possível “ler” o Brasil tomando os ângulos da *casa* e da *rua* (e do *outro mundo*, do sobrenatural). As leituras, pelo ângulo da *casa*, enfatizam a pessoa (processos/situações, com alto cunho emocional). A leitura, pelo ângulo da *rua*, é o contexto da lei, da norma, da impessoalidade (emoção disciplinada).

A *casa* e a *rua* são os marcadores desta pesquisa, e as contribuições dos estudos deste autor são referenciais importantes. No entanto, ao focar homens em famílias de classes populares (valorizando suas particularidades em relação à Sociedade Brasileira), a literatura, sobre famílias populares brasileiras, especialmente as que privilegiam uma leitura de gênero, constitui as bússolas que orientaram a construção dos argumentos defendidos nesta dissertação (P. SCOTT, 1990; 2008; WOORTMANN, 1987; NEVES, 1985; ZALUAR 1985; SALEM, 1981; FONSECA, 2000; SARTI, 2005). Nesse contexto, as continuidades, as conexões e os conjuntivos que permeiam a relação *rua* e *casa*, apontadas por tais estudos, são apreendidos como matizes de significações fundamentais.

¹ A utilização do termo *homens desempregados*, durante todo o trabalho, refere-se estritamente ao sentido de homens que não têm empregos assalariados, no mercado formal de trabalho.

Nos estudos das famílias de classes populares, observa-se uma afirmação corrente: no âmbito da casa, o poder é das mulheres! Em pesquisas com famílias matrifocais sobre a vivência do ciclo doméstico de homens e mulheres, moradores de um bairro pobre da Cidade do Recife(PE), Parry Scott (1990) argumenta que frente à pobreza e à impossibilidade de sustento familiar por parte dos homens, a casa se configura um espaço de domínio feminino, seja na presença ou ausência masculina.

Nas primeiras² uniões conjugais, a relação da mulher com a casa é solidificada via criação e cuidado dos filhos. O homem, por sua vez, ao não conseguir ser o sustentáculo econômico da família, “transfere a marginalidade econômica que sofre na rua para uma marginalidade dentro da casa” (P. SCOTT, 1990, p.40). No desenvolvimento do ciclo doméstico, seja no rompimento dessas relações, seja na formação de uniões subseqüentes, a casa continua sob o domínio feminino. Diante das separações, “a mulher normalmente sai com a ‘casa’ feita, incorporada na responsabilidade pelos filhos; enquanto o homem enfrenta a situação de escolher uma vida que renuncia a ‘casa’ e uma que estabelece nova relação mais duradoura, com outra mulher [...]” (p.46).

Ao relatar que as experiências das mulheres, no ciclo doméstico, diferem das dos homens, P. Scott (1990) não busca reafirmar a dicotomia casa-rua, tão apontada na representação da família brasileira. Porém, em face dessas mesmas experiências, não se pode deixar de afirmar que a casa se apresenta como peça fundamental na construção da identidade feminina.

Em pesquisa com pobres urbanos da Bahia, a afirmação de Woortmann (1987) é categórica: é a mãe (mulher) e não o pai (homem) que constitui o núcleo do sistema familiar. Numa associação entre sistema de produção capitalista e modos de organização familiar, relata que, em virtude da precarização (ou mesmo exclusão) do mercado formal de trabalho e/ou dos tipos de trabalhos que se consegue arranjar no setor informal, o homem pobre não consegue se manter como provedor. O que conseqüentemente leva a uma diminuição do seu status masculino dentro da casa.

Nesse sentido, “o homem pobre não controla nada na sociedade em geral, porque é pobre – um ‘jogado fora’. A mulher pobre tampouco o faz, mas ela tem um domínio que é seu próprio – a família” (WOORTMANN, 1987, p.105).

² Estudos sobre as famílias pobres urbanas apontam altos índices de rotatividade nas uniões conjugais (SCOTT, 1990).

Em análises dos discursos dos informantes, o autor observa que, num plano ideológico, apresenta-se uma nítida dicotomia entre casa e rua. “A casa é um lugar para mulheres; é também o lugar da mulher. A rua é o lugar para homens. A família é o reino das mulheres onde os homens pouco têm a dizer ou fazer” (WOORTMANN, 1987, p. 104).

Nesse contexto, foi recorrente entre as mulheres, a explicitação de que são elas que não permitem que seus maridos interfiram na organização doméstica. Como a casa está sob o seu domínio, os homens devem se manter afastados desse espaço. O lugar da casa não lhes pertence. Assim, as conclusões desse estudo o levam a afirmar que, quando se trata de famílias pobres urbanas, o homem não canta de galo, pois ele não é o dono do terreiro!

Ao focar a relação do homem com a *casa*, o presente trabalho problematiza estas relações entre o *homem-rua* e *mulher-casa* na atualidade. O embasamento para tais reflexões partiu de pesquisa, de cunho etnográfico, realizada na comunidade Parque Residencial Bola na Rede, a qual está situada em região de periferia da Cidade do Recife (PE).

Sob o referencial da Antropologia Interpretativa (GEERTZ, 1989), foi realizada *observação participante* na comunidade entre os meses de janeiro e junho de 2009. Nesse período, foram feitas visitas diárias a comunidade a fim de se construir uma relação de proximidade com os moradores e com as famílias.

A proximidade estabelecida possibilitou convivência nos domicílios e realização de *entrevistas individuais* com moradores homens que mantinham uniões estáveis com companheiras e estavam desempregados. Foram entrevistados seis homens, três deles com idades entre 26 a 27 anos e três entre 40 a 48 anos.

As análises dessa *observação participante*, sobretudo no que se refere às falas construídas durante as entrevistas, nos levam a compreender que homens em situação de desemprego (a qual fragiliza a imagem de homem provedor) procuram *reinventar* o espaço da *casa*, como um dos principais mecanismos de poder que lhes garantem a *manutenção* e os *status masculinos* na casa.

Dessa forma, o argumento central defendido nesta dissertação é de que: **ao não se configurar como o principal (ou o único) provedor, os homens, em situação de desemprego, buscam outros mecanismos que lhes possibilitam estar no domínio da casa.**

Esse argumento será sustentado com base nas análises dos discursos masculinos sobre: (1) as trajetórias de trabalho dos mesmos; (2) a organização domiciliar (com ênfase sobre a realização de tarefas domésticas) e (3) as fontes de renda para o provimento familiar que não advém do trabalho masculino (sobretudo do trabalho feminino e da participação no programa de transferência de renda – Programa Bolsa-Família). Nesse contexto, a dissertação está organizada em cinco capítulos, descritos a seguir.

O *capítulo 1* reflete sobre as contribuições do olhar relacional entre as esferas produtiva e reprodutiva propostas pela Antropologia Feminista e a perspectiva de gênero enquanto categoria de análise que permitem dar atenção especial às relações de poder.

O *capítulo 2* descreve a experiência da observação de campo, colocando-se, em relevância, a caracterização da comunidade e dos entrevistados.

O *capítulo 3* discute as trajetórias de trabalho desses homens e as estratégias de geração de renda dentro da família. O foco de análise é o eixo trabalho-rua, o qual possibilitou a compreensão de como homens em situação de desemprego da comunidade de Bola na Rede vivenciam a relação entre trabalho e provimento familiar.

Já no *capítulo 4*, a análise sobre a organização doméstica, com ênfase sobre a realização de tarefas do lar, configura-se como a principal via reflexiva a partir da qual se procura compreender os mecanismos de poder postos em prática e como eles possibilitam o estreitamento dessa relação do homem com a *casa*.

Por fim, no *capítulo 5*, são colocados, em debate, os discursos masculinos em relação ao trabalho de suas mulheres e os rendimentos do PBF. A finalização deste capítulo aborda também os discursos sobre chefia da casa.

Em seu conjunto, a apresentação dos resultados desta pesquisa, empreendida com homens moradores da comunidade de Parque Residencial Bola na Rede, nos leva a reconsiderar a relação *homem-casa*. A impossibilidade de pleno provimento familiar dos homens pobres, necessariamente, não fragiliza a manutenção e o *status masculino* na casa. De acordo com a perspectiva masculina, argumenta-se que, no descontrole sobre a relação trabalho-rua, a procura pela *reinvenção* da *casa*, como um espaço de poder masculino, possibilita que ***ele ainda cante de galo***.

1. ANTROPOLOGIA FEMINISTA, GÊNERO E HOMENS

O olhar sobre as vivências dos homens em situação de desemprego, na relação com casa, é norteado pelos pressupostos da Antropologia Feminista e pela perspectiva de gênero, enquanto categoria de análise, tal como apresentada pela historiadora Joan Scott.

Na organização deste capítulo, primeiramente, serão abordadas as contribuições da Antropologia Feminista que serão apresentadas sob a ótica da antropóloga social britânica Henrietta Moore. A importância de se compreender o campo reprodutivo/familiar relacionado com o produtivo/público é o principal ponto debatido.

Na seção subsequente, é posta, em reflexão, a abordagem de gênero, enquanto categoria de análise. A imbricação gênero e relações de poder é um elemento-chave que possibilita a compreensão da complexidade da relação do homem com a casa. Em face foco ser as vivências *masculinas*, ressalta-se também o caráter relacional da abordagem de gênero.

1.1 Produção e Reprodução: a perspectiva relacional

Para Moore (2004), a crítica feminista à antropologia, assim como as outras ciências sociais, surgiu devido a pouca atenção que a disciplina prestava à mulher. Nesse contexto, nasce, portanto, a *antropologia da mulher* com vistas a explicar como a literatura antropológica a representava.

Por se centrar explicitamente na mulher em oposição ao androcentrismo (ponto de vista masculino), a antropologia da mulher foi alvo de várias críticas. Cogitava-se a formação de um *gueto*, que chegaria mesmo a se constituir uma subdisciplina. Ante as críticas à *antropologia da mulher*, a *antropologia feminista* desponta transpassando a fronteira do estudo das mulheres e adentra pelos estudos de gênero, abordando as relações entre homens e mulheres (MOORE, 2004).

Ao traçar os percursos da antropologia feminista, desde seu início, por volta da década de 70, do século passado até a atualidade, Moore (2004) aponta que, além de ampliar as perspectivas da antropologia da mulher, a antropologia feminista possibilitou também uma reconstrução crítica sobre a própria categoria *mulher*, até então calcada em termos universais.

Baseado em pressupostos pós-estruturalistas (desconstrução, diferenças) e em estudos sobre as diferenças raciais e de classe, a atual fase da antropologia feminista está caracterizada por valorizar a diferença em detrimento da semelhança. Para Moore (2004, p.228) “la contribución de la antropología feminista al feminismo contemporáneo estriba sencillamente en valorar la comparación y en reconocer la importancia del concepto de diferencia”.

Dessa forma, a antropologia feminista defende, explicitamente, que as mulheres são diferentes entre si (seja por critérios de classe, de raça e de orientação sexual, seja pela cultura, pelo contexto sócio-histórico, etc) e que essas diferenças necessitam de atenção teórica. Segundo Lia Zanota Machado (1992), o encontro do feminismo com o pós-estruturalismo, a partir da perspectiva de gênero, tem repercutido para o desmantelamento da categoria *mulher*, enquanto sujeito universal, e possibilitado a visibilidade das múltiplas experiências do ser mulher ao invés de reificar a *irmandade*³.

No campo de estudo da antropologia feminista, as intersecções das questões de gênero, nos âmbitos produtivo e reprodutivo, configuram-se como objetos centrais de análise. A partir do entendimento de que esses sistemas não são dicotômicos, argumenta-se que as relações de família, parentesco e gênero/geração não podem desligar-se das relações econômicas e políticas.

Os estudos, que focalizam as relações entre as estruturas familiares no capitalismo e as diferenças entre a mão de obra masculina e feminina dentro do mercado de trabalho, têm sido nomeados de *debate do trabalho doméstico*. Nesse contexto, os principais temas trabalhados questionam: as relações entre a divisão sexual do trabalho no lar e no mercado de trabalho; as relações entre capitalismo e condições de trabalho masculino e feminino; e os processos pelos quais a responsabilidade da realização de tarefas domésticas recai exclusivamente sobre as mulheres (MOORE, 2004).

³ Para Elizabeth Fox-Genovese (1992), o histórico de repressão e subordinação justificava a noção de irmandade e essa noção contribuiu para a construção de toda uma rede de apoio mútuo, uma espécie de força coletiva que auxiliou as mulheres no enfrentamento das assimetrias de gênero. Porém, ao se pautar pelo mesmo ideal de individualismo democrático (presumido pela igualdade entre os homens), o modelo de igualdade entre as mulheres acabou por promover hierarquias políticas e sociais dentro do próprio movimento. Para a autora, quando o feminismo deixa de defender princípios que abarcam as variações da vida real, reificando um sujeito abstrato, os direitos da mulher terminam por privilegiar algumas e explorar outras. Com isso a irmandade entra em um descompasso: reforça involuntariamente o sistema social, que o próprio feminismo critica, e se compromete menos com a transformação social.

Como destaca a autora, o trabalho doméstico das mulheres foi obscurecido tanto no nível empírico, quanto no teórico. Para a mesma, essa invisibilidade se deve a associação entre as atividades domésticas e as necessidades fisiológicas do corpo humano (comer, dormir, cobrir-se, etc.) concebidas no campo do *natural*, logo desintegradas de reflexões teóricas sobre a produção.

A explicação da subordinação da mulher, em face de sua dependência econômica dentro da família/lar e seu confinamento à esfera doméstica por razões da maternidade, cuidado e criação da prole, certamente não contempla a complexidade da subordinação feminina e a variabilidade de suas práticas nas diversas ideologias de gênero e família. Porém, não se pode negar que o âmbito doméstico se constitui como um dos centros de opressão da mulher na sociedade e que a divisão sexual do trabalho no lar está diretamente entrelaçada à divisão sexual do trabalho fora de casa, na sociedade com um todo (MOORE, 2004; BRUSCHINI, 2006).

Dessa forma, o entrelaçamento entre os âmbitos produtivo e reprodutivo, tal como proposto pela antropologia feminista, configura-se como ponto central de apoio para o tripé analítico (rua, homens pobres e casa) proposto nesta dissertação. Nesse sentido, quando se aborda o trabalho dos homens e as vivências desses com a casa, não se está traçando uma linha divisória entre ambos, ao contrário, a *relação* é o foco de análise.

A partir da compreensão de que a subordinação feminina extrapola as questões da mulher (ou melhor, das diversas mulheres) argumenta-se que o estudo das vivências masculinas, no ambiente doméstico, está sendo realizado dentro de uma perspectiva feminista. Assim, ao focar os homens, busca-se ampliar as compreensões acerca do processo histórico de subordinação das mulheres.

1.2 Relações sociais, poder e homens: a abordagem de gênero

Para J. Scott (1995), gênero dá sentido à organização e à percepção da vida material e simbólica, podendo ser tomado enquanto categoria de análise. Tal abordagem cria condições de possibilidade para a “recusa da construção hierárquica da relação entre homem e mulher nos seus contextos específicos e uma tentativa de reverter ou deslocar seus funcionamentos” (p.17). A definição de gênero, enquanto elemento constitutivo das relações sociais e forma primeira de significar relações de poder, indica referenciais importantes para identificar e avaliar não apenas as desigualdades, mas os diversos mecanismos de suas construções.

Ao afirmar que gênero opera em todos os âmbitos sociais (símbolos culturais socialmente disponíveis; conceitos normativos que categorizam o masculino e o feminino; organizações/instituições sociais e identidade subjetiva), a autora desmistifica a noção de gênero atrelada somente ao sistema de parentesco. Em seus termos: “precisamos de uma visão mais ampla, que inclua não só o parentesco, mas também, (para as sociedades modernas complexas) em particular, o mercado de trabalho, a educação, o sistema político [...] (J. Scott, 1995, p. 21). Dessa forma, ressalta-se a interface entre a perspectiva apresentada por J. Scott (1995) e as reflexões da antropologia feminista perante a afirmação de que as relações de gênero legitimam e regem as relações sociais em todos os âmbitos, seja no privado, seja no público.

J. Scott (1995) também afirma que as múltiplas formas de controle e a subordinação das mulheres ganham sentido se integrada a uma análise da construção e consolidação do poder. Mas o poder não é entendido como um poder unificado, coerente e centralizado. A noção de poder se aproxima da ótica foucaultiana, ou seja, poder entendido como *campos de força*. Poder como relações de poder praticadas e exercidas dentro das relações sociais.

Nesse sentido, o uso dessa abordagem possibilitou a realização de uma dupla tarefa: (1) respaldou a ligação observada entre rua/casa, trabalho/família e (2) ao focar as práticas de poder, as diversas formas de controle e mecanismos de dominação puderam ser observadas e compreendidas. Certamente, as reflexões sobre *reinvenção* do espaço da *casa* pelos homens em situação de desemprego só puderam ser compreendidas, em sua complexidade, levando-se em conta as práticas de poder envolvidas.

Além do que, J. Scott (1995) aponta a necessidade de interligação com outras categorias sociais (como raça/etnia, classe) para melhor compreensão de gênero. Isto possibilita uma análise menos abstrata/universal e mais particularizável, considerando-se os contextos sócio-histórico-culturais experienciado pelas mulheres e pelos homens.

Dessa forma, as observações, dos moradores da comunidade Parque Residencial de Bola na Rede, procuraram compreender as nuances do ser mulher e ser homem de *carne e osso*, que tem suas vidas entrecortadas por diversas categorias sociais (pobreza, raça/etnia, geração, orientação sexual...). Mesmo partindo de recorte de classe, as observações buscaram conhecer a diversidade das experiências, num constante policiamento para que fosse evitada qualquer visão essencialista.

Ainda dentro da abordagem de gênero, uma última questão será problematizada: o gênero enquanto relacional. A importância de tal questão se faz necessária, sobretudo, em face do enfoque das vivências masculinas.

Ao utilizar a categoria *gênero*, parte-se do entendimento de que a ampliação dos estudos das mulheres, para os estudos das relações de gênero, trouxe para a agenda feminista uma maior compreensão e possibilidades de transformação do histórico processo de subordinação das mulheres.

Ao analisar a história do gênero dentro do movimento feminista, Rosi Braidotti (2004) tece várias críticas ao mesmo. Dentre essas críticas, afirma que o conceito de gênero, empregado em oposição aos estudos das mulheres, com o objetivo de maior inserção no mundo acadêmico, acarretou um *desvio* da agenda feminista.

Para a autora, ao incluir os homens na discussão de gênero, tem-se criado uma equivalência ou mesmo uma alternativa aos estudos das mulheres por parte de muitas instituições. As críticas dos homens, referentes à masculinidade, são necessárias, porém a ampliação dos estudos de gênero não possibilita a manutenção da agenda feminista tal como designada. Assim, ao mesmo tempo em que a noção de gênero trouxe uma ampliação para o estudo das mulheres, também se observou um estreitamento dos interesses políticos dentro da agenda feminista.

O objetivo dessa dissertação impede qualquer concordância com esses argumentos. Não se observa estreitamento de perspectiva na abordagem das relações de gênero. Para Teresita Barbieri (1992), as bases que sustentam a inserção do conceito de gênero, como categoria social pelo movimento feminista, visam avançar na compreensão da subordinação das mulheres entendendo ser necessário uma análise de todos os tipos de relação: mulher-mulher; homem-mulher; homem-homem. Sob sua ótica, compreender e explicar a estrutura e dinâmica dos sistemas de gênero não é uma tarefa simples, pois um dos maiores pontos de entrave nesses estudos é exatamente vincular os estudos de gênero somente aos estudos das mulheres.

Considerado como uma das primeiras e mais influentes discussões sobre gênero, o artigo de Gayle Rubin, publicado originalmente no ano de 1975, ao realçar o caráter da construção social, já aponta a faceta relacional do gênero.

Gênero é uma divisão dos sexos socialmente imposta [...]. Os sistemas de parentesco repousam sobre o casamento. Portanto eles transformam machos e fêmeas em homens e mulheres. A divisão dos sexos tem o efeito de reprimir alguns dos traços de personalidade de virtualmente todo mundo - homens e mulheres. O mesmo sistema social que oprime as mulheres nas suas relações de troca oprime todo mundo pela sua insistência numa divisão rígida da personalidade (RUBIN, 1993, p.11-12).

Ao conceituar a noção de gênero, J. Scott (1995) afirma também que informação a respeito das mulheres é necessariamente informação a respeito dos homens, já que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo.

Gênero também põe em relevo o aspecto relacional de definições normativas de feminilidade. Aqueles que se preocupavam com a estreiteza de um saber derivado dos estudos sobre mulher, por focalizar muito separadamente as mulheres, passaram a usar o termo para introduzir a noção relacional em nosso vocabulário. De acordo com esta visão, mulheres e homens eram definidos em termos um do outro e nenhuma compreensão de qualquer dos dois podia ser alcançada por estudo separado (J. SCOTT, 1995, p.3).

Em termos de Brasil, Machado (1992) aponta que, no fim dos anos 80 na academia das Ciências Sociais e de Literatura, quando os estudos de mulher eram suplantados pela perspectiva dos estudos de gênero, a nova proposta além de superar a noção de papel sexual, fixado no campo biológico, buscou ultrapassar também, por ser relacional, a ideia de que gênero referia-se apenas as mulheres.

Segundo Pedro Paulo de Oliveira (2004), de fato, os homens sempre foram objeto das pesquisas em ciências sociais. Entre outros, estudos sobre classe trabalhadora, gangues, delinquência e papéis sexuais não deixaram de tangenciar tal tema. Porém, tais estudos não colocavam os homens e suas condições de ser masculino enquanto foco do debate. Nessa perspectiva, diferencia-se o interesse pelos homens e pelas masculinidades dentro das ciências sociais, na concepção de gênero. No entanto, a revisão da literatura aponta a predominância de pesquisas e reflexões no campo da sexualidade, em detrimento de outros campos, como as questões reprodutivas (GIFFIN, 2005; FIGUEROA, 2004; QUADROS, 2004; ARILHA; MEDRADO; RENDITI, 1998; LEAL; BOFF, 1996).

Segundo Juan Guillermo Figueroa (2004), quando se investiga sobre homens e reprodução, observa-se sérios entraves, principalmente, porque as informações chaves advêm das mulheres, uma vez que são elas que engravidam. No entanto, tal problemática não é “por desconfiar del dato generado con las mujeres, sino porque se investiga sobre las mujeres” (p.25).

Como enfatiza Marion Quadros (2006), as pesquisas brasileiras sobre homens e masculinidades, que incorporam as questões de gênero no âmbito da reprodução, têm como foco privilegiado a paternidade. Entretanto, a ênfase, de tais estudos, recai sobre o significado da paternidade em decorrência de novas tecnologias reprodutivas, contracepção ou gravidez (FONSECA, 2004; LEAL, 2000), ou problematizam a

questão da participação paterna (OLIVEIRA, 2009; LONGHI, 2001; MARCONDES, 1999; QUADROS, 1996; LYRA, 1997; STOLKE 1987).

Ao enfatizar a participação paterna, a maior parte das pesquisas tem se preocupado mais com o envolvimento entre pais e filhos, relacionando-o ao debate sobre saúde reprodutiva (GOMES; RESENDE 2004; CARVALHO 2003). Assim, “os desdobramentos atuais, dos estudos sobre paternidade, parecem ter relegado a análise da relação entre o exercício da paternidade e a realização de atividades domésticas a um segundo plano” (QUADROS, 2006, p. 60).

Ampliando tais críticas, no sentido da relação entre as esferas da produção e da reprodução, observa-se a necessidade de reflexões que levem em consideração os homens e sua relação com a esfera privada, o espaço doméstico (QUADROS, 2006; GROSSI, 1995; P. SCOTT, 1990).

Nesse sentido, argumenta-se que gênero, enquanto categoria relacional, configura-se mais como um projeto a ser alcançado do que como uma real modificação na forma de conduzir a discussão (NASCIMENTO, 1999). Dessa forma, com o objetivo de focar os homens na relação com a casa, a partir das vozes masculinas, acredita-se que a efetividade da abordagem relacional de gênero certamente pode lançar as bases para a ampliação das compreensões acerca do processo histórico de subordinação das mulheres, bem como a superação dessas hierarquias.

Por fim, pontua-se que, através dessas bases teóricas, iniciei a *aventura de campo* e vivenciei minhas longas caminhadas de casa em casa entre as famílias da comunidade Parque Residencial Bola na Rede. No próximo capítulo, encontra-se descrito o processo de *observação participante*, a partir do qual se contextualiza o universo social dos moradores e, em particular, dos informantes-chaves desta pesquisa.

2. OBSERVAÇÕES DO CAMPO

Em relação ao instrumento metodológico desta pesquisa, a *observação participante* foi a ferramenta privilegiada. Norteada pelos pressupostos da antropologia interpretativa, as observações seguiram no campo dos *significados*. A partir do entendimento de que cultura não é nem uma realidade *superorgânica* (com forças e propósitos em si), nem mesmo é um *padrão bruto de acontecimentos comportamentais*, a compreensão dos *ditos* e *significados* não está focada no que as pessoas fazem, mas nos significados do que elas fazem e nas interpretações que fazem das ações uma das outras (GEERTZ, 1989).

Ressalta-se que os significados não são intrínsecos aos objetos, atos, ações e processos. Eles são construídos nas experiências dos indivíduos e grupos de indivíduos, e é nessa textura de constituições, sob a direção dos símbolos, que as pessoas percebem, sentem, raciocinam, julgam e agem (GEERTZ, 1989).

Os processos culturais, como sistemas de significados construídos, que regem as experiências dos moradores da comunidade de Parque Residencial Bola na Rede, procuraram ser lidos e interpretados. Mas essas interpretações, longe de almejar organizar uma leitura harmônica ou unidirecional, buscaram instigar uma leitura que possibilite a visualização das elipses, das polissemias, das incoerências, das contradições ou mesmo dos “não-ditos” do fluxo do discurso social. Nesse conjunto, as relações construídas, entre pesquisadora e grupo investigado, também foram consideradas.

Dessa forma, o presente capítulo busca apresentar, de maneira sintética, as experiências dessa *observação participante*. Na primeira seção, são descritos os caminhos desse processo. Como a entrevista foi a principal técnica do trabalho de campo, descrevem-se também suas formas de utilização. Em seguida, busca-se caracterizar a comunidade na qual a pesquisa foi realizada. Por fim, são apresentados os entrevistados homens que serão os principais atores dos próximos capítulos.

2.1 Descrevendo as experiências da *observação participante*

O trabalho de campo ocorreu entre os meses de janeiro e junho de 2009. Nesse período realizei visitas diárias a comunidade a fim de construir uma relação de proximidade e convivência com os moradores e suas famílias. Enquanto pesquisadora,

já tinha um histórico⁴ de relacionamento com a comunidade, o qual é apontado como facilitador da inserção *no campo*.

Porém, o início desse trabalho é marcado por um misto de emoções diversas. O desejo e a vontade de iniciar a pesquisa mesclavam-se com os mistérios construídos sobre o *rito de passagem* de uma iniciante no campo da etnografia. Apesar da experiência prévia com a comunidade, os receios eram muitos, tais como: quanto à receptividade dos moradores para a temática da pesquisa, quanto ao “consentimento” das mulheres para conversar com seus maridos/companheiros em situação de desemprego e quanto à “disponibilidade” dos homens para falar sobre assuntos relativos a casa...

Imersa nestas expectativas, decido entrar em contato com a agente comunitária de saúde (ACS) que tinha me auxiliado na ocasião do desenvolvimento do projeto de extensão universitária. Na primeira semana de janeiro, telefono para a mesma, informo sobre a proposta de realizar a pesquisa de campo e ela se mostra bem receptiva, o que me parece um ótimo sinal!

Esse sinal realmente se concretiza em ótima recepção para o trabalho de campo. No primeiro dia de conversa com a ACS, no Posto de Saúde da Família (PSF), localizado dentro da comunidade, me ofereço para acompanhá-la nas visitas domiciliares⁵ nos próximos meses, e ela não coloca nenhum empecilho.

Foram seis meses de visitas na comunidade, realizadas entre a segunda e quinta-feira, sempre no período diurno, por volta das 9h até em torno das 14h. Na sexta-feira, não havia visitas, porque era o dia da reunião com a equipe de profissionais deste PSF. Nestes meses também não foram realizadas visitas nas duas últimas semanas de fevereiro (período de carnaval) e em dias de chuvas, visto as complicações no acesso à área visitada (ruas íngremes e de barro).

Em face da distribuição territorial, esta ACS era responsável por uma área da comunidade na qual moravam 108 famílias. Durante o mês, pelo menos uma visita domiciliar tinha que ser feita em cada família. Eram cerca de quatro a cinco visitas por

⁴ A primeira aproximação com a comunidade consolidou-se via participação em Projeto de Extensão Universitária da UFPE, no ano 2007. O projeto desenvolveu atividades com adolescentes residentes na comunidade. Em 2008, retornei a comunidade para aplicação de questionários semi-estruturado com os moradores homens, em face da participação na pesquisa Masculinidades e Práticas de Saúde (pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades – GEMA/UFPE).

⁵ De acordo com a lei Lei 10.507/02 que regulamenta a profissão de ACS, dentro do PSF, entre as atribuições deste profissional estão a realização de visitas domiciliares, com vistas a construir relações mais próximas entre a comunidade e as instâncias de saúde.

dia. É importante ressaltar que, nas visitas, o diálogo era prioritariamente feito com a mulher. Em casos da mulher não estar, a ACS, mesmo com o companheiro/marido estando em casa, em geral, não realizava a visita domiciliar.

No período do trabalho de campo, tive a oportunidade de visitar 77 domicílios, realizando cerca de três a quatro visitas em cada um desses. Tal como tive um bom acolhimento pela ACS, a maioria das famílias (mais especificamente as mulheres, visto que era a elas que a ACS se dirigia) me recepcionou de forma muito afetuosa.

Nesse contexto, dois elementos chaves são interpretados como facilitadores dessa recepção tão positiva e profícua: a inserção nas famílias acompanhada por uma ACS, que era bastante respeitada entre os moradores, e o conhecimento dos moradores de que sou psicóloga.

A popularidade, o compromisso profissional e a postura ética desta ACS com os moradores favoreceram, incomensuravelmente, minha inserção e acolhimento dentro das famílias. Ante o convívio com outras ACSs e profissionais do PSF, percebi que nem todas as ACSs tinham essa “popularidade” entre os moradores; nem tão pouco realizavam visitas domiciliares, com a continuidade e a frequência diária, tal como a ACS, que acompanhei, fazia e/ou possuíam uma postura ética, a partir da qual alguns moradores se sentiam confiantes em lhe contar assuntos pessoais. Nesse sentido, entendo que as particularidades da ACS, que estive ao lado, contribuíram, de maneira singular, para o êxito do trabalho.

O conhecimento por alguns moradores de que sou psicóloga é interpretado como outro elemento facilitador da boa receptividade na pesquisa de campo. A simbologia da visita de uma *psicóloga* foi sentida como um fator que me “abriu” as portas das casas e disposições para muitas conversas.

Nessas visitas, em geral, a ACS realizava recadastramento das famílias (o número de mudanças entre moradores, para casas na mesma área, era elevado); analisava os cartões de vacinação das crianças e procurava informações sobre casos de doenças na família.

Na medida em que acompanhava a ACS, dentro das casas, procurava entender o contexto domiciliar dos moradores. Nas visitas, observava a estrutura e as condições de vida das famílias. Diante da boa receptividade, mais do que observar, fui, gradativamente, participando das conversas e direcionando-as para assuntos que me possibilitassem compreender a configuração e as formas de provimento familiar dos moradores. Essas informações foram de crucial importância, visto que a seleção de entrevistados foi organizada a partir das mesmas.

Dessa forma, argumenta-se que a experiência das visitas domiciliares foi extremamente singular e decisiva para o êxito da pesquisa. A partir dessas visitas, pude: (1) realizar um mapeamento da comunidade e da conjuntura familiar de seus moradores, (2) construir vínculos de proximidade e (3) identificar informantes-chaves para realização de entrevistas individuais.

2.1.1 O processo de entrevista

Após o mapeamento da comunidade e da identificação dos informantes-chaves, a entrevista semiestruturada foi a principal técnica de coleta de dados. O roteiro da entrevista (**anexo 1**) foi construído em três partes. A primeira parte, elaborada com perguntas semidirigidas, contemplou quatro linhas de reflexão: *comunidade, trabalho, casa e família*. O primeiro bloco de perguntas abordou as relações entre o entrevistado e a comunidade, já que buscava-se entender o contexto local em que o entrevistado estava inserido. As perguntas sobre trabalho masculino e feminino, fontes de renda familiar e distribuição das despesas domésticas foram agrupadas no bloco sobre trabalho. O terceiro eixo focou questões sobre a organização doméstica. Por fim, foram investigadas questões relativas à chefia e à conjuntura familiar.

A segunda parte do roteiro de entrevista, em caráter mais diretivo, buscou compreender as frequências da realização das atividades domésticas e opiniões sobre ditos “populares”, que versam sobre configurações de gênero na relação público-privada.

No quadro de frequências, foram descritas oito atividades: duas relacionadas a alimentação (compra e preparação/cozimento de alimentos), duas mais relacionadas com serviços internos (arrumação da casa e lavagem de roupas), três relativas a cuidados de filhos (banho nas crianças, levar para escola e passeio com as crianças) e uma sobre consertos domésticos (instalações elétricas, pintura, encanamentos hidráulicos). As frequências foram agrupadas em cinco categorias: dias da semana (com duas subcategorias: 1-2 vezes e 3-5 vezes); fins de semana, todos os dias, raro e nunca. Nesse quadro, também foi reservado um espaço para registro de comentários. Ressalta-se essa informação, sobretudo porque a elaboração de tal quadro visava, através de um instrumento mais quantitativo, auxiliar na compreensão dos dados qualitativos (gerados, em predominância, na primeira parte do roteiro).

Em relação aos ditos populares, foram citados seis: (1) *A mulher manda na casa, mas o homem manda na mulher*; (2) *A mulher tem o mesmo direito que o homem de trabalhar fora de casa e estudar*; (3) *O trabalho mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar para sua família*; (4) *Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas de mãe*; (5) *O pai pode cuidar de crianças tanto quanto a mãe* e (6) *Quando tem que tomar decisões em casa, é o homem quem deve ter a última palavra*. Após a leitura de cada dito popular, era perguntado se o entrevistado concordava inteiramente, concordava parcialmente ou não concordava com o dito popular e o porquê da resposta.

A terceira e última parte buscou mapear o perfil dos entrevistados e entender o quadro familiar no qual o mesmo está inserido. Em relação ao perfil, foram contempladas as seguintes informações: idade, raça/etnia, religião; escolaridade; fontes de provimento e renda familiar.

Respalhando os procedimentos éticos, no início de cada entrevista era lido e comentado o termo de consentimento informado (**anexo 2**) para o entrevistado, bem como assinado e entregue uma cópia do termo para o mesmo. As informações relatadas foram registradas com o auxílio de um gravador de áudio, sendo sempre informado e permitido o uso do mesmo pelo pesquisado. Um roteiro-piloto de entrevista foi realizado com dois moradores da comunidade, um homem (45 anos) e uma mulher (32 anos). A partir de então, após algumas modificações e adaptações, foram feitas seis entrevistas com homens e seis com mulheres. Apenas um homem e uma mulher eram cônjuges um do outro. A seleção dos entrevistados aglutinou critérios objetivos e subjetivos. No tocante aos homens, os critérios objetivos foram dois: co-residência com uma mulher e estar em situação de desemprego⁶. Quanto às mulheres, o critério seguia a mesma direção: co-residir com um homem que estava em situação de desemprego. A afinidade e a relação de maior proximidade com alguns moradores também foram critérios importantes para essa seleção. Em média, cada entrevista durou cerca de uma hora e foi realizada na casa dos moradores.

Ressalta-se que, mesmo sendo os homens o foco, as entrevistas com mulheres foram realizadas em face das seguintes combinações: maior contato com as mulheres, a partir das visitas domiciliares, e receio quanto à *disponibilidade* dos homens para realização de entrevistas. Felizmente, este receio de *disponibilidade* masculina para conversar assuntos de *casa*, com uma pesquisadora mulher, não foi concretizado, pois só um homem se negou a realizar a entrevista.

⁶ Relembra-se que o uso do termo *desemprego* refere-se estritamente ao mercado formal trabalho.

Dessa forma, ressalta-se que o corpus de análise desta dissertação reúne o conjunto de visitas domiciliares e entrevistas, porém as análises tecidas nos próximos capítulos enfatizarão prioritariamente os dados das entrevistas com os homens⁷, em face da combinação do objeto de estudo, da qualidade e detalhamento das informações construídas.

Na análise das entrevistas, o instrumento metodológico utilizado foi a *Análise de Conteúdo* (BRADIN, 2004), na modalidade *análise temática*. Operacionalmente, três etapas de análise foram realizadas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados/interpretações (MINAYO, 2007). Primeiramente, foi realizada uma *leitura flutuante* das entrevistas. Em seguida, as informações foram agrupadas nos quatro temas abordados na entrevista: comunidade, trabalho, casa e família. Para cada entrevista, foram elaboradas essas grades de análise temática, onde foram reunidos todos os trechos de falas relativos à temática e, posteriormente, construído um resumo das informações. Por fim, as grades de análise foram relacionadas e interpretadas.

2.2 Parque Residencial Bola na Rede: caracterizando a comunidade

Aqui se nasce pobre, se vive pobre e se morre pobre!

Parque Residencial Bola na Rede localiza-se dentro do bairro da Guabiraba, o qual se encontra a noroeste da Cidade do Recife e juntamente com os bairros de Passarinho, Brejo da Guabiraba, Brejo de Beberibe, Pau Ferro, Córrego do Jenipapo, Macaxeira e Nova Descoberta, compõe a microrregião 3.3, da Região Político-Administrativa 3 (**anexo 3**). Em seu conjunto, esses bairros são espaços de habitações populares que apresentam grandes áreas de pobreza ou extrema pobreza.

A comunidade fica numa região periférica do Recife, já em proximidade com outra cidade pernambucana (Paulista). Nas palavras de Seu José⁸ (40 anos), a síntese dessa distância: *Bola na Rede, Eita fim de mundo!*⁹

⁷ Em vista de possíveis desdobramentos desta dissertação, as entrevistas com as mulheres serão reservadas para análises futuras.

⁸ Respeitando os procedimentos éticos de pesquisa, todos os nomes dos moradores e entrevistados mencionados são fictícios.

⁹ Para diferenciar as citações de textos acadêmicos, as informações do diário de campo e as falas dos entrevistados, que aparecem no corpo do texto, serão colocadas em itálico e não entre aspas.

O acesso à Bola na Rede, tal como nomeiam os moradores, é realizado através de uma pista local que faz ligação com a BR 101 Norte. Nas proximidades de sua entrada, encontram-se postos de gasolina, motéis e fábricas de produtos alimentícios e de bebidas. No outro extremo, os limites são demarcados por parte da área de Zona Especial de Proteção Ambiental (ZEPA¹⁰) - ZEPA Guabiraba/Pau-ferro. Pela configuração geográfica, a entrada na comunidade promove a sensação da entrada numa *toca* com apenas uma porta de acesso.

Bola na Rede foi construída há aproximadamente 27 anos, a partir de um convênio firmado entre o Governo do Estado e a Companhia Habitacional de Pernambuco (COHAB/PE). Nesse convênio, 380 famílias *ganham* casa própria. Essas famílias foram removidas de uma favela que estava sendo formada próximo ao bairro do Rosarinho (considerado uma área nobre da Cidade do Recife). Ao escutar as histórias sobre as origens da comunidade, a política governamental parece óbvia: os *pobres* precisam ser escondidos!

Atualmente são contabilizados, pela equipe do PSF, cerca de 1.500 famílias morando na comunidade. A construção de casas e barracos é crescente, com algumas construções já ocupando a área de ZEPA.

A expansão da comunidade ocasionou a formação de quatro sub-regiões: Bola na Rede centro, Cascatinha, Bom Clima e Morada Verde¹¹. Estas sub-regiões têm características singulares. *Bola na Rede centro* é a vila de origem. *Cascatinha* e *Bom Clima* são áreas de invasões que se iniciaram há cerca de 10 anos, em torno da vila de origem. Em *Morada Verde*, predominam casas tipo chácaras e granjas, nas quais alguns moradores da comunidade fazem serviços domésticos ou trabalham como caseiros.

As observações de campo concentraram-se na subárea de **Bom clima**, que é uma das áreas de invasão. Essa concentração deve-se exclusivamente pelo fato desta ser a área de trabalho da ACS que acompanhei. Nesse sentido, a caracterização que se segue busca a compreensão da comunidade como um todo, no entanto foram ressaltadas as particularidades da subárea de Bom-Clima.

Em termos gerais, observa-se que a comunidade não dispõe de infraestrutura básica de urbanização. Os serviços de saneamento básico não atendem a demanda da população. Encontra-se, ao longo das ruas, sobretudo nas sub-regiões de Bom Clima e

¹⁰ As ZEPAs são áreas que apresentam condições excepcionais de matas, mangues, lagos e açudes. http://www.recife.pe.gov.br/2008/07/24/prefeitura_regulamenta_18_zepas_no_recife_163228.php

¹¹ Essa divisão é nomeada apenas entre os moradores e para fins de divisão de área para o trabalho das Agentes Comunitárias de Saúde.

Cascatinha, pontos de esgoto a céu aberto, o que propicia a reprodução e proliferação de mosquitos, insetos e roedores tão comuns na comunidade. Nestas sub-regiões, são comuns também sulcos de chorume (líquidos advindos dos lixos e esgoto) que formam caminhos no chão de barro (existe apenas pavimentação nas ruas da sub-região de Bola na Rede Centro). Existe lixo espalhado por toda a comunidade, a coleta pública é bastante deficitária.

Em relação aos serviços públicos de educação, não há creches e nem escolas municipais na comunidade. Existem apenas escolas particulares de pequeno porte, que oferecem formação em ensino fundamental de 1ª a 4ª série (uma delas trabalha em convênio com a Prefeitura do Recife). Só há uma escola pública estadual. Esta oferece formação em ensino fundamental de 5ª a 8ª série e ensino médio, localizada em Bola na Rede centro.

As lacunas nos serviços de segurança pública são visíveis. Não há posto de segurança pública. Durante todo o trabalho de campo, não observei nenhum carro da polícia ou policiais circulando na comunidade. Nos relatos sobre segurança, a localização geográfica é apontada como um fator agravante. Segundo Tiago (30 anos): *se precisar de polícia aqui, passa cem anos pra chegar* (DC 21/01/09). Em uma de nossas conversas, a ACS me relata que a comunidade serve de esconderijo a muitos ladrões: *[...] como é uma área de mata é uma área ótima para se esconder da polícia. Os caras daqui roubam e vão pro presídio, então eles avisam aos outros presos que qualquer coisa pode se esconder aqui que ninguém acha* (DC13/01/09).

A rede de transporte público corrobora a lista de desprovimento de serviços básicos de urbanização. No acesso da comunidade ao centro da Cidade do Recife, não existe linha de ônibus de transporte direto. As linhas de ônibus são integradas, através do Sistema Estrutural Integrado de Recife (SEI) e, por esse sistema, apenas uma linha de transporte público atende a comunidade. Para a maior parte dos moradores, a facilidade desse sistema integrado fica apenas no plano ideal. Os valores das tarifas são considerados onerosos para a realidade financeira dos mesmos.

Nesse contexto, um fato a ser considerado é que essa única linha de ônibus só circula na área de Bola na Rede centro, onde as ruas são asfaltadas. Para ter acesso ao ônibus, os moradores, das outras sub-regiões, têm que se deslocar ao centro da vila, numa caminhada de aproximadamente 25 minutos. Esse fato foi sempre relatado como um dos pontos de dificuldade da população, no tocante à circulação por outros bairros. Era constante ouvir reclamações, de pessoas doentes e/ou com dificuldades de deslocamento devido à idade, em relação ao atendimento de transporte público.

Para os moradores de Bom Clima, a dificuldade se agrava devido às áreas íngremes que caracterizam o acesso à sub-região. Ao se localizar na parte mais alta da comunidade, o percurso de Bola na Rede centro a Bom Clima se realiza através da alternância de partes planas e de ladeiras de barro, cheias de lixo e que, durante os períodos de chuvas, ficam praticamente intransitáveis.

A ênfase, na questão do transporte público, lança luzes para uma característica elementar: a *restrição de circulação* dos moradores por outras comunidades. Entre as idas e vindas do campo, nas conversas e observações diárias, fui notando que a região, destinada à construção da comunidade de Bola na Rede, não favorece e, em alguns casos, até limita a circulação dos moradores por outras regiões da cidade.

Ressalta-se que essa *restrição de circulação* apresenta um importante diferencial de gênero. Como meu acesso à comunidade era através dessa linha de transporte, pude observar que a *circulação* dos moradores fazia-se, sobretudo, em função do deslocamento trabalho-casa ou vice-versa. Nesse sentido, percebe-se que o fluxo de mulheres, dentro da linha de ônibus, que dá acesso à comunidade, é maior do que os moradores homens. Observam-se muitos homens, mas não são moradores, são empregados das fábricas que ficam próximas à comunidade.

A relação se inverte quando se trata dos espaços dentro da comunidade. Neles a *presença masculina* é majoritária. A quadra poliesportiva, construída com apoio financeiro de uma fábrica de bebidas, que se instalou vizinha a comunidade, é utilizada, essencialmente, por meninos, rapazes e adultos homens. Seja para jogar bola, o principal esporte praticado, seja conversando na arquibancada, eles são maioria.

A praça, localizada na área de Bola na Rede centro, também é utilizada mais por moradores homens do que por moradoras. Frequentemente, eles estão conversando ou jogando dominó. Diferentemente dos ônibus, na praça as transeuntes são as mulheres que passam em direção ao principal ponto de comércio (padaria, açougue e outras pequenas vendas de materiais diversos etc.), localizado na proximidade da praça.

Essas informações contribuem para a compreensão da relação dos homens com a comunidade que, em face da conjuntura geográfica (que também envolve questões sócio-políticas), apresenta-se menos ligada com a *rua*, enquanto sinônimo de trabalho, e mais ligada com a *casa*. Tal ressalva se faz importante, visto que há uma *rua* próxima a *casa*, no campo da comunidade. É um espaço que fica fora da casa, mas é bastante próximo, permitindo entradas e saídas constantes.

2. 3 Apresentando os entrevistados

Em vista dos entrevistados homens se configurarem como os principais atores dos próximos capítulos, será realizada uma caracterização dos mesmos. As informações estão baseadas na terceira parte do roteiro de entrevista (perfil e quadro familiar).

Josivaldo tem 27 anos, declara-se pardo e vive em Bola na Rede há aproximadamente nove anos (subárea de Bom Clima). Atualmente mora com Eliane (32 anos) e tem uma filha com ela (8 meses). Eliane tem duas outras filhas (12 e 9 anos) que também moram com o casal. A casa, onde está morando, é de propriedade de Eliane, mas ele também tem uma casa nas proximidades, que está alugada. Quanto à religião, Josivaldo se classifica como evangélico da Assembléia de Deus, mas afirma que, desde que iniciou o relacionamento com Eliane (cerca de um ano), não mais frequenta os cultos. Em relação ao nível de instrução, afirma que sabe ler e escrever, mas não chegou a concluir o ensino fundamental completo. No momento da pesquisa, encontra-se em situação de desemprego e a renda da família, que é em torno de R\$ 400,00, é advinda prioritariamente do trabalho extra-doméstico da companheira, que trabalha como faxineira.

Renato tem 26 anos, declara-se pardo e vive em Bola na Rede há aproximadamente um ano (subárea de Bom Clima). Morava na Bomba do Hemetério (Recife-PE) com a mãe e os irmãos. Passou a morar em Bola na Rede quando foi morar com Luíza (29 anos), sua atual companheira. Tem uma filha de 2 anos com Luíza, a qual já tinha dois filhos (15 e 5 anos). Na casa, que é de propriedade da mãe dela, moram ele, a mulher, a filha e o filho mais novo de Luíza. Entre as casas visitadas, esta é uma das que menos têm móveis. Na sala, só uma televisão antiga de 14' e um móvel bem velho, sobre o qual fica a TV. Quanto à religião, Renato diz que há três meses é evangélico da Assembléia de Deus. A frequência aos cultos é nos fins de semana. Segundo seu relato, passou a ser evangélico para: *sair dessa vida, deixar de fumar e beber*. Em relação ao nível de instrução, diz ter estudado até a 3º série do ensino fundamental. No momento da pesquisa, encontra-se em situação de desemprego e a renda da família, que é em torno de R\$ 120,00, é prioritariamente advinda do Programa de Transferência de Renda Bolsa Família.

Alessandro tem 26 anos, declara-se negro e mora em Bola na Rede há cerca de nove anos (subárea de Bom Clima). Ele mora com Marina (32 anos) há cerca de 10 anos e tem uma filha (9 anos) e um filho de (6 anos) com ela. Eles moram na casa onde a mãe dele morava quando estava viva. A casa é bem pequena, mas possui cinco cômodos, um quintal e é de alvenaria. Quanto à religião, Alessandro se classifica como evangélico da Assembléia de Deus, mas diz que quase nunca vai aos cultos. Em relação ao nível de instrução, cursou o ensino fundamental completo. No momento da pesquisa, Alessandro se encontra em situação de desemprego e a renda da família, que é em torno de R\$ 240,00 é advinda prioritariamente do Programa de Transferência de Renda Bolsa Família e do trabalho extra-doméstico da companheira, que faz faxina.

Robson tem 48 anos, declara-se negro e mora em Bola na Rede há aproximadamente 13 anos (subárea de Bom Clima). Robson mora com Edna (37 anos) e tem dois filhos (14 e 6 anos) com ela. A sua mulher, de um outro casamento, tem uma filha de 15 anos, que mora no Rio de Janeiro. A casa é de propriedade de Robson. O terreno foi invadido e a casa foi sendo construída ao longo de vários anos. Esta é de alvenaria, rebocada e pintada. Entre as casas dos entrevistados, é uma das que apresentam melhores condições sócio-econômicas, com móveis relativamente novos, portas e janelas em bom estado de conservação. Quanto à religião, Robson afirma ser católico, mas diz que não frequenta missas e raramente vai à igreja. Em relação ao nível de instrução, cursou o ensino fundamental completo e relatou estar estudando para concluir o ensino médio (está cursando o 3º ano, na escola estadual localizada dentro na comunidade). No momento da pesquisa, encontra-se em situação de desemprego e a renda da família, que é em torno de R\$ 300,00, é prioritariamente advinda do Programa de Transferência de Renda Bolsa Família e do trabalho extra-doméstico de sua companheira, que atualmente é vendedora ambulante na Central de Distribuição de Frutas e Verduras de PE (CEASA).

Alberto tem 40 anos, declara-se pardo e mora em Bola na Rede há cerca de 13 anos (subárea de Bom Clima). Ele se considera o fundador dessa subárea: *A primeira mudança que veio aqui para cima foi a minha. Vim para cá. Teve uma invasão, aí eu vim para cá e daqui fiquei.* Alberto mora com Claudia (37 anos) e tem quatro filhos. Três deles são homens (13, 11 e 8 anos) e uma menina (6 anos). A casa, onde eles moram, possui dois cômodos e um quintal grande. A casa é de barro. Durante as visitas em sua casa, Alberto estava construindo um cômodo de tijolo. Quanto à religião, Alberto diz que não tem religião nenhuma. Em relação ao nível de instrução, ele nunca estudou e não sabe nem ler nem escrever. Quanto ao trabalho, Alberto diz que é

pedreiro e trabalha de domingo a domingo. A renda familiar de Alberto é uma das maiores rendas entre os entrevistados: R\$ 500,00. Esta renda é advinda de seus serviços como pedreiro, do Programa de Transferência de Renda Bolsa Família e do trabalho extra-doméstico da companheira, que faz alguns serviços esporádicos como diarista e é babá.

Claudio tem 44 anos, declara-se branco e mora em Bola na Rede há cerca de 11 anos (subárea de Bom Clima). Veio morar quando soube da invasão: *ouvi falar nessa invasão logo no início, aí eu vim atrás de procurar terreno, aí arrumei um terreno, comprei, aí fiquei morando de lona*. Claudio mora com Nelita (33 anos) e tem três filhos com ela (uma filha de 14 anos e dois filhos 13 e 8 anos). Atualmente, Claudio mora numa casa alugada, onde também trabalha. Um dos cômodos foi adaptado para ser uma “barraca” (tipo mercearia). Quanto à religião, Claudio diz que não tem religião nenhuma. Em relação ao nível de instrução, ele não concluiu o ensino fundamental, pois estudou, apenas, até a 3ª série. Em relação ao trabalho, Claudio se encontra em situação de desemprego, mas tem esta barraca. O provimento familiar é em torno de R\$ 500,00 e é advindo da rentabilidade desta barraca, na qual ele trabalha todos os dias.

Portanto, observa-se que os entrevistados: (a) encontram-se em faixa etária que varia entre 26 e 48 anos, com predominância de dois intervalos¹² (26-27 anos e 40-48 anos); (b) apenas um se declara branco, os outros se classificaram como negros ou pardos; (c) todos têm filhos (em fase de infância e/ou pré-adolescência); (3) Apenas um não se considera desempregado; (d) As rendas familiares variam entre R\$ 120,00 e R\$ 500,00 (máximo de um salário mínimo¹³); (e) não se constituem como os únicos provedores da família (ou mesmo o principal), pois os rendimentos do trabalho extra-doméstico das mulheres e do programa Bolsa Família são significativos; (f) apresentam um baixo nível de instrução escolar, um nem chegou a ser alfabetizado e apenas um deles estudou além do ensino fundamental; (g) em média, moram há 10 anos na comunidade, especificamente na subárea de Bom Clima - apenas um mora há um ano – inclusive um se considera o fundador dessa subárea e (h) a relação conjugal com a companheira é em média de 12 anos, exceto para os dois primeiros, que têm cerca de um ano relacionamento, cada um.

¹² Inicialmente não estava previsto essa diferença etária, mas em face de tal configuração, as interpretações construídas levaram em consideração o fator geração e procuram observar e destacar as nuances entre ambos os grupos.

¹³ Com referência no semestre de realização da pesquisa (janeiro-junho de 2009), o valor do salário mínimo era de R\$ 465,00.

3. TRABALHO MASCULINO E PROVIMENTO

Miguel Vale de Almeida (1995) argumenta que *ser homem* é muito mais do que: (1) não ser mulher e (2) ter um corpo que apresenta órgãos genitais masculinos. Há que se levar em consideração que, nas construções ideológicas e no processo de interação social, o *ser homem* não se reduz aos caracteres sexuais masculinos. Um conjunto de atributos morais e de valores (sancionados, constantemente reavaliados, negociados e relembrados) constitui esse *ser homem*. Dentre os atributos, o provimento econômico da prole, no lar, se configura como um dos pilares.

Apoiando-se nos trabalhos antropológicos de David Gilmore, o autor enfatiza que a masculinidade, de forma geral, pode ser definida a partir de três injunções morais: um homem deve engravidar uma mulher, deve proteger os dependentes do perigo e deve prover os parentes. “Os homens alimentariam sua sociedade vertendo sangue, suor e sêmen, ao passo que as mulheres alimentariam os outros diretamente com os seus corpos, o seu leite e o seu amor” (VALE DE ALMEIDA, 1992, p. 148).

Em termos das categorias morais que organizam a vida dos pobres urbanos brasileiros, Cynthia Sarti (2005) também pontua que a identidade masculina, na família e fora dela, está diretamente relacionada com o valor do trabalho. O trabalho é uma das categorias de localização no mundo social desses pobres. Trabalhar significa não somente geração de renda, mas também, principalmente, construção, promoção e a manutenção da moral dos pobres. É muito mais que um instrumento de sobrevivência material, mas se constitui em um dos eixos que forja o *ser homem*:

O valor moral do trabalho, com o benefício que dele decorre, não se inscreve, então, apenas dentro da lógica do cálculo econômico do mercado. Através do trabalho, os pobres constroem uma idéia de autonomia moral, atualizam seus valores masculinos como a disposição para trabalhar e a força (não só física, mas moral), que faz o homem ser homem (SARTI, 2005, p. 95).

O trabalho associa-se, intrinsecamente, ao provimento familiar. A imagem de *homem trabalhador* coaduna-se com a categoria *pai de família*, de forma que o trabalho é concebido como instrumento que viabiliza o projeto da vida familiar. O sentido do trabalho, para a família, entrelaça a autoridade masculina, a qual se define, processualmente, na imbricação de homem que tem força e disposição para trabalhar com a moral do provedor, que traz dinheiro para dentro de casa (SARTI, 2005).

A autora também descreve, em seu balanço dos estudos sobre famílias pobres brasileira, a forte presença de uma ordem dicotômica e heteronormativa, onde homens e mulheres possuem atribuições específicas. Ao homem, cabe a chefia da família, enquanto que à mulher, cabe a chefia da casa. Nessa diagramação, a noção de família engloba a noção de casa, logo, enquanto cabe ao homem fazer a mediação da casa com o mundo externo, a mulher mantém a unidade do grupo familiar.

A distribuição da autoridade na família baseia-se numa divisão complementar. O homem configura-se como autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. A mulher é a responsável pelo cuidado e zelo da casa e dos membros de sua família. Nesse conjunto, a fidelidade conjugal para com o marido/companheiro aliada a esse cuidado alimentam a honra da mulher, componente indispensável para reforçar a autoridade masculina e sua respectiva honra (SARTI, 2005).

No entanto, em face da situação de pobreza das famílias, várias são as dificuldades encontradas para manter essa divisão complementar. Quando o homem pobre não consegue desempenhar o que se espera de sua função de provedor, é sobre o mesmo que recai o peso do *fracasso*: “A autoridade masculina é seguramente abalada se o homem não garante o teto e o alimento da família, funções masculinas, porque o papel de provedor a reforça de maneira decisiva” (SARTI, 2005, p. 67).

Em estudo das representações dos moradores da Cidade de Deus/RJ, acerca da pobreza vinculada ao consumo alimentar nas unidades domésticas, Alba Zaluar (1985) também observou uma configuração dicotômica de gênero no tocante às estratégias alimentares. De forma geral, enquanto o homem é o responsável por *botar a comida pra dentro*, a mulher é a responsável pelo controle e pelo consumo, economizando nas compras e não desperdiçando na produção de alimento dentro de casa. É atribuição da mulher fazer com que as compras durem até o fim do mês. Se o chefe não consegue colocar comida em casa e precisa da *ajuda* da mulher ou de algum filho, o seu *status* diminui frente ao grupo familiar.

As condições de trabalho e geração de renda por parte desses homens, moradores de classes populares, em muitos casos, não possibilitam a manutenção da função de *homem provedor*, nos moldes tradicionais. Segundo Zaluar (1985), desde a recessão econômica, entre os moradores por ela estudados, vários foram os arranjos internos à unidade doméstica para manter o padrão de vida que separa a pobreza da miséria: criação de animais de pequeno porte (porcos, galinhas, patos) para alimentação familiar, trabalho feminino, realização de pequenos serviços por parte das crianças...

Em pesquisa sobre estratégias de sobrevivência e complementação de fontes de renda em comunidades pobres da Região Metropolitana do Recife/PE, Roberto Motta e P. Scott (1983) apontam que o desenvolvimento capitalista, ao mesmo tempo em que excluiu uma parte substancial de trabalhadores, em antítese, gerou a inclusão, dentro da mesma formação social, de modos subsidiários de produção ou de estratégias relativamente informais de captação de renda.

Várias são as estratégias postas em ação pelos membros familiares para manutenção do provimento: recurso ao mercado de trabalho, com procura de trabalhos que possam complementar a renda; produção doméstica (trabalho doméstico remunerado; serviços feitos por crianças; plantio, criação e coleta de alimentos, animais e outros materiais); transferências e doações (inscrição em programas de transferência de renda e formas de clientelismo); pedidos de créditos e empréstimos a particulares ou estabelecimentos comerciais do bairro; formação de redes de ajuda mútua entre familiares e/ou instituições religiosas (MOTTA; P. SCOTT, 1983).

Diante do exposto, tendo em vista o trabalho na rua como elemento constituinte da honra masculina (SARTI, 2005) e construção de novos arranjos para o provimento familiar, em face da dinâmica capitalista (ZALUAR, 1985; MOTTA; P. SCOTT, 1983) observa-se que, entre as famílias pobres, o provedor principal, geralmente o homem, não consegue manter a dicotomia hierárquica entre o homem provedor *chefe de família* e a mulher *chefe da casa*.

Nesse contexto, o presente capítulo procura compreender como homens, em situação de desemprego da comunidade de Bola na Rede, vivenciam a relação entre trabalho e provimento familiar. O foco de análise é o eixo trabalho-rua. Assim, refletir-se-á sobre a trajetória de trabalho desses homens e as estratégias de geração de renda dentro da família.

3.1 Desemprego, biscates e valorização masculina

As experiências, que versam sobre emprego/desemprego dos homens moradores da comunidade de Bola na Rede, ressaltam, sobretudo o segundo, ou seja, o desemprego. Durante os primeiros dias de observação de campo na comunidade, ao conversar com a ACS sobre o meu objetivo de estudar o desemprego masculino, esta me faz o seguinte comentário: *é mais fácil você contar os homens que tem aqui e vê desses quem tem emprego. Eles passam o dia naquela praça ou jogando baralho nas esquinas*. A conversa continua, enquanto caminhamos pelas ruas. Ao chegar em frente a

um boteco, avistamos alguns homens adultos conversando e bebendo cachaça, a ACS, então, complementa: *olha aí onde eles ficam* (DC13/01/09).

Nas idas e vindas pelas ruas, entre uma visita domiciliar e outra, a ACS ia apontando inúmeros homens, com os quais eu poderia conversar sobre desemprego. Os homens passavam por nós e ela comentava: *esse aí é mais um sem emprego; esse também não consegue arrumar emprego ou o marido dela não trabalha*.

Quando não podia falar diretamente, indicava-me, com o olhar, que aquele homem também estava desempregado, como no caso de Robson (com o qual realizei uma entrevista meses depois). Na primeira visita a sua casa, Edna, sua companheira, vem nos atender e, quando Robson chega à sala, a ACS pergunta: *Já arrumasse emprego Robson? E ele diz 'tá difícil viu'.* A ACS acena com a cabeça, como se confirmando o que ela vinha me dizendo sobre a quantidade de homens desempregados na comunidade (DC 14/01/09).

As experiências, relatadas durante as entrevistas individuais, não fogem ao padrão de desemprego observado na comunidade. Nenhum dos seis homens entrevistados encontra-se, atualmente, no mercado formal de trabalho. Dentre os homens jovens (faixa etária dos 20 anos), um relata não ter vivenciado (ainda) nenhum emprego com carteira assinada. Entre os homens que estão na faixa etária dos 40 anos, o emprego formal faz parte de um passado e sem grandes perspectivas de voltar a se tornar uma realidade presente ou fazer parte de um futuro próximo.

Renato (26 anos) nunca trabalhou de carteira assinada e diz que sempre fez *bicos*. Quando perguntado sobre sua atual situação de trabalho, ele diz: *Eu faço uma ôia ali na Schin, faço ôia em oto canto*. Essa *ôia* na Schin¹⁴ é relativa ao trabalho de *carregamento de caminhões*. O trabalho se constitui basicamente em transportar os produtos fabricados no galpão da fábrica para os caminhões que ficam no pátio. Segundo Renato, essa *ôia* é eventual, mas se intensifica em períodos que precedem as festas populares (como Carnaval, São João e festividades natalinas). A média de duração de cada serviço é de 3 a 15 dias. O pagamento é efetuado alguns dias após a finalização do trabalho. Esse serviço prestado é realizado através de um contrato informal, acordado verbalmente entre os moradores homens e gerentes da fábrica.

Renato relatou também que, quando morava com sua mãe, na Bomba do Hemetério (Recife-PE), trabalhou num *mercadinho* e já fez serviços como ajudante de pedreiro.

¹⁴ Fábrica de bebidas, localizada vizinha a comunidade.

As experiências, no mundo do trabalho, de **Josivaldo** (27 anos) seguem caminhos semelhantes à de Renato, que é seu cunhado e também seu vizinho. Quando perguntado sobre sua atual situação de trabalho, ele diz: *difícil para todo mundo. Tá devagar demais. A gente tava fazendo uns bicos. De vez em quando aparece uma ôia, né Renato? Aí na Schin*. Na Schin, ele também trabalha com *carregamento de caminhão*.

Josivaldo já teve um trabalho de carteira assinada. Relata que, antes de ter conhecido Eliane (32 anos), sua atual companheira, já trabalhou numa oficina de carros durante nove meses e teve sua carteira assinada. Ao buscar mais informações sobre esse período em que trabalhou de carteira assinada, percebo que ele desconversa este assunto e começa a falar que ele é *ladrão* e depois diz que é brincadeira. Em vários momentos da entrevista, ele reafirma esse comentário. Quando começa a contar sobre seus primeiros trabalhos, fala: *eu comecei a trabalhar de ladrão, desde pequeno. Já Tinha uns cinco anos e eu já tava roubando já!* Em seguida, comenta: *Tô brincando!* Durante o preenchimento do quadro de configuração familiar, enfatiza: *São dois adultos e três crianças. Um dos adultos é ladrão, a profissão dele, que é eu.*

Nesse sentido, Josivaldo parece querer nos informar que o trabalho lícito não é a única via de geração de renda por parte dos homens pobres. Ressalta-se que, ao fazer tal consideração, não estou apontando nenhuma dicotomia entre trabalhador e ladrão. Ao contrário, como relata Zaluar (1985), a construção de qualquer relação oposta entre ambos seria, no mínimo, simplificadora da questão. A menção aos roubos, no inverso de qualquer desqualificação, parece buscar a representação de um homem que tem muita *coragem e força masculina* para exercer tal atividade.

Entre os entrevistados que se encontram na faixa etária dos 20 anos, **Alessandro** (26 anos) é o que relata ter mais tempo de experiência no mercado formal. Ele já trabalhou com carteira assinada durante cerca de três anos. Nesta época, trabalhava num lava-jato no bairro dos Aflitos (Recife-PE). Há cerca de dois anos e seis meses, perdeu esse emprego e, desde então, não conseguiu mais trabalho de carteira assinada. Ao falar do período de sua demissão, ressalta que foi com o dinheiro da indenização que comprou a casa onde mora atualmente. Nesta casa, morava sua mãe e uma das irmãs dele. Quando a mãe faleceu, a irmã não quis ficar mais na casa e vendeu para Alessandro. Nesse momento, ele fala demonstrando bastante orgulho: *eu comprei ela à vista, do jeito que tá aqui.*

Para Alessandro ter uma casa sua, era algo que ele imaginava ser muito difícil: *era uma coisa que eu tava achando tão difícil, mesmo eu trabalhando, eu sentia uma dificuldade, eu dizia: <oxe pra ter minha casa ia ser muito difícil> mas...* Ao descrever os cômodos da casa, complementa: *tem dois quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro dentro de casa e um terraço, pronto. Ainda tem um terreno do lado aí, mas eu com trabalho com certeza vou ajeitar.*

Observa-se na linha discursiva traçada que, ao falar da sua trajetória no mercado do trabalho constantemente, ele tenta minimizar as adversidades de reinserção no mercado formal e busca valorizar os frutos do tempo em que trabalhava com renda fixa e de carteira assinada. As conversas, sobre a efetividade de compra da casa, onde ele mora com a família que constituiu, são relatadas em detalhes. Além do que, a situação de desemprego é apresentada como passageira.

Ele também comenta que atualmente tem procurado por emprego: *eu tô procurando, mas tá difícil.* E complementa: *é complicado, porque eu faço biscate, mas fixo não.* Ele relatou que depois de perder esse emprego, no lava-jato, já fez alguns serviços como garçom em um *Buffet* e algumas *ôia* na Schin.

Em relação ao trabalho de garçom, conseguiu esses serviços, porque o irmão dele é o chefe de cozinha desse *Buffet*. Relata com um misto de orgulho e indignação o fato desse irmão ter conseguido um bom emprego: *ele tem de tudo, ele veve bem, vive equilibrado. Ele é chefe do buffet. Ele é chefe de cozinha. Chefe e coordenador de cozinha. Tá muito bem de vida, tem apartamento.* No entanto, recorrer a esse irmão, para conseguir se dá *bem na vida* não é apresentada como uma estratégia desejada: *ele manda eu ir procurar ele, colar na dele, mas poxa! Assim, se eu falasse com ele eu me dava de bem, lógico! Mas poxa véio. Eu me escondo dessa forma véio. Eu sei que se eu fosse falar com ele eu me dava de bem assim. Mas poxa...*

Nesse “esconder-se”, o peso do “fracasso” (SARTI, 2005) corporifica-se: recorrer a outros familiares (homens) para ter recursos econômicos, revela o fracasso de um homem que não consegue prover sua prole pelos próprios méritos de conseguir um trabalho.

Nas falas de **Renato**, **Josivaldo** e **Alessandro** é interessante também ressaltar que todos eles, ao discursarem sobre seus atuais trabalhos, não os nomeiam como tal. Como visto, as palavras empregadas para nomear seus afazeres são: *ôia*, *biscate* e *bicos*.

Quando perguntado sobre os significados da palavra trabalho, apesar deles se encontrarem no mercado informal, os seus relatos remetem a sentidos tradicionais de emprego formal. Para **Alessandro**, trabalho é *a oportunidade que você tá tendo para*

trabalhar para a empresa pra manter casa, manter a si próprio, manter a família e não depender só dos outros. Segundo Renato, o trabalho se configura como um eixo central da vida: é tudo na vida de uma pessoa. Josivaldo também aponta a mesma centralidade: trabalho é coisa boa, é responsabilidade. Trabalho é bom demais. Trabalho é dinheiro no bolso. Só não é melhor, porque arreventa o cara, mas é bom.

Mesclado a essa centralidade do trabalho na constituição das imagens masculinas, é possível perceber que esses homens jovens também apontam as precarizações e consequências negativas dos tipos de trabalho que eles conseguem “arranjar”. Ao explicar que o trabalho *só não é melhor, porque arreventa o cara*, Josivaldo afirma: *bota para quebrar na gente, a gente é carne, né máquina não, não aguenta lapada, não.* Durante a entrevista de Renato, quando ele está falando que o trabalho *é tudo*, Josivaldo o interrompe e complementa: *mas não é tudo não, o trabalho não.*

Diante do conjunto de argumentações, observa-se que homens jovens têm encontrado várias dificuldades em obter um emprego no mercado formal e que, para alguns, a possibilidade de entrada nesse mercado é praticamente inalcançável. É interessante notar que, mesmo vivenciando realidades que o distanciam continuamente do mercado formal, eles procuram atualizar em seus discursos de que o trabalho constitui-se como peça central na vida masculina, que garante, ao mesmo, a própria manutenção e o provimento familiar.

Nesse sentido, compreende-se que os atributos do *ser homem* estão para além de um *corpo masculino* (VALE DE ALMEIDA, 1992). A centralidade do trabalho e seus adjacentes (independência; responsabilidade; provimento familiar) são apontados como eixos estruturantes, que compõem esse *ser homem*.

Ao falarem das suas dificuldades de conseguirem inserção nesse mercado, desenham que essa situação não é uma particularidade de suas vivências, mas diz respeito ao mundo de trabalho como um todo. No entanto, eles se apresentam como homens que, mesmo em face das adversidades, não *ficam parados* e procuram por trabalhos que proporcionem alguma fonte de renda para o provimento familiar, ou seja, mostram-se ativos. Nesse cenário, as buscas por fontes de renda, necessariamente, não passam por vias lícitas.

Por fim, ressalta-se também que os locais de trabalho, nos quais os homens conseguem alguns serviços, são majoritariamente locais dentro da comunidade. O que, de certa forma, indica a *restrição de circulação* dos homens moradores da comunidade de Bola na Rede por outros espaços da cidade.

Quanto aos homens que estão na faixa etária dos 40 anos, todos já tiveram algum emprego de carteira assinada. No entanto, atualmente, todos também se encontram fora do mercado formal de trabalho, após tentativas não exitosas de reinserção.

Quando perguntado a **Robson** (48 anos) sobre o que ele entende por trabalho, responde prontamente: *Ah [...] eu gostaria muito de ter um trabalho agora. Eu gostaria muito de tá trabalhando agora no momento, né? Principalmente no meu ramo....* Ele relata que, durante sua juventude, trabalhou em vários lugares como vigilante e que, quando era solteiro, já chegou a trabalhar em três lugares na mesma época, trabalhando todos os dias da semana. Inclusive, foi nessa fase da sua vida que parou de estudar, porque não teve como conciliar trabalho e estudo: *Era trabalhando demais [...] Aí foi quando eu parei os estudos.* Hoje ele diz estar arrependido de ter parado de frequentar a escola, mas relata com orgulho seu retorno aos estudos. Trabalhou numa fábrica de produtos alimentícios (essa fábrica fica localizada próxima a comunidade e produz biscoitos e bolachas) e em uma empresa de telefonia que tem filiais em todo Nordeste. Na fábrica, trabalhou por cerca de seis meses e disse que conseguiu o emprego, porque o irmão trabalhava na mesma fábrica. Depois desse período, a empresa de telefonia o contratou, com carteira assinada, e ele ficou empregado por 12 anos.

Nessa empresa de telefonia, trabalhou desde atendente de telemarketing, até como técnico em comunicação (trabalhava no setor de manutenção de redes analógicas). Robson trabalhou em várias filiais dessa empresa e, durante esses anos de trabalho, passou por vários estados nordestinos.

Segundo ele, sua demissão foi ocasionada porque ele tinha acabado de passar um tempo na filial em Alagoas e, logo em seguida, queriam que ele fosse trabalhar em Minas Gerais. Então ele não aceitou e foi demitido: *Para ficar viajando pra outros estados. Doze anos a gente enjoa também, né? Aí eu tô parado até agora.* Mas, para ele, com o salário que eles pagavam não compensava estar morando longe da mulher e dos filhos.

Nos relatos de não aceitação das condições impostas pela empresa, no mínimo tomadas como insatisfatórias, percebe-se que Robson busca se apresentar como um homem que impõe os limites da sua subordinação, mesmo que para tanto a segurança de se manter no emprego seja posta em xeque. A via de construção discursiva é explícita: “denegrir os empregos denegridores” (FONSECA, 2000, p. 20), assim a negação ao emprego é justificada e sua autoridade masculina é honrada.

A fala de Robson também nos leva a refletir que os homens pobres declaram que podem manejar certo poder de decisão sobre a busca, aceitação ou mesmo rejeição do emprego. Mesmo diante da crescente flexibilização do mercado de trabalho (ANTUNES, 2007)¹⁵, que torna as oportunidades cada vez mais escassas (sobretudo para trabalhadores menos escolarizados/qualificados), a ponderação entre vantagens e desvantagens em trabalhar no mercado formal não deixa de ser realizada. Visto que, parece haver atividades em que seria uma desvantagem estar empregado. Essas “escolhas” e “ponderações” parecem levar em conta o tipo de esforço (no sentido de força de trabalho) que o compromisso com o emprego vai trazer e benefício para o trabalhador e sua família.

No entanto, semelhante aos relatos de Alessandro, os frutos do trabalho formal também são ressaltados nos relatos dele. O dinheiro da indenização possibilitou algumas reformas na sua casa. Inclusive é uma das melhores casas que visitei na comunidade. A casa é de alvenaria, rebocada, pintada e com móveis em boas condições de uso. Ele relatou, com orgulho, que a casa tem: *quatro quartos, área de serviço, tem o banheiro e a cozinha [...] com água encanada, luz, tudo. Eu gastei, mas não me arrependo não*. Nesse momento, resalta a importância de ter uma casa, pois já sofreu muito pagando aluguel e relata que já foi despejado por falta de pagamento:

A gente paga hoje, por exemplo, hoje é o final do mês, hoje é 30, aí eu paguei aquela mensalidade esse mês, aí já estou devendo. Aí tem que trabalhar mais um mês, no final do mês dever outro mês. Para pagar. Porque se chegar no final do mês e não pagar... É despejado.

Foi demitido dessa empresa de telefonia há cerca de três anos e, desde então, não mais conseguiu um trabalho de carteira assinada. Já voltou a procurar emprego num dos lugares onde tinha trabalhado como vigilante, mas agora exigiam que ele tivesse carteira de motorista: *Aí ela mandou me chamar, mas eu tô sem habilitação, aí ela disse <Na hora que você tiver habilitação, você trabalha>*. Mas, segundo Robson, o valor da carteira de motorista “*tá um pouco caro, salgado, né? R\$800.00*. Como não está em condições de pagar esse valor para obter uma habilitação de motorista, então disse não poder conseguir esse emprego.

¹⁵ Para Ricardo Antunes (2007) por volta dos anos 70 do século passado, após um período de acumulação de capitais, o sistema capitalista começou a sinalizar crises mais intensas, com intervalos menores entre as mesmas. O que o forçou a uma reestruturação. Este processo se concretizou via: instauração do neoliberalismo, com a privatização do setor produtivo estatal e a desregulamentação e flexibilização dos direitos do trabalhador. Reorganização que, conjuntamente com as outras políticas, levaram o desemprego e a precarização do trabalho a ganhar proporções estruturais e mundializadas.

Observa-se que, nos relatos de sua trajetória de trabalho, ele procura minimizar os discursos sobre a vivência atual da condição de desempregado, destacando que foi através de seu trabalho que conseguiu prover sua família de casa própria, proporcionando à mesma a saída da instabilidade ocasionada pelas casas de aluguel.

Além disso, Robson procura demonstrar que não está *parado*. O que está ao seu alcance para conseguir um novo emprego, ele está fazendo. Ele pode até perder trabalhos por não ter condições de comprar os instrumentos requeridos (no caso a carteira de motorista), mas a volta aos estudos (na busca por uma maior qualificação) o apresenta como um homem que batalha incessantemente pela reinserção no mercado de trabalho. Quando perguntado sobre a renda familiar, ele relata também os *biscates* que tem feito na Schin: *É a renda dela e mais alguma coisa assim por fora, um biscate que a Schin manda chamar aí a gente vai, dois, três dias aí ganha 60, 70 reais*. Esse *biscate* também se refere a *carregamento de caminhão* assim como outros entrevistados (Renato, Josivaldo e Alessandro).

A trajetória de vida de **Cláudio** (44 anos) também é marcada por longos anos de emprego com carteira assinada e subsequentes fases de trabalhos informais. Cláudio trabalhou em uma fábrica de produtos alimentícios durante 17 anos. Essa é a mesma fábrica, especializada na produção de biscoitos e localizada próxima da comunidade, que Robson trabalhou.

Nesse emprego, ele passou por várias funções (embalador; carimbador de validade nas embalagens e operador na área de empacotamento) e ressalta que foi com muito esforço que passou de uma função a outra, essencialmente, porque ele exercia funções menos prestigiadas e ao longo dos anos foi assumindo cargos mais valorizados dentro da fábrica. A assinatura de carteira de trabalho dele só foi efetuada cerca de sete anos após o seu ingresso na fábrica. Relata, com orgulho essa fase da sua vida em que tinha emprego e menciona que com o dinheiro que ganhava trabalhando nessa fábrica conseguiu construir uma casa. Cláudio morava no bairro de Nova Descoberta (Recife-PE), mas, assim que soube da *invasão*, próxima de Bola na Rede Centro – onde estava sendo formada a subárea de Bom Clima - comprou o terreno e ficou morando *de lona, no plástico*. Só após algum tempo, conseguiu comprar os tijolos e telhas e *cobrir a casa*.

No entanto, assim que a fábrica *começou a cair*, Claudio foi despedido juntamente com muitos dos outros trabalhadores. Disse que, para receber o seguro desemprego, não procurou outro emprego. Logo após ter recebido o seguro, procurou por outros empregos, mas não conseguiu nenhum.

Aí eu fiquei parado uns dias, né, para pegar o seguro, né? Aí depois resolvi... Não, se for esperar. Aí depois saí atrás de serviço também de emprego, né? Aí não arrumei, né? Aí digo: <Não. Para tá esperando é melhor eu fazer o que? Comprar uma coisa de picolé, eu compro. Coloco nessa freezer aí, aí pronto>. O gasto é mais fazendo em casa, sabe? Porque o picolé da gente é bom. O pessoal gosta muito. Aí eu digo: <Vou comprar o picolé>. Aí fui ali em cima na Bondade, ali em cima mais caro. Eu ia pra Cavaleiro comprar picolé, mas era vantagem. Pagando passagem, mas era vantagem. Aí pronto. Trazia duas caixas, o pessoal ficava olhando assim [...] Botava na freezer, aí de manhã eu saía sozinho assim, né, ia ali para a Schin, para o posto. Ficava até meio dia. Vinha pra casa, tomava banho, almoçava, descansava e ia de novo. Procurei logo arrumar, né? Porque a pessoa com família vai depender de que? Esperar de quem?

O entrelaçamento de trabalho e provimento familiar fica bem explicitado na fala dele. Dessa forma, ele me dizia que o sustento familiar, na falta do trabalho formal, era responsabilidade dele procurar por outras fontes de renda. Durante toda a entrevista, ele busca constantemente se reafirmar como o provedor da família. Em face da perda do emprego formal, não hesitou em procurar trabalhos, mesmo que desgastantes e com várias horas de atividade por dia, a fim de não deixar sua família sem provimentos. Para Cláudio, o homem deve ser o responsável por assumir todos os custos da casa e com as mulheres: *Eu acho que o homem ele tem que ganhar... em vez dela [se refere à mulher] ganhar dois salários, ele tinha que ganhar quatro, para assumir a casa e o que ela queria, o que ela quer dentro de casa, o que ela precisa.*

Com isso, ele aponta que, no universo simbólico masculino, os parâmetros continuam a ser regidos por uma divisão complementar de tarefas entre o casal. Valoriza-se o trabalho masculino, ao mesmo tempo em que se solapa qualquer valorização do trabalho feminino. Há cerca de dois anos, deixou de vender picolé e foi chamado por uma vizinha para assumir uma vendinha (do tipo mercearia). Esta vizinha morava sozinha em sua casa e tinha adaptado, parte da casa, para fazer uma “barraca”; mas esta foi assaltada e ela decidiu voltar a morar no interior: *Aí a dona ficou com medo. Aí ela chamou a gente. Chamou a gente para saber se a gente queria assumir a responsabilidade. Aí a gente parado, né? Eu parado. Eu vou tentar.*

Ele ressalta que, quando recebeu a proposta, ficou muito receoso devido à responsabilidade que esse novo trabalho demandava, mas decidiu aceitar: *Porque era muita responsabilidade, né, além do medo, né? Já vinha de assalto... Além do medo, mas a gente tem que superar.* Como a barraca e casa são integradas, alugou a sua casa, que tinha construído e paga o aluguel dessa casa/barraca à sua ex-vizinha.

Quando perguntado sobre sua atual situação de trabalho, diz se considerar bem, principalmente por estar trabalhando para si próprio: *Tem que enfrentar tudo, mas eu to trabalhando para mim, né? E a tendência é melhorar, né? A gente não sabe o dia de amanhã, mas a gente esperar melhorar, né? Cada vez mais. Hoje em dia emprego tá difícil.* Porém, ressalta que tem levado uma vida muito estressante. O trabalho é constante na barraca e ele trabalha os sete dias da semana. Abre por volta das 06h e fecha por volta das 22h: *Mas às vezes eu fecho e o pessoal fica chamando.* Reclamou que não tem condições nem de descansar: *Olhe, assim, eu não tenho condições de descansar. Quando a gente tá comendo, é chamando.* Com isso, pude constatar, pessoalmente, o que ele estava falando, visto que a entrevista foi interrompida várias vezes por pessoas que chegavam à barraca.

Ao falar sobre a superação do medo e do desgaste físico de levar, por conta própria, uma barraca com a iminência de assaltos e uma carga horária de trabalho exaustiva, pode-se argumentar que esses relatos corroboram com a apresentação de Cláudio como um homem *forte* para o trabalhado e ratifica sua posição de provedor do lar, mesmo desempregado.

Dentre os homens que se encontram na faixa dos 40 anos, **Alberto** (40 anos) foi o que relatou ter menos experiências no mercado formal de trabalho. Até então, ele só teve um emprego de carteira assinada. Trabalhava como vigilante, no entanto já faz mais de 20 anos que perdeu esse emprego. Destaca que, não trabalhou mais para ninguém e foi sempre *biscateiro*: [...] *trabalho só para mim mesmo. Biscate, biscate, biscate e fui levando a vida.* O *biscate* a que Alberto se refere são trabalhos que ele faz como pedreiro.

Na construção discursiva dele, nota-se, novamente, a representação de *homem ativo*, que pode não ter emprego, mas procura por trabalho e consegue manter o sustento; bem como, os relatos sobre o poder de “ponderação” em relação ao mercado formal de trabalho. Nesse aspecto, o *biscate* é apresentado como mais vantajoso do que o emprego formal. Quando pergunto se é difícil conseguir trabalhos como pedreiro, ele me diz que sempre aparece e que trabalha de domingo a domingo. Mas, durante as visitas domiciliares, sempre estava em casa ou chegava enquanto conversávamos (eu e a ACS) com sua mulher, Cláudia. Na primeira visita à sua casa, quando a ACS pergunta a

ela sobre o trabalho do marido (na tentativa de mapear meus possíveis “homens desempregados”), sua mulher comenta: *Ele tá sem emprego ainda*¹⁶ (DC 21/01/09).

No dia da entrevista, Alberto também estava em casa. Quando chegamos, ele estava no quintal, com uma enxada na mão, fazendo a base de um cômodo ao lado da sua casa. Disse que estava tirando uns dias pra fazer a casa dele: *Cada dia vai ficando difícil, porque o inverno vai chegando e a gente naquele pedacinho de terreno ali fica difícil de se comover para um lado, se comover para outro. Os meninos tão crescendo. Ai tem que tirar um dia ou dois para fazer trabalho de casa.* Ele, que se orgulha de dizer que realizou a primeira mudança para Bom Clima, morou, por dez anos, numa casa de barro e, aos poucos, está construindo uma casa de alvenaria. Atualmente, sua casa tem dois cômodos e ele está construindo outro cômodo. Mas faz questão de enfatizar que: *estou construindo devagarzinho porque de uma vez a gente não pode, né? É muita coisa!*

A relação, entre homem trabalhador e possibilidade de compra ou de construção da casa para abrigar a família, é também muito explicitada por Alberto. Ao falar que *ciúme é a destruição do lar*, ele ressalta que a construção da casa, feita por ele, não tem finalidades para uso próprio, em virtude de a casa pertencer à família:

[...] Porque eu acho que ciúme é a destruição do lar. Onde tem ciúme tem a destruição. Com certeza. Porque começa com ciúme dum lado. É cadeia, morte. Aí isso aí eu não quero nunca. Eu digo a ela: <no dia que não der para a gente viver, fique na sua casa e eu vou procurar o meu destino. Não quero arenga> Para que arenga? A gente quando morrer leva o quê? Nada, né? Não leva nada. Eu não faço questão de nada. Eu quero é que ela seja feliz, fazer a casinha dela e viver até o dia que Deus quiser, né?

Aqui a relação entre trabalho e casa, tal como apontado por Sarti (2005), apresenta-se de maneira bastante evidente. Em sua fala sobre a importância do trabalho, ele, mais uma vez, ratifica o entrelaçamento do trabalho com o provimento familiar, ao mesmo tempo em que valoriza a honestidade de seu trabalho:

Trabalho para mim é uma coisa que eu não posso ficar sem ele, né? Porque sem o trabalho eu não sou nada. Trabalho é tudo que eu tenho na vida. Eu trabalho para cumprir com as minhas obrigações, né? Sem o trabalho a gente não é ninguém. Aquele que não trabalha não consegue nada na vida [...] Ou o cara vai mexer no que é dos outros. Coisa que eu nunca pensei na minha vida. Nunca pensei, nem há de pensar. Meu negócio é só com meu suor.

¹⁶ É importante ressaltar que ao contrastar a fala de Alberto e suas possíveis incongruências, a partir da observação de suas práticas, não se procura um confronto entre o que se diz e o que se fala, apenas busca-se explicitar todas as informações disponíveis.

Além da centralidade do trabalho e a consequente valorização do cumprimento de suas obrigações de *homem*, Alberto se diferencia como homem trabalhador em oposição àqueles que mexem *no que é dos outros*. Aqui, a relação trabalhador-ladrão aparece explicitamente numa forma binária (diferente dos relatos de Josivaldo). Tal separação é apontada desde o início da sua entrevista, quando o mesmo relata sobre a comunidade em que vive: *Aqui é muito bom. Em toda comunidade tem uns errozinhos, né? Tem gente errada. Mas eu vivo minha vida, ele veve a dele, para mim é bom demais aqui.*

Sobre os seus *biscates*, Alberto relata que hoje está conseguindo ter mais trabalhos como pedreiro, principalmente, porque deixou de beber e fumar. Já passou mais de cinco anos sem conseguir nenhum trabalho, chegando a catar lixo para conseguir ter algum dinheiro. Por ele beber muito, perdeu vários trabalhos: *Porque tudo que a gente bebe, quem bebe não tem confiança*. Há cerca de três anos, parou de beber e fumar: *Foi duas coisas que eu decidi assim, num mesmo dia*. Da forma colocada por ele, pode-se pensar que no *circuito dos bares*, ele chegou ao fim da linha, compondo o grupo dos *papudinhos*¹⁷.

Ao nomear os seus trabalhos, **Robson**, **Cláudio** e **Alberto** parecem traçar uma linha (imaginária) e impermeável entre um tempo passado e o momento atual de suas vidas, a partir da qual descrevem suas passagens entre o mercado formal e informal de trabalho. Quando falam sobre seus ex-empregos em fábricas e/ou empresas, os descritores mais usados sempre se reportavam, diretamente, à palavra *trabalho*. Por outro lado, quando se referem aos seus atuais trabalhos, nomeiam-nos utilizando a palavra *biscate*. No relato sobre o tempo em que trabalhava numa empresa de telefonia, prestando serviços com carteira assinada, **Robson** fala: *Eu gostaria muito de tá trabalhando agora no momento, né? Principalmente no meu ramo porque... Porque meu ramo é telecomunicações. Eu trabalhei faz doze anos, doze anos [...]*. No entanto, ao nomear sua atual situação de trabalho, ele deixa de empregar a palavra *trabalho* e faz uso da nomeação *biscate*: *É a renda dela e mais alguma coisa assim por fora, um biscate que a Schin manda chamar...*

A demarcação de **Alberto**, entre o trabalho formal (como emprego) e informal (como *biscate*) também é extremamente definida. A saída do emprego em uma empresa, na qual trabalhava como vigilante, com carteira assinada, marca o ingresso no mundo

¹⁷ Em análises da relação desemprego-homossociabilidade, Pedro Nascimento (1999) aponta que os bares se apresentam notadamente como um espaço onde os homens procuram atualizar os discursos de masculinidade. No jogo performático da masculinidade, observa-se que na hierarquia construída, os *Papudinhos*, são àqueles que chegaram ao fim da linha, que não possuem nem dinheiro para pagar bebidas e vivem na iminência de pedir e/ou esperar que alguém lhes pague.

do *biscate*: “Depois que eu saí do Agamenon [se refere ao trabalho como vigilante] eu sempre fui *biscateiro*.”

Ao falar sobre a importância do trabalho, **Cláudio**, que trabalhou durante 17 anos numa fábrica e atualmente tem uma barraca, o relaciona mais ao “tempo” do trabalho formal do que com sua atual situação:

Acho que é importante a gente ter um trabalho. Todo dia sair para o trabalho. Saber que tem um trabalho para receber toda quinzena, né? Todo final de mês a gente sabe que tem, né? Mesmo atrasando um pouco, a gente sabe que tem. Como eu trabalhava, que saía todo dia mesmo chovendo, fazendo sol.

As experiências de **Robson**, **Cláudio** e **Alberto** revelam que, após períodos de empregos “fixos”, o mercado informal de trabalho foi (e é) um caminho trilhado no percurso das trajetórias profissionais de homens pobres que já passaram dos 40 anos. Assim sendo, é possível argumentar que o processo de “exclusão” do mercado de trabalho, estudado em décadas anteriores (MOTTA; P. SCOTT, 1983; WOORTMANN, 1987; NEVES, 1987), continua em pleno funcionamento.

No entanto, eles sinalizam, constantemente, que mesmo sem se manter por longos períodos de tempo no mercado formal, eles conseguiram “abrigar” suas famílias em casas compradas e/ou construídas com os rendimentos de seus próprios trabalhos. Mesmo se nomeando como *biscateiros* ao invés de trabalhadores, os homens parecem nos dizer: eu posso não ter conseguido cumprir com todas as obrigações de um provedor, mas, pelo menos em parte, minha função está sendo cumprida. O maior símbolo que usam para isso é a compra/construção da casa própria.

Dessa forma, mostram-se semelhantes tanto os relatos dos homens de meia-idade, quanto os dos homens jovens. Seja pela valorização da época de suas vidas em que estavam inseridos no mercado formal, seja pelo destaque de estarem sempre à procura de emprego ou realizando “*biscates*”, todos os homens buscam, de alguma forma, demonstrar que são *úteis* dentro de casa. No entanto, esta própria valorização de seus discursos, ao mesmo tempo é uma medida da impossibilidade, que os mesmos enfrentam, de exercer, a contento, o provimento. Nas entrelinhas de sua constante valorização, é possível compreender que estes homens pobres não conseguem prover suas famílias apenas com os trabalhos que eles conseguem obter.

Várias são as estratégias utilizadas, por eles e suas famílias, para conseguir os rendimentos mínimos de sustentação da casa e de seus membros. Essas estratégias serão analisadas a partir de então.

3.2 Fontes de renda: estratégias para além do trabalho masculino

Tal como apontado por Motta e P. Scott (1983), em face da realidade de exclusão do mercado formal de trabalho, as famílias das classes populares lançam mão de várias estratégias para a geração de renda.

Segundo **Alessandro, Robson, Josivaldo e Cláudio**, a saída do emprego *fixo* ocasionou várias mudanças. A perda no poder de aquisição de bens materiais para a família foi o relato mais recorrente. Nesse cenário, além da continuada busca por re-inserção no mercado formal e/ou inclusão no informal (como visto na seção acima), as estratégias utilizadas, diante das mudanças, foram: trabalho das mulheres; inscrição em programas de transferência de renda, com solicitação de benefícios governamentais e recebimento de auxílio de outros parentes para complementação da renda familiar (sobretudo no tocante aos gastos com alimentação).

Para **Alessandro**, que trabalhava num lava-jato com carteira assinada e há cerca de dois anos e meio não consegue emprego, sua vida mudou, significativamente, desde que ele perdeu o emprego. A queixa, de não ter uma rotina de trabalho e de não poder comprar *algumas coisas para casa*, foi constante em sua fala:

Só o fato de saber que eu não tava assim fazendo algo que se faz necessário na vida da gente que é o trabalho para mim já foi diferente. Assim ficou uma coisa mais chata, devido àquela rotina. Às vezes falta uma coisa, falta outra, às vezes gente quer fazer algo assim e as condições não dá ta entendendo? Até uma televisão que tava na promoção, se tivesse trabalhando podia comprar. Muitas vezes até à vista. E hoje em dia as condições não dá!

Perante a situação de desemprego, as alternativas, colocadas em prática, foram à inserção da sua companheira no mercado informal de trabalho e busca por recebimento de auxílio governamental. Quando perguntado se sua mulher exerce alguma atividade remunerada, Alessandro diz que ela faz *faxina* uma vez por semana, e enfatiza: *Mas quando eu trabalhava, ela não precisava não. Que eu mesmo mantinha, mas agora...*

A mulher de Alessandro também é beneficiária do Programa Bolsa Família (PBF). Ao perguntar se sua família já chegou a receber outros benefícios governamentais anteriores ao PBF (como bolsa-escola, bolsa-alimentação, auxílio gás), deixa claro que, antes de perder seu emprego, ele era o único responsável pela manutenção da família: *No tempo que eu trabalhava não tinha benefício não. A não ser só o meu trabalho mesmo.* É interessante ressaltar que, por meio dessas ênfases,

Alessandro parece procurar dizer que, quando tinha emprego, era capaz de garantir o total provimento familiar. Além dessas mudanças relatadas por Alessandro, ressalta-se também que, para Marina, sua companheira, a manutenção da sua união com Alessandro não tem sido uma tarefa fácil. Antes de iniciar a entrevista com Alessandro, Marina veio conversar comigo sobre as *saídas* e *amizades* de Alessandro. A entrevista foi numa segunda-feira, porém, no último fim de semana, ela me conta que ele tinha saído no sábado e só voltou para casa no domingo: *Eu tô arretada com ele, ele saiu num dia e voltou no outro, ele na rua e eu tendo de ficar com os meninos* [se refere aos dois filhos], *assim não é vida de casado* (DC 10/03/09).

Disse que, em casa, eles estavam se falando pouco, para evitar confusões, e ela já tinha até desistido de conversar com Alessandro sobre *essas amizades que ele tá andando*. Quando fala sobre *essas amizades*, Marina se refere ao envolvimento de Alessandro com colegas que fazem uso de drogas ilícitas¹⁸.

Uma semana após a entrevista, entre uma visita domiciliar e outra, encontramos Marina conversando na entrada da casa de Luiza, sua amiga. Paramos também para conversar com elas. Ao passar duas das “*amizades*” de Alessandro, Marina cochichou que estes rapazes estão usando drogas e a ACS comentou: *Às vezes é próprio sistema que empurra pro mundo das drogas* e complementa que, sem emprego e sem trabalho, fica muito difícil que esses homens jovens não entrem *no mundo das drogas* (DC 17/03/09).

Neste mesmo dia, ao terminarmos as visitas domiciliares, encontramos Alessandro conversando com uma de suas *amizades* (Netinho, 17 anos - que segundo a ACS também faz uso de drogas). A ACS então relembra a Alessandro que ele tem uma consulta marcada, só que esse nos informa que não poderá ir porque Marina está *arrumando suas coisas para colocar ele pra fora de casa*. Neste momento, ele me chama pra conversar e retorna a falar sobre a dificuldade de conseguir alguma *coisa para fazer*. Pergunto se, na escola estadual, não há cursos profissionalizantes ou outros tipos de cursos, e ele responde: *Nem ensinar violão pra matar o tempo elas fazem*. Também enfatizou que estava difícil de arranjar emprego por causa da passagem e , a última vez que pegou ônibus, foi antes do carnaval [já estávamos há quase um mês após o carnaval]: *Os caras queriam pagar 20 conto para ser segurança e ficar na corda, mas eu recusei, é muita violência*. Ao escutar Alessandro falar, Netinho completa: *O cara fica debaixo do sol o tempo todo não pode nem ir no banheiro*. Ao perguntar sobre os

¹⁸ Durante a entrevista Alessandro não menciona nenhum desses dois assuntos: nem a dificuldade de relacionamento com a sua companheira nem o envolvimento com uso drogas ilícitas.

seus fins de semana, Alessandro fala que a rotina não difere muito dos dias da semana e enfatiza: *É até pior, porque quem tem emprego sai [se refere à comunidade] e aqui fica mais morgado ainda* (DC 17/03/09).

A *restrita de circulação*, por outras comunidades/bairros da cidade, aqui nos é colocada de forma explícita. As particularidades da comunidade (com o respectivo sistema de transporte público e seus custos) e a condição de desempregado parecem se combinar, reforçando a fragilização da relação homem-rua.

Nesse contexto, a recusa de trabalhos, considerados indignos, também foi destacado por Alessandro e seu amigo. Tais falas nos levam a ampliar a reflexão sobre as “ponderações” que os homens pobres operam. Essas “escolhas” dentre as ínfimas possibilidades do trabalho se dão também na relação de custo e benefício entre o emprego formal e o trabalho informal. Assim, eles apontam que, mesmo na situação de desempregado, o homem não deve aceitar qualquer trabalho. Diante da constatação de que os benefícios desse trabalho não valham o esforço empregado, esse deve, no mínimo, garantir condições dignas ao homem-trabalhador. A via “denegrir trabalhos denegridores” (FONSECA, 2000, p. 20) novamente é relatada.

Cerca de 20 dias após a entrevista realizada com Alessandro, pergunto a ACS por Alessandro e ela me informa que eles se mudaram: *Marina arrumou as coisas dela e dos meninos e quando ele viu disse que ia também, que ele não ia ficar ali* (DC 30/03/09).

Até a finalização do trabalho de campo, avistei Alessandro três vezes na comunidade. Ele me disse que a irmã dele ia voltar a morar na casa, mas que por enquanto ele teria que estar sempre indo porque *tinha uns meninos que estavam entrando na sua casa, prá fumá lá dentro* (DC 09/06/09). Disse também que iria comprar uma moto pra vê se conseguia um emprego e que, se o conseguisse, não iria mais ficar vindo para Bola na Rede.

Dessa forma, mais uma vez, Alessandro enfatiza que, apesar das tentativas não exitosas de reinserção no mercado formal de trabalho, ele não desistiu de tentar e que sua função de *protetor da casa* continua a ser realizada.

No caso de **Robson**, estando há cerca de três anos sem conseguir um *emprego fixo* e tendo perdido um *bom emprego*, os relatos de mudanças também se reportam a perda de aquisição de bens para casa: *Ah, mudou assim em termos de situação financeira, né? Porque a pessoa tá trabalhando em alguma coisa, né? Tem como comprar uns móveis pra dentro de casa, tem um negócio a mais...*

Atualmente, os rendimentos financeiros para o provimento de sua família provêm, basicamente, do trabalho de Edna, sua companheira, e do benefício do Programa Bolsa Família (PBF). Quanto à participação no PBF, Robson disse que eles fazem parte do programa há, aproximadamente, um ano e meio, mas enfatiza que antes eles nunca tinham precisado participar de nenhum programa (se refere a outros programas de transferência de renda).

O recebimento de auxílio de outros parentes, para complementação da renda familiar, também foi relatado por Robson, principalmente quanto aos gastos com alimentação. Segundo ele, um de seus irmãos, que também mora na comunidade, *desde que conseguiu arrumar emprego, está me ajudando*. Porém Robson enfatiza: *Mas não com dinheiro. Não! Dinheiro não! Por mês ele dá assim uma feira de R\$10, no máximo R\$ 15 reais [...] Não tem nem como dizer que não*.

Com a ênfase dada por Robson, o recebimento de auxílio, por parte de parentes, soa como aceitável na situação em que ele se encontra, porém esse aceite tem limites. Mesmo que a “ajuda” advenha de parentes dele, as demarcações do que aceitar parece nítida: alimentos são aceitáveis, mas dinheiro não!

A procura por recebimento de benefícios do PBF também foi relatado por **Cláudio**. Segundo ele, Nelita (que nunca trabalhou fora de casa) procurou cadastrar a família em programas de transferência de renda após ele ter perdido o emprego na fábrica: *Quando, quando [...] eu tava parado ela [...] ela procurou. Ela começou a receber [...]*.

Devido à companheira ter passado um ano morando do interior, Cláudio não soube responder se ela continuava a receber o benefício. No entanto, ressalta que já chegou a comentar com Nelita que eles não precisavam mais do PBF: *Aí eu disse a ela: <A gente não depende de bolsa-família, mais. A gente depende daqui>. Porque isso aqui é da gente [se refere à barraca]. Então a gente tem que procurar melhorar o máximo, não é isso?.* É desta maneira que Cláudio reforça o seu lugar de provedor e procura explicitar que o recurso a outras fontes de renda, não advindas de seu trabalho, se faz necessário apenas em condições restritas, tal qual ele vivenciou entre a perda do emprego formal e o início de seu trabalho na barraca.

Durante a entrevista, **Josivaldo** relata que sua mulher está trabalhando há cerca de dois meses e quem está ficando com a filha de oito meses é ele. A sua família não participa do PBF, mas ele relata que sua mulher está procurando informações para se cadastrar no programa e receber o auxílio governamental.

Entre **Alberto** e **Renato**, que possuem mais experiências de trabalho praticamente no mercado informal, as rendas das famílias também não são constituídas unicamente pelos rendimentos da mão-de-obra masculina.

A mulher de **Alberto**, que trabalha há mais de 20 anos no mercado informal como pedreiro, realiza atividades remuneradas e recebe benefícios do PBF. Cláudia faz faxina e *toma conta* de dois meninos (um de sete anos e outro de um ano e cinco meses), filhos de sua vizinha, que também trabalha como faxineira.

A renda financeira da família de **Renato**, que até então só teve experiências no mercado informal de trabalho, também é complementada por recursos advindos da participação da família no PBF. Além dos rendimentos do PBF, tanto a mãe dele como a mãe de Luiza, companheira de Renato, “*ajudam*” para o sustento da família. No entanto, Luiza enfatiza que essa *ajuda* é mais frequente por parte de mãe dela. Quando perguntado sobre outras fontes de renda da família, Luiza, prontamente, responde a pergunta feita a Renato: *Só minha mãe que manda algum dinheiro, mas a mãe dele também ajuda de vez em quando. Mas não é certo tá entendendo? Assim ela não manda, todo mês frequentemente.* Renato mora com Luiza há três meses, mas a casa onde eles moram é de propriedade da mãe de Luiza e, quando Renato me informa que a casa é da mãe dela, Luiza reforça afirmação: *É da minha mãe!*

Diante das análises tecidas, ressalta-se que a condição de pobreza restringe o pleno provimento familiar por parte dos homens pobres. Nesse cenário, foi possível compreender que a remuneração gerada pelos homens, no mercado informal de trabalho, é insuficiente e que outras estratégias são utilizadas para geração de renda. Dentre as estratégias mais utilizadas encontram-se: a realização de atividades remuneradas por parte das mulheres e o cadastramento no programa nacional de transferência de renda, Programa Bolsa Família.

Porém, como existe essa impossibilidade de provimento unicamente por via do trabalho masculino, os homens constroem discursos que buscam minimizar ao máximo a situação de desempregado e procuram valorizar épocas nas quais eles conseguiam prover a família, nos moldes de uma nítida separação entre homem que trabalha fora e mulher que cuida da casa, do marido e dos filhos. De modo geral, na valorização dessas épocas de emprego, a construção/compra da casa, sob a qual a família se encontra abrigada, configura-se com um símbolo de seu poder como provedor. Símbolo este, demarca sinais de proteção, organização e manutenção na família. Assim, mesmo que, no momento, alguns deles não possam continuar a garantir o provimento familiar, essa

compra/construção da *casa* torna-se um dos principais instrumentos de poder masculino, no contexto familiar.

Na medida em que se observa a fragilização da relação homem-trabalho-rua, observa-se também o estreitamento da relação homem-casa. Mas, nessa conjuntura, a casa vai sendo configurada como um espaço que está para além de um objeto que foi construído ou comprado pelo homem.

A partir de análises sobre a divisão das tarefas domésticas, serão explicitados como esses homens vão reinventando a *casa* a seu favor como um espaço no qual, mesmo não sendo os provedores, podem continuar a cantar de galo!

4. CASA E TAREFAS DOMÉSTICAS

Segundo P. Scott (1990), tanto a casa quanto a rua são passíveis tanto do controle masculino quanto do feminino, mas os caminhos, para tal exercício, se particularizam frente ao gênero:

Os dois autores procuram controlar parte do ambiente para conseguir exercer alguma influência sobre as ações do outro. O caminho de menor resistência é a de seguir a dicotomia culturalmente imposta que atribui a casa à mulher e a rua ao homem. A casa torna-se um recurso, uma parte do ambiente sobre o qual o homem e a mulher formam estratégias de interação que julgam favoráveis à sua sobrevivência particular, resultando numa distinção onde se vê que as mulheres são representadas como ativamente controladoras em suas casas, enquanto os homens são representados como tendo suas casas sob controle (P. SCOTT, 1990, p. 46).

Assim, enquanto os homens apresentam suas casas “sob controle”, as mulheres administram e executam as tarefas domésticas. Os homens se preocupam em ter uma moradia, em ter uma casa para que a mulher administre. Analogamente, em termos trazidos por Zaluar (1995), enquanto ele se preocupa em colocar comida dentro de casa, fica a cargo da mulher preparar a comida para família.

Tal como apontado na introdução desse trabalho, o controle feminino na casa foi o foco do trabalho de Woortmann (1987), entre as famílias pobres da Bahia. Sob sua ótica, em face da impossibilidade de exercer a autoridade de *homem provedor*, a casa é um espaço que pertence às mulheres e não aos homens.

No ciclo de vida das mulheres pobres e de seus grupos domésticos, a instabilidade das uniões é o padrão das relações entre os casais: “[...] a ausência de autoridade masculina e a independência feminina conduzem a tensões e à cisão do vínculo conjugal, com um feedback sobre o padrão da matrifocalidade” (WOORTMANN, 1987, p.134). Assim um contraste se instaura: alto grau de *turnover* masculino, em oposição à constância feminina nas casas.

No entanto, as argumentações, construídas pelos homens moradores de Bola na Rede, nos levam a refletir que, quando o homem vê que já não consegue exercer as atividades que lhe proporcionavam ter a casa “sob controle”, ele busca se reaproximar dessa casa, construindo estratégias para manter o seu *status*. Ao discursarem sobre suas casas, os homens, em situação de desemprego, apresentam um discurso de pertencimento e relatam que continuam com suas casas “sob controle”.

Como apresentado no capítulo anterior, em virtude da condição de pobreza, os homens, que moram na comunidade de Bola na Rede, não controlam a *rua*. Os trabalhos, que eles conseguem, estão longe de garantir a perpetuação dos laços entre trabalho na rua e provimento familiar. Em tal contexto, a efetividade de *homem provedor* apresenta-se cada vez mais remota. Porém, o padrão de configuração familiar da comunidade mostra que, mesmo diante do desemprego masculino, os homens continuam a morar com suas mulheres e seus filhos. Dentre as 77 famílias visitadas, a configuração nuclear (homem, mulher e filhos) e família expandida (homem, mulher, filhos e agregados) foram predominantes. 41 famílias em arranjo nuclear e 17 expandidas. Famílias mono-parentais (mulher-filhos)¹⁹ foram 14. E mais do que *estar em casa*, os homens continuam a discursar que estão com suas casas “sob controle”.

Neste capítulo, o foco de análise homem-casa possibilitará a compreensão de como esse “sob controle” é mantido e quais as suas dimensões. A análise sobre a realização de tarefas domésticas²⁰ é tomada como a principal via reflexiva. Nesse sentido, os olhares se voltam para o entendimento dos mecanismos de poder postos em prática e como eles possibilitam o estreitamento dessa relação do homem com a *casa*.

Os relatos dos entrevistados continuam sequenciados numa ordem geracional. Esse ordenamento permite a visualização de nuances que se particularizam nos discursos dos homens jovens e dos de meia-idade. Na última seção, há uma análise dos relatos dos homens sobre os ditos populares (que versam sobre configurações de gênero). Estes se apresentaram como fundamentais na compreensão das formas de controle masculino na *casa*.

4.1 Esperteza e Virilidade

Nas visitas à casa de **Josivaldo**, foi possível observar a divisão das tarefas domésticas. Na primeira visita, ele estava espanando a estante da sala e organizando alguns DVDs que estavam nesta estante. Sua mulher estava com uma vassoura e balde

¹⁹ Dentre as famílias visitadas não observei homens morando com filhos, sem a presença de companheiras.

²⁰ Entende-se por tarefas domésticas, tarefas como: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou outros moradores; limpar o quintal ou terreno que circunda a residência, etc (BRUSCHINI, 2006).

de água limpando os quartos. Na sala, Josivaldo também olhava sua filha, que estava engatinhando no chão da sala (DC 27/01/09).

Na realização da entrevista com ele²¹, quando perguntado sobre os afazeres domésticos, Josivaldo fez a seguinte descrição:

Dou um grau aí. Dou uma tapeadinha. Dou uma vassouradinha, lavo os pratos e assim vai. Quando eu não tô é as meninas [refere-se às duas filhas de sua mulher que têm 12 e 9 anos]. Agora mesmo uma tá no colégio. Só tá uma aí, que eu chamo de Formiga, ela tem oito anos. Ela tá só assistindo [se refere a assistir televisão], agora quem fez tudo foi eu.

Ante esse relato, ele parece procurar se apresentar como um homem que pode estar desempregado, mas que traz, mesmo que seja pela via das tarefas domésticas, alguma contribuição para a casa. No entanto, no discurso dele, a realização das tarefas domésticas está condicionada ao não trabalho na rua. Ao falar sobre o que os homens gostam de fazer no que se refere às atividades domésticas, ele relata:

Eu acho que o home não gosta de fazer nada em casa. Eu acho que o homem gosta mesmo é de ter o dinheiro no bolso dele. Se ele tiver de trabalhar, ele trabalha e tal e traz as coisas para casa, e rua! Não é não? Mas não é todos não, eu mesmo não gosto de estar em casa, mas tem que fazer uma coisa ou outra, de vez em quando.

Nesse sentido, Josivaldo procura afirmar que lugar de homem não é na casa. Mas, quando esse se encontra em condições de não *ter o dinheiro no bolso*, então ele precisa realizar algum serviço doméstico, mesmo que seja apenas para dar *uma tapeadinha*, como mostrou a citação anterior.

O cuidado com a filha, menor de um ano, também foi ressaltado na entrevista. Segundo o cidadão, desde que sua mulher começou a trabalhar, após a gravidez, quem está *tomando conta* de sua filha é ele. Apenas quando o chamam para fazer uma *ôia* é que ele não pode *tomar conta*: *De vez em quando eles chamam a gente para a ôia, aí eu deixo ela com o pessoal, com a menina mais velha mesmo ou com as outra aqui.*

Assim, ao mesmo tempo em que diz contribuir para a família, busca enfatizar que o seu tempo, disponível para o cuidado com a casa e com a filha, está condicionado ao tempo do aparecimento de algum trabalho na rua. A prioridade é o trabalho na rua. Na ausência deste, o trabalho doméstico é uma possibilidade. No entanto, ao falar sobre a realização de tarefas domésticas, procura argumentar que a decisão, sobre que

²¹ No período da entrevista, dois meses após a primeira visita, sua mulher já tinha conseguido um trabalho como empregada doméstica. Estava trabalhando em outro bairro da cidade.

atividades realizar (e quando realizá-las), está sob seu controle. No detalhamento do que faz em casa, o mesmo vai apontando o seu domínio²² sobre a divisão das tarefas domésticas.

G: Josivaldo, vê só, e as coisas de casa, quem é que faz?

J: Quem faz é a gente, tudinho. Eu e as duas meninas dela [refere-se às duas filhas da companheira, de 12 e 9 anos, que moram com o casal] [...]

G: De roupa, tudo assim?

J: Não, a roupa é ela. Quando ela tá no lazer ela faz. Enquanto isso vai acumulando.

G: Ah, tá. Mas e varrer casa, fazer comida?

J: É eu. Comida é ela. Ela faz antes de ir para a praia ela faz [refere-se a ela ir trabalhar como empregada doméstica numa casa que fica localizada no bairro de Boa Viagem]²³.

As análises, sobre a frequência de tarefas domésticas (**Quadro 1**) e as observações feitas, também auxiliam na compreensão de como ele controla a distribuição dessas atividades.

²² Vale destacar que ao argumentar tal domínio não se está afirmando que efetivamente ele decide tudo e ela obedece passivamente. Até mesmo porque não se tem dados suficientes para a sustentação de tal afirmação. Para uma melhor compreensão do argumento defendido nesta dissertação, essa ressalva é essencial.

²³ No próximo capítulo, que versa sobre trabalho feminino, a associação que Josivaldo faz entre o trabalho fora de casa da companheira e lazer será problematizada.

QUADRO 1 - Frequência de Atividades Domésticas

ATIVIDADES	FREQUÊNCIA DE ATIVIDADES					
	Alberto	Alessandro	Claudio*	Josivaldo**	Renato***	Robson
Item 1 Comprar alimentos	Raro	Raro	1 a 2 vezes por semana	Nunca	Nunca	Fins de Semana
Item 2 Cozinhar/ preparar alimentos	Nunca	Raro	Raro	Nunca	Raro	Todos os dias
Item 3 Arrumar a casa	Nunca	3 a 5 vezes por semana	Raro	3 a 5 vezes por semana	3 a 5 vezes por semana	Todos os dias
Item 4 Lavar roupas	Nunca	Raro	Nunca	Nunca	Nunca	1 a 2 vezes por semana
Item 5 Dar banho nas crianças	Nunca	Todos os dias	-----	Todos os dias	Todos os dias	Todos os dias
Item 6 Levar crianças para escola	Nunca	1 a 2 vezes por semana	-----	-----	-----	1 a 2 vezes por semana
Item 7 Passear com filhos	Raro	Raro	-----	Nunca	Não respondeu	Fins de semana
Item 8 Fazer consertos domésticos	Nenhuma das respostas	Nenhuma das respostas	Nenhuma das respostas	Nenhuma das respostas	1 a 2 vezes por semana	Fins de semana

Fonte: Roteiro de entrevistas

* Como Claudio só tem filhos pré-adolescentes e adolescentes, os itens 5, 6 e 7 não foram perguntados.

** Como a filha de Josivaldo tem menos de um ano de idade, o item 6 não foi perguntado.

*** Como a filha de Renato tem apenas dois anos de idade, o item 6 não foi perguntado.

Observa-se que, das oito atividades nomeadas, Josivaldo afirma apenas que realiza duas (arrumação da casa e banho nas crianças). Exceto duas questões que não responde (levar crianças para a escola e consertos domésticos), para metade das atividades, ele assinala a opção *Nunca*.

Em relação à compra de alimentos, Josivaldo é bem categórico: *Eu não compro nada não. Eu só faço comer. Acabo com tudo. O que tiver na frente eu tô comendo*. Comenta também que, quando estava morando sozinho, tinha que ir comprar alimentos, mas, morando com mulher, quem deve fazer as compras é ela: *Eu prefiro fazer feira sozinho para mim, mas morando com mulé quem faz é ela*.

Ao falar sobre a preparação de alimentos, ele também aponta que este não é um campo que homem casado deve adentrar. No entanto, apesar de assinalar a opção *Nunca*, comenta que prepara algumas comidas quando sua mulher está trabalhando:

Fazia [se refere a quando estava morando sozinho]. Agora não faço não. Faço de vez em quando um cuscuzinho, uma coisa só para tapear. Só pra quando ela chegar botar um dinheiro no bolso. Ela sempre deixa pronto. Pra cozinhar... Ela sai de cinco horas. Aí de quatro horas já tá fazendo as coisas toda.

Nessa fala da preparação de alimentos, observam-se as condições impostas por ele na realização dessa atividade. A construção do discurso o retrata como um homem que se utiliza da “esperteza” (masculina) para *tapear* a mulher. Realiza alguns serviços domésticos, em troca de *ter dinheiro no bolso*. Inclusive, essa “esperteza” parece servir como meio de sustentação (na casa) de um homem que não tem condição nem de se sustentar, nem de prover sua família, a partir dos trabalhos que consegue arranjar. Ao falar da relação com Eliane, sua companheira, Josivaldo faz o seguinte comentário: *Mulher botou dinheiro no bolso do cara, o cara é dela. <Eu sou teu, amor>, beijo até os pés dela quando ela sai de manhã. A mulher bem cheia, parecendo um dragão <Você é linda amor, amo você> bota dinheiro no bolso*.

Como instrumento dessa “esperteza”, lança mão da *virilidade* masculina para tentar conseguir se manter com uma mulher que trabalha e que pode sustentar a família. Em seus discursos, busca continuamente se afirmar como um homem viril.

Durante a entrevista, quando perguntado sobre o que os homens mais gostam de fazer em casa, ele prontamente responde: *Oxente. Eu acho que é sexo. Não é não?* Nesse momento, ele se dirige para a tia dele, que está ao nosso lado e comenta:

J: Tia, ela tá perguntando o que é que a gente gosta de fazer em casa?

Tia de J: Ele gosta de lê revista de sexo.

J: É não. Não! De revista de sexo eu não gosto muito não. Prefiro fazer sexo do que ver revista. Olhe, eu prefiro fazer o sexo do que ler a revista ((risos)).

Tia de J: Ele tem um bocado de revista de sexo ((risos))

Quando perguntado sobre a lavagem de roupa, ele ratifica que este não é um trabalho para homem que tem mulher e volta a ressaltar sua virilidade: *Já lavei roupa. Quando eu morei sozinho, eu lavava! Mas com mulher eu vou fazer as coisas? Só fazer sexo mesmo. É o melhor que tem.*

Quanto às tarefas que se referem ao cuidado de crianças (itens 5, 6 e 7), no item 5 (Banho nas Crianças), ele também aponta as condições para os cuidados com sua filha: *Sou eu mesmo, só a mãe dela dá só quando ela tá em casa.* No item 7 (passeio com crianças), novamente o discurso é construído em torno da virilidade masculina:

Eu gosto de passear. Mas, não gosto de passear com família dos outros não. Gosto de passear sozinho. Não é não? Passear com menino é ruim demais. Eu gosto é de passear sozinho, ir para a praia, arrumar uma namorada nova ((risos)). Eu não vou mentir, ela [se refere à companheira] junta para sair em família, mas eu não.

Quanto aos consertos domésticos, não assinala nenhuma opção, mas, a partir do seu comentário, pode-se dizer que é uma atividade que ele realiza: *Bujão eu troco. Lâmpada eu troco também. Eu mexo também em algumas coisas, num relógio, num som, na torneira. Eu mexo em tudo. Mas tenho medo de energia arretado.*

Na conjuntura desses relatos, argumenta-se que Josivaldo procura nos dizer que, mesmo ante a impossibilidade de prover a família, o domínio da casa está sob seu controle. Os instrumentos utilizados para tal empreitada se diversificam de acordo com campo em questão. No campo dos afazeres domésticos, realiza algumas tarefas. Mas a disponibilidade (tanto de tempo, como qual atividade realizar) tem limites extremamente nítidos e se apresenta sob condições específicas. No contexto afetivo/sexual, a virilidade de um homem jovem é apresentada como uma poderosa arma na conquista diária da sua manutenção dentro da casa. Para ele, a virilidade é um prêmio ofertado à mulher.

No discurso de **Renato**, a realização de atividades domésticas também é afirmada; bem como, os limites, sobre que tarefa realizar, se mostram bem definidos. Ao falar sobre a tarefa de casa que mais gosta de fazer, ele se reporta aos cuidados com a filha de dois anos: *Cuidar da menina só.* Ao longo da entrevista, vou percebendo o afeto dele para com a filha, que não sai do colo do pai.

Ele também relata que gosta de varrer a casa, mas é bem explícito: “*Eu varro a casa. Prato é com ela.*” Nesse momento, Luiza, sua companheira, reforça a fala de Renato: *Ele gosta é de faxina. Varrer a casa.*

Quando pergunto sobre a lavagem de roupa, ele novamente se reporta a sua companheira: *Roupa não. Roupa é com ela.* Ao falar da sua rotina, Renato também aponta outras atividades que realiza em casa:

G: Renato, me fala um pouco como é o dia-a-dia na tua casa.

R: É ficar aqui mesmo, conversando, às vezes eu fico dentro de casa fazendo alguma coisa.

G: Alguma coisa é o que?

R: Ajeitando uma teia, ajeitando um vidro, um cano. É... De vez em quando eu tô aqui [se refere a ficar conversando com os amigos na frente de casa – a entrevista foi feita nesse espaço] Vou lá em baixo tiro uma jaca. É assim [...]

No preenchimento do quadro de frequência de atividades domésticas (**Quadro 1, p. 59**), Renato segue a mesma exatidão sobre o que faz e o que não faz na casa. Ao comentar sobre a preparação de alimentos, ele relata: *Isso é com ela* [se dirige a Luiza]. *Às vezes eu faço algumas coisas, macarrão, algumas coisas. Só quando ela sai.* Luiza, então complementa: *Saio mais só no fim do mês para pegar o dinheiro.* O dinheiro a que ela se refere é o benefício do PBF.

Nesse aspecto, de acordo com Renato, a divisão das tarefas domésticas parece ser bem definida: Cozinha e lavagem de roupas não são coisas de homem. No entanto, relata-se certo redimensionamento, nessa divisão, nos períodos de saída da mulher para busca dos rendimentos que sustentam a casa (aqui vale relembrar que o benefício do PBF está se constituindo como principal renda familiar, na família de Renato).

As condições desse redimensionamento, novamente, nos leva a refletir sobre a realização das tarefas domésticas e a “esperteza” masculina. Por um caminho mais indireto do que Josivaldo, Renato parece nos relatar a mesma esperteza: Eu faço uma comidinha, desde que minha mulher bote um dinheirinho no meu bolso!

O poder de decisão sobre que atividades realizar dentro de casa também é apresentado por **Alessandro** como um poder que está sob seu domínio. Quando perguntado sobre a divisão das tarefas, ele relata:

A: Assim, eu só gosto de fazer as coisas dentro de casa quando eu tô sozinho, eu posso fazer tudo. Eu não gosto de lavar roupa, mas eu lavo sim também, véio, uma roupa minha. Às vezes, quando tem muita coisa para fazer eu lavo uma peça, lençol, roupa íntima não, lavo também camisa.

G: Cozinhar?

A: Ah! Cozinhar eu não sei não. A questão é que eu não sei fazer. Eu não tenho paciência na hora.

G: Lavar banheiro?

A: Normal. Isso é normal aí, meu irmão, eu faço. Eu varro a casa, agora tem umas coisa que eu sei fazer, véio. Do meu gosto, não pra cozinhar pra outra pessoa, mas pra fazer do meu gosto.

G: Na hora de um café da manhã. De um almoço.

A: Faço, eu desenrolo.

G: E quando ela tá trabalhando fora?

A: Fica eu e os meninos.

G: E quem faz o almoço?

A: Eu, véio! Eu que ajeito aí. Ou então ela deixa, quando tem que deixar cozinhado ela faz à noite e deixa na geladeira pra no outro dia esquentar.

G: Ah! Tá!

A: Assim, cozinhar um macarrão, arroz tudo mais essas coisa assim, mas tratar galinha, aí eu não sei não.

A arrumação da casa e o cuidado com os filhos, quando a mulher está trabalhando na rua, parecem ser as atividades mais frequentes realizadas por Alessandro.

A lavagem de roupa e a preparação de alimentos são apresentadas como atividades, que sob algumas condições, ele pode vir a *desenrolar*. Alessandro afirma que não gosta de lavar roupa, mas, nos casos de acúmulo de roupas sujas, ele se dispõe. No entanto, a limitação é clara: roupa íntima, não se lava! Quanto aos alimentos, o *ajeitar* parece se restringir a “esquentar”, bem como se observa a resistência pela preparação de alimentos que requerem maiores manuseios com temperos (os quais, de certa forma, simbolizam uma especialidade feminina - sabor, temperos etc).

Em seus relatos, Alessandro também aponta que o seu *tempo*, não ocupado pelo trabalho, em face da situação de desemprego, é disponibilizado para a realização de algumas atividades domésticas: [...] *Eu gosto de fazer coisas assim [...] Pronto, eu tava vendo o DVD de Calcinha Preta, eu boto o DVD e começo a arrumar, aí eu não tô nem aí, azar de quem passa, vem aqui duas ou três vezes <Bora meu irmão, vai passar o dia todinho em casa? Tal>.*

Ao comentar sobre o ditado “Homem em casa mais atrapalha do que ajuda”, ele parece construir seu argumento de modo a nos informar que disponibiliza seu tempo para a casa, mesmo que a companheira rejeite sua presença no ambiente doméstico: *Minha mulher também tem horas que ela manda eu sair de casa mesmo. Manda mesmo <saia, saia, eu fico mais à vontade para fazer as coisas>. Dentro de casa ela faz uma coisa, faz outra. Ela mesmo me manda para a rua.*

Alessandro também procura evidenciar as formas pelas quais burla a autoridade feminina na realização das tarefas domésticas e procura mostrar que ele está presente dentro de casa. Ao falar que prefere ficar sozinho para arrumar a casa, comenta:

A: Só consigo trabalhar mais à vontade quando eu tô ouvindo música. Não sei por que. E sem ninguém por perto. Eu sozinho assim me sinto melhor pra fazer. Lógico, se tiver ela e os meninos também é bom, mas é que eu gosto de cantar também, sei lá, véio.

G: Fica mais à vontade, né?

A: Sozinho fico com mais disposição pra fazer e tem a vergonha também.

G: Vergonha de que?

A: Não, assim, dá pra fazer mas aí <deixa aí que eu faço, não sabe fazer tal> E eu sozinho depois que ela chega, vai reclamar. Tá feito, né véio?

Com isso, ele parece nos dizer que faz a arrumação da casa do jeito dele e, se ela vem a reclamar, já está feito, problema dela! Ao interpretarmos a palavra *vergonha*, mais como sinônimo de respeito e seus derivados semânticos, a autoridade masculina, sobre a organização doméstica, mostra-se decisiva.

Quanto às frequências de atividades domésticas (**Quadro 1, p. 59**) e aos comentários de Alessandro, ratificam a visualização das tarefas que ele realiza e das condições para essa realização.

Nos itens 1, 2 e 4 (compras, preparação de alimentos e lavagem de roupa), ao assinalar a opção *Raro*, ele continua a apontar sua resistência para atividades ligadas à cozinha e à lavagem de roupas.

Sobre ir à feira, comenta: *Não é que eu nunca vá. Eu vou, lógico, eu vou mais buscar e já fui para comprar. Com certeza. Mas não é muito meu forte.* Assim, parece deixar claro que ele faz a parte mais masculina de ir à feira, ou seja, usar seus músculos de homem para carregar o peso dos itens comprados. Quanto à preparação de alimentos, comenta: *É coisa assim. Não é muito fácil de acontecer não. Mas eu faço também, mas é muito raro.*

A arrumação da casa e cuidados com as crianças aparecem, novamente, como as atividades que ele mais realiza. Mas, ao comentar os itens 5 e 6 (Dar banho e levar as crianças para escola), aponta as condições para realização de tais atividades. Sobre o banho, relata: *Dou... todos os dias. Toda semana eu dou vários banhos. Assim, pra dá um descanso para ela [se refere a sua companheira]. Eu não gosto de dá muito na menina que já tá grandinha já. Toma banho sozinha já. Com o menino é que eu fico mais a vontade.* Quanto à escola: *Marina leva, mas às vezes eu levo e ela vai buscar. Às vezes ela leva e eu vou buscar. Mas, quem vai mais, é ela, lógico.*

No conjunto desses comentários, Alessandro parece nos informar que, em alguns momentos, até toma conta dos filhos, mas essa não é sua responsabilidade. Ele o faz apenas para dar *um descanso* à mãe, visto que, na sua condição de não ter um trabalho *fixo*, tem algum tempo para proporcionar esse “descanso” à sua mulher.

Na continuidade de seu comentário do cuidado com os filhos, Alessandro reafirma que essa é uma atividade de responsabilidade feminina. Ao ser perguntado sobre a relação dele com os filhos, enquanto pai, prontamente responde: *Quem cuida mesmo é ela, assim, de verdade mesmo é ela, quem cuida é ela assim [...] Ela que dá banho, que faz café, que troca de roupa, leva pro colégio. Eu também, às vezes, vou buscar o leite lá em baixo.*

Entre os homens jovens, o cuidado com os filhos foi bastante mencionado. No entanto, a fala de Alessandro nos chama a problematizar quais são as dimensões desse cuidado, o que é que esses cuidados efetivamente significam. No detalhamento da relação pai-filhos, ele sinaliza que, quando os homens falam que realizam “cuidados com os filhos”, necessariamente, não estão falando de cuidados do pai para com questões de alimentação, de higiene e de educação. De acordo com Alessandro, esse campo dos cuidados básicos *de verdade mesmo é dela*. Refere-se à mãe dos filhos.

Portanto, essas reflexões apontam para a importância da realização de estudos sobre o exercício da paternidade e a divisão das tarefas domésticas entre o casal. Tal como apontado por Quadros (2006), as pesquisas, nesse campo, não devem buscar compreender as mudanças do exercício da paternidade, focalizando apenas o envolvimento e laços afetivos entre o pai e a sua prole, mas devem, igualmente, focar atenções para as mudanças e/ou continuidades da divisão sexual do trabalho, no âmbito doméstico.

O item 7 (passeio com as crianças) constitui uma das tarefas que ele gostaria de realizar com maior frequência, todavia, devido à situação financeira, realiza raramente:

Tem muito tempo que eu não passeio, faz tempo que eu não passeio. Eu a fim de ir pra dois irmãos [se refere ao Parque Dois Irmãos, localizado em outro bairro da cidade] e o cara ir só com a passagem e aí as coisas lá? Que fazer um lanche. Eu que sou eu já gosto de tá lanchando, tá mastigando direto e os meninos então...

Quanto ao item 8 (consertos doméstico), Alessandro não assinala nenhuma opção, entretanto comenta: *Oxe. Eu tenho o maior medo de energia, não combina comigo, não. Mas pintar a casa eu me garanto. Eu não sou pintor não, mas eu me garanto.*

Em síntese dos relatos de **Josivaldo**, **Renato** e **Alessandro**, observa-se que, entre os homens mais jovens, a realização das tarefas domésticas coaduna-se a um conjunto de mecanismos de poder que possibilitam a construção da *casa* como um espaço de domínio masculino.

Na situação de desemprego, esses homens jovens se apresentam como úteis para suas famílias ao realizarem tarefas domésticas. Porém, buscam, enfaticamente, ressaltar que ao realizá-las não estão se feminilizando, ao contrário, como o poder de decisão está em suas mãos, eles decidem que tarefas realizar, quando realizar e sob que condições.

Dessa forma, ao invés do enfraquecimento da imagem masculina, propaga-se o seu fortalecimento. Se o provimento masculino não é suficiente, observa-se uma série de mecanismos pelos quais essa fragilização de seu *papel*, enquanto marido e pai, vem a ser “ressignificado” por meio da vivência cotidiana na rotina da casa.

Com isso, apesar das restrições, observa-se que os homens discursam realizar atividades que estão para além de tarefas relacionadas com consertos domésticos. Na literatura sobre classes populares, é recorrente a afirmação de que a participação dos homens, nas tarefas domésticas, é bastante restrita a atividades relacionadas com reparos físicos nas instalações da casa. Trabalho de arrumação de casa, de lavagem de pratos e roupas, de preparação das refeições, de cuidado com as crianças fica, exclusivamente, a cargo das mulheres (MOTTA; SCOTT, 1983; ROAZZI, 1997).

Entre os homens mais jovens, lavagem de roupa e compra/preparação de alimentos encontram-se, notadamente, num campo feminino e nele a resistência é explícita. Mas, além dos consertos domésticos, entre as tarefas relatadas, estão a arrumação da casa e os “cuidados” com os filhos.

Nos discursos sobre a realização das tarefas domésticas, o recurso, à “esperteza” masculina, é o ponto de apoio para a construção discursiva. Assim, a “vergonha” (em discursar sobre a realização das tarefas) é ressignificada e é incluída, juntamente com a “virilidade”, no conjunto de estratégia de poder dos homens jovens para se manterem dentro das casas, mesmo que não consigam prover sua família.

4.2 Autovalorização masculina

Na casa de **Robson**, tarefas domésticas são coisas de homem também! Foi possível compreender, desde a primeira visita, que, na realização dos afazeres domésticos, ele contribui significativamente.

Assim que chegamos (eu e a ACS), Robson estava varrendo o quintal e Edna, sua companheira, estava na cozinha fazendo o almoço. Edna veio nos atender, a ACS me apresenta e em seguida pergunta sobre os cartões de vacinação das crianças. Edna então vai ao quintal perguntar a Robson onde ele os guardou. Após procurar, Robson chega à sala com os cartões e um ventilador para que pudéssemos ficar melhor acomodadas na sala da sua casa. Durante as perguntas da ACS sobre a vacinação, Elias (seis anos), o filho mais novo de Robson, começa a descascar uma manga e joga as cascas no quintal da casa, a mãe começa a reclamar mas Elias continua a jogar as cascas no chão. A manga cai da boca do menino. Robson então pega a manga, vai lavar, devolve ao filho e pega uma vassoura para recolher as cascas que tinham sido jogadas no quintal [...] (DC 14/01/09).

Durante a entrevista, realizada em sua casa, quando perguntado sobre as tarefas domésticas, ele relata que faz *tudo* dentro de casa: *Eu faço almoço... O menino varre a casa, faço um arroz, faço feijão, macarrão. Lavo prato... Boto ropa de molho, quando ela chega, ela lava, quando ela não lava, eu faço. E eu não tem isso de negar não [...]*.

Ao falar sobre as tarefas domésticas, ele conta que seu aniversário, neste ano, caiu num dia de domingo, no entanto, mesmo assim, passou o domingo *lavando roupa*: *Essa semana ela chegou cansada e eu disse <Olha, mas rapaz, é meu aniversário no domingo>, aí eu disse <lavar essa pilha de roupa>, mas aí ela <mas eu não vou trabalhar fora também> E fui fazer, lavei, botei uma cerveja ali na pia.* Ao me relatar que faz tarefas domésticas, complementa: *Eu tenho vergonha de dizer, não? Vergonha é eu sair por aí roubando e depois ir preso.*

Os relatos deste transbordam *valorização de si*, via realização de trabalhos domésticos. O orgulho, do saber fazer e fazer bem, se encontra em todos os pormenores de sua fala. Na negociação com a mulher, que não pode ficar em casa e tem que ir para rua trabalhar, não deixa de apresentar elementos que ratificam sua masculinidade: “eu lavo roupa, mas faço isso bebendo uma cerveja!” A *vergonha*, novamente, entra em cena, mas, no caso de Robson, esta é utilizada num contraste que contribui para a sua valorização de *homem digno* que não se envolve em *roubos*.

Na ocasião da segunda visita, cheguei à casa de Robson por volta de 11h. Edna não estava (estava trabalhando na rua) e ele na cozinha (cozinhado macarrão). Neste dia, passei mais de duas horas em sua casa, visto que também realizei uma entrevista com ele. Durante a realização da entrevista, os cuidados com o filho mais novo, Elias (seis anos), novamente se mostraram bastante evidentes:

Estávamos na sala, fazendo a entrevista, e Elias mudava várias vezes o canal da TV. Queria assistir desenho animado. Depois de pular muito em cima do sofá e mudar de canal, pediu ao pai para que colocasse o DVD do Rei Leão. Robson, então me pede para que eu desse stop no gravador e vai colocar o DVD. Em seguida, pede mais alguns minutos para colocar o almoço do filho. Vai para cozinha e volta para sala com um copo de suco de acerola pra mim e um prato com macarrão e omelete para o filho. Mas ele não entrega o prato para o filho comer sozinho. Ao contrário ele dá a comida na boca do filho. Elias cantava e pulava escutando as músicas do filme infantil e Robson o chamava pacientemente, várias vezes, para poder dar a comida na boca do filho (DC 10/03/09).

Quando perguntado o que mais gosta de fazer em relação às tarefas domésticas, ele ressalta o gosto pela preparação de alimentos e retoma a fala do cuidado com o filho mais novo e a casa: *De serviço. É fazer uma comida. O segundo é ler assim a Bíblia. Hoje mesmo cinco horas da manhã eu tava levantado. Cinco e meia. Ela foi trabalhar, eu fiquei com o menino, o outro foi para o colégio. Foi nove horas quando chegou água aí eu fui encher as coisa.*

Na constante valorização das tarefas doméstica que realiza, os comentários dele nos conduzem a outra informação essencial: a sinalização para o estreitamento da relação do homem com a casa. Esse homem que se apresenta como um exímio “dono de casa” é o mesmo que, em períodos anteriores de sua vida, trabalhava todos os dias da semana e, raramente, conseguia *parar em casa*. Ao está em *casa*, na condição de desempregado, também nos diz que não é um “peso” para sua família, visto que a organização doméstica encontra-se sob sua responsabilidade.

Quando perguntado sobre o dito popular “Homem em casa mais atrapalha do que ajuda”, segue a mesma direção de autovalorização e se coloca como um homem que não é *machista*: *“Concordo não. Eu não atrapalho tanto não. Concordo não. Isso aí é machismo.”*

Ao se analisar o quadro de frequência das tarefas domésticas preenchido por Robson (**Quadro 1, p. 59**), observa-se que ele afirma realizar todas as tarefas nomeadas.

No preenchimento do quadro, só fez comentário sobre o item 1 (compra de alimentos). Nesse comentário, também busca uma valorização de suas habilidades para com a casa: *Eu compro porque ela não sabe fazer economia não.*

Numa análise mais refinada sobre essa constante valorização de homem, que não tem emprego, mas que sabe cuidar da casa e dos filhos, um fator-chave se justapõe no conjunto das categorias sociais: a geração.

Enquanto homem de meia-idade, essa valorização parece ser um dos principais instrumentos através do qual ele consegue realizar uma dupla tarefa: ele não só se mantém dentro da casa, mas também mantém sua autoridade masculina nela. Dessa maneira, ele se conserva longe das estatísticas de *turnover* no ciclo doméstico de desenvolvimento masculino, em face da impossibilidade de provimento (WOORTMANN, 1987; P. SCOTT, 1990).

Esse argumento é ratificado quando se compara com os relatos dos outros homens de meia-idade que, mesmo desempregados, se anunciam como os principais provedores de suas famílias. As condições de **Cláudio**, para realização de tarefas domésticas, são explicitamente definidas. Ao comentar sobre o dito popular “Homem em casa mais atrapalha do que ajuda”, relata:

G: Agora, assim, tem um ditado que diz que homem em casa mais atrapalha que ajuda. Que é que tu acha desse ditado?

C: Como é? Ajuda?

G: Home em casa mais atrapalha do que ajuda.

C: Ah, não. Às vezes eu ajudo, viu. Às vezes eu ajudo, que eu vejo ela fazendo as coisas, que para isso ela faz, viu. Isso eu não tenho o que reclamar dela não. Ela vai pro um canto, vai pro outro.

G: Mas como é, assim, essa ajuda?

C: Agora mesmo eu tava ali, tô até queimado do sol. Ela tava fazendo as coisas lá dentro. Mas que ela faz. Às vezes eu ajudo, né? Quando eu vejo ela fazer, eu ajudo, eu lavo um prato, só não lavo roupa.

G: O que é que tu gosta de trabalhar, de fazer em casa?

C: Às vezes eu varro a casa, lavar prato eu lavo. Dar uma espanada na casa, eu gosto de fazer. Quando ela tá para chegar eu mesmo dou uma espanada aí [se refere às idas da mulher para uma cidade do interior quando vai visitar a sua família de origem].

O discurso, sobre o exercício das tarefas domésticas, aparece sempre condicionado ao termo *às vezes* e sob as condições da mulher está de volta em casa, após passar algumas semanas na casa de familiares, no interior; ou nas ocasiões em que a mulher não tenha deixado de cumprir com sua responsabilidade dos cuidados com a casa. Vale ressaltar que a mulher de Claudio não exerce atividade remunerada. Isto, de certa forma, parece nos auxiliar nas diferenciações quando se compara as atividades realizadas por Robson e Cláudio.

Dentre as tarefas domésticas, a lavagem de roupa é indicada como uma atividade para a mulher e não realizável sob quaisquer condições. Sobre os períodos em que Cláudio ficava sozinho em casa, visto que sua mulher e filhos estavam no interior, ele relata:

G: Como era nos períodos em que tu ficava sozinho?

C: Era muito ruim.

G: Quando tu tava sozinho, quem arrumava a casa, lavava as roupas?

C: A roupa eu deixava aí, quando ela vinha, ela lavava. Às vezes eu passava necessidade também, eu ficava angustiado, a gente precisa de uma pessoa dentro de casa que não vê, acostumado né? Porque eu sou caseiro. Aí ficava triste assim, olhava para um canto, para outro e não via ninguém, aí dizia: <<quero comer não>>. Que é ruim viu. Tá acostumado dentro de casa. Eu sou caseiro, ela sabe muito bem e viver sem ninguém dentro de casa é muito ruim.

Mesmo diante da “necessidade”, apresenta grandes resistências na realização de alguns afazeres domésticos. A frequência desses serviços caseiros relatados por ele (**Quadro 1, p. 59**) também evidencia as limitações.

Nesse contexto, exceto o item 8 (consertos domésticos), a única atividade, que é assinalada positivamente, se refere à aquisição de alimentos (item 1). Porém, tal afirmação, não diz respeito à compra de alimentos para casa mas para a barraca (trabalho):

Negócio de fruta, verdura ela vai, porque eu sou mais assim... Eu só quero comprar negócio de alimento [se refere à compra de alimentos não perecíveis que ele compra para a revenda na barraca]. Negócio com frutas, verdura, carne eu não trago. Pronto, ontem mesmo ela trouxe macaxeira, eu não trago. Quando eu vou para a CEASA, que ela vai comigo, ela vai e compra. Porque eu não tenho paciência. É mais fácil para ela do que para mim comprar essas coisas.

Logo, ele pontua a nítida separação entre compra de alimentos para casa e para a sua barraca. A compra de alimentos não vendidos na barraca e que vão servir apenas para a casa é uma atribuição da sua mulher. Ele, enquanto homem, não pode perder sua *paciência* com uma tarefa feminina.

Quanto à arrumação da casa, o termo *às vezes* continua a ser empregado: *Às vezes eu arrumo. Às vezes eu vejo bagunçado, saio arrumando, tirando um negócio para lá, ajeitando, varrendo.* No campo dos consertos domésticos, o *às vezes* também aparece: *Eu faço. Às vezes até ajeito, eu olho o defeito, vou no contador e desligo. Eu vejo o defeito, eu vou no contador e tento consertar.*

Dos homens que estão na faixa dos 40 anos, **Alberto** foi o que menos declarou realizar atividades domésticas. Quando perguntado sobre tarefas domésticas, então relata:

Cozinhar eu não gosto de fazer não. Sei não, mas sempre que eu tô de bom-humor eu gosto de fazer um bolozinho, no meu forno ali [se refere ao forno de lenha que tem no quintal de sua casa]. Um doce que é pra vê ela engordar bem muito. Doce de banana. Japonesa. Quando eu tô com bom humor, né? Bastante tempo aí eu gosto de fazer. Só, é a única coisa que eu faço. Mas cozinhar eu não gosto de fazer não.

Assim sendo, em relação ao cozimento de alimentos, ele busca ressaltar que, nas ocasiões em que ele se dispõe a cozinhar, prepara comidas diferenciadas. O forno, que diz utilizar, não é o utilizado pela mulher para preparação das comidas diárias. Este fato, de certa forma, corrobora a imagem de que, quando ele vem a cozinhar, não se utiliza do espaço, simbolicamente, feminino, a cozinha.

Em seus relatos, observa-se que procura ressaltar a estreita relação homem-rua, pois fala sobre o ditado popular “Homem em casa mais atrapalha do que ajuda”; e, em seguida, diz:

Eu acho que não. Depende dos homens, né? Porque isso aí quem pode responder eu acho que é a madama ali, ó. [Aponta para Claudia que está sentada próxima a nós]. Eu acho que não atrapalha não. Apesar que o homem é cabulosinho mesmo para ficar em casa. Eu mesmo não gosto quando ela começa a falar as coisas, aí eu fico logo com raiva e vou logo para a rua. Quando eu tô de folga, se eu não tiver fazendo alguma coisa em casa, tô na rua. Ela mesmo, pode perguntar a ela, eu não passo um incomodo dentro de casa não, praticamente eu não vivo em casa. Em casa em vou fazer o que? Eu vou perder meu tempo assistindo televisão? E depois? Eu penso nisso. Porque enquanto eu passo meu tempo na televisão eu tô perdendo de ganhar alguma coisa lá fora.

A relação dele com a rua é ressaltada enfaticamente. Porém, na mesma linha de ênfase, a relação, com a casa, aparece constantemente. Nesse aspecto, ele nos diz que sempre está fora de casa para que possa garantir continuamente o provimento familiar. Com isso, o componente geracional também parece ser um fator-chave.

A valorização rua-trabalho de Alberto, mesmo que de maneira invertida, ratifica as argumentações de Robson. A manutenção do homem de meia-idade, que não tem *carteira fichada*, dentro da família, é a finalidade de ambos. Robson segue a via de valorização das tarefas domésticas que realiza, Alberto valoriza a rua via oportunidade de “ganha pão”.

No tocante às frequências de atividades domésticas (**Quadro 1, p. 59**), Alberto também assinalou bastante a opção “nunca”. Entre os oito itens indicados, respondeu “*nunca*” a cinco deles (preparar alimentos, lavar roupa, arrumar casa, dar banho nas crianças e levar para escola).

Ao comentar que nunca dá banho nos filhos, ele, que tem uma filha de seis anos, enfatiza que dar banho em filha não é tarefa para homem/pai fazer:

Nunca dei banho, nem lavei não. Principalmente feme. Isso é com a mãe dela. Tudo é com a mãe dela. Sou muito diferente de uns pais que têm por aí. Porque a menina, a criança, tem a parte que só quem pode fazer é a mãe. Tem pai que não olha isso, eu acho que isso é uma coisa muito errada. Por isso que hoje dá o que? Muito estupro. Sacanagem, muita sacanagem nas crianças. A mãe libera demais, liberdade demais. Eu não sou assim, não. Por exemplo, ela tava com esse problemazinho no seio dela. Ela é uma menina que eu não toco nela em nada. Porque eu acho que foi a criação que eu tive. Papai quando era vivi, a gente era criado tudo junto, irmão, irmã. Não tinha separação de nada. Agora coisa de tá junto na hora de tomar banho, não. A gente ia pro rio, que era um rio muito grande. Primeiro iam as meninas tomar banho. A gente ficava de um lado do rio. Aí quando terminava <Já terminemo!>. Aí a gente descia, elas subia. Para poder ficar para a gente tudo junto. Eu fui criado nesse ritmo que eu acho que o certo era para ser assim. O pai não pode tomar conta de uma menina pequena. Porque dar banho numa menina, tem que lavar as partes dela. Que ela não sabe. E quem só pode fazer isso é a mãe. Eu jamais vou dar um banho na minha filha. Se fosse o caso da minha esposa caísse doente, eu pedia para uma vizinha. Para um parente mais próximo. Aí ela diz <Deixa de tua besteira, que é tua filha>. Eu sei que é minha filha, mas é feme.

Diante da fala dele, vale ressaltar a importância de se entender como essas relações de gênero dá sentido à organização e à percepção da vida material e simbólica. A relação que ele estabelece, entre socialização primária e conceitos normativos, que categorizam, binariamente, o masculino e o feminino, explicita como a dimensão do gênero corporifica-se nas práticas cotidianas (J. SCOTT, 1995). O realce, em delimitar as diferenciações entre dar banho em filhos e filhas, ganha uma melhor compreensão quando se considera as relações de gênero envolvidas nessas práticas.

Quanto ao item 8 (consertos doméstico), não assinalou nenhuma das respostas, mas esta foi a única tarefa que relatou fazer: *Eu faço tudo, tudo eu faço. Todo serviço de casa sou eu que faço, serviços assim braçal, né? Sou eu que faço, não pago a ninguém não*. Ao fazer esse comentário, categoricamente, parece nos informar que, em casa, as atividades domésticas, que requerem *força*, devem ser feitas pelos homens. Para tais serviços, a família não precisa despendar nenhum dinheiro para o pagamento desses afazeres, visto que enquanto homem está habilitado para fazer.

Em síntese dos relatos de **Robson**, **Claudio** e **Alberto**, homens, que estão na faixa dos quarenta anos, condicionam a realização (ou não) de tarefas domésticas a um conjunto de mecanismos de poder, que possibilitam a construção da *casa* como um espaço que continua “sob controle”.

No entanto, dois fatores se apresentam de forma diferenciada, quando se compara com os discursos dos homens jovens: (1) a divisão entre o homem que, mesmo desempregado, consegue prover a família e aquele que não consegue arranjar serviços de forma continuada e (2) o fator geração.

A realização de tarefas na casa e a valorização desta se configuram como a principal via de manutenção e da autoridade masculina na casa de homens de meia-idade que não conseguem manter a família ou ser o principal provedor. Já entre os homens de meia-idade, que conseguem ser os principais provedores, mesmo que não estejam no mercado formal de trabalho, observa-se que várias condições são impostas para a realização de tarefas domésticas e, em alguns casos, a responsabilidade por essas tarefas é atribuída totalmente à mulher.

O fator geração parece se configurar um elemento fundamental na compreensão da maior ênfase, em comparação com os discursos dos homens jovens, da valorização de si, dos homens de meia-idade, seja enquanto exímio dono de casa, seja como principal provedor.

As análises sobre ditos populares (1- A mulher manda na casa, mas o homem manda na mulher; 2- A mulher tem o mesmo direito que o homem de trabalhar fora de casa e estudar; 3- O trabalho mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar para sua família; 4- Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas de mãe; 5- O pai pode cuidar de crianças tanto quanto a mãe e 6- Quando tem que tomar decisões em casa, é o homem quem deve ter a última palavra) também nos auxiliam na compreensão da relação homem-casa.

4.3 *Sob controle versus No controle*

Em relação aos discursos construídos em torno dos ditos populares, os argumentos masculinos corroboram os relatos de domínio dos homens *sob* as mulheres e a casa.

No tocante ao primeiro dito popular A mulher manda na casa, mas o homem manda na mulher, **Renato**, **Alessandro** e **Cláudio** se posicionaram inteiramente a favor da frase. Os motivos da concordância sempre procuram ressaltar a autoridade masculina na casa. **Renato**: *Porque ele é que conversa mais, ele fala mais alto em casa, né? Às vezes a mulher também fala alto, né? Mas é mais para os homens.* **Alessandro**: [...]

*Assim, geralmente a mulher tá sozinha dentro de casa e tem uma coisa pra resolver <deixa o meu marido chegar que tu fala com meu marido>. **Claudio:** Concordo porque sempre o home tem que tá um pouco de frente, né? Nas decisões de casa, né? Que a mulher, às vezes tem a noçãozinha de fazer e tem a noção de não fazer. E assim a noção do que faz, do que não faz. O homem, não. O homem vai logo de frente.*

Josivaldo, Robson e Alberto não concordam que a mulher manda na casa, e o homem na mulher. No entanto, quando **Alberto** comenta a frase, ao mesmo tempo em que se posiciona a favor do diálogo, cita um exemplo em que a mulher não concordando inicialmente sobre uma decisão do marido, ela termina por acatá-la:

Não. Eu acho que seja os dois, né? Sempre os dois. Concordo que sejam os dois. Porque um só não decide nada só numa casa não. Se um só decidir... errado. Eu concordo que sejam os dois. Não tem palavra final, não. Tem que ser os dois. Meu ponto de vista é esse. Porque sempre que fala um só o outro vai reclamar. Eu concordo que seja os dois. Os dois. <Vamos fazer isso>, <Tá certo>, “Vamos os dois”. Porque ou o homem toma a frente ou a mulher toma? Em casa é diferente. No meu ponto de vista tem que ser assim, sempre os dois. Se os dois não concordar também não faz. Eu acho que seja assim. Sempre que a gente vai fazer alguma coisa, conversa. Às vezes ela é um pouquinho cabeça meia dura, mas depois ela chega e <Vamos fazer>.

Na argumentação de **Josivaldo**, ele relata que, na maioria das casas, quem manda é homem, mas na dele é diferente, visto que o provimento familiar não advém de seus rendimentos. No entanto, Josivaldo não apresenta essa impossibilidade de provimento como algo negativo. Ao contrário, novamente, procura se mostrar como um homem *esperto* que, mesmo sem conseguir prover a família, consegue se manter dentro dela, inclusive, revertendo as *funções* e fazendo com que seja a mulher que lhe garanta a sobrevivência.

J: Não. Acho que é os dois. Comigo é os dois, mas na maioria dos lugares é o homem mesmo, né?

G: Mas, por exemplo, quando tem que comprar algum móvel para casa, como vocês conversam?

J: Rapaz, para ser sincero eu ainda não entrei para comprar essas investidas, não. Eu entrava com a outra; a outra também me dava o dinheiro todinho e eu ia comprar as coisas.

G: Ah, tá!

J: Ela dizia <Olha, tá precisando comprar isso e me dava o dinheiro>. Eu botava o dinheiro no bolso e via o que tava precisando mais e comprava. Era mais tranquilo. Essa [se refere à Eliane] aí não. Essa aí eu cheguei e tava tudo pronto. Só fiz dar vitamina a ela...

A partir dessa fala, novamente, Josivaldo parece se ancorar no campo da virilidade masculina para se apresentar como um homem que vale a pena ter em casa, mesmo que só consiga *dar conta* de um elemento no conjunto da tríade das injunções morais (sangue, suor e sêmen - VALE DE ALMEIDA, 1992) que a masculinidade implica.

Em relação ao dito popular A mulher tem o mesmo direito que o homem de trabalhar fora de casa e estudar, **Josivaldo, Renato, Robson e Alberto** concordam inteiramente. No entanto, entre os que relataram por que concordam (**Josivaldo e Alberto**), os argumentos mencionados continuam a exaltar o poder masculino. Segundo **Alberto**:

Normal o direito da mulher é igual. A mulher vai viver só em casa? Se ela precisa comprar uma coisa ela vai pedir ao homem? Ela tem, tem... Eu sou de acordo dela trabalhar, dela estudar. Entendeu? Isso é uma coisa que eu sou de acordo com tudo isso aí. Porque a mulher quer uma coisa quem a gente não pode dar. E só ela mesmo faz. Entende? E o homem querer empatar a mulher. Sou de acordo que os direitos da mulher são iguais. Ela [se refere à esposa] não estuda mesmo porque não quer. Eu reclamo que ela não sai final de semana <Vai, rapaz, na casa das tuas colegas, na casa das tuas cunhadas>. <Vou não, que eu não gosto de sair só>. Então comigo vai ser difícil, porque quando eu não tô fora, eu tô em casa. Eu não tenho tempo. Mas eu concordo que os direitos sejam igual.

A igualdade de direitos entre homens e mulheres é uma bandeira defendida por Alberto. No entanto, observa-se que o controle sobre a saída da mulher da casa, de certa forma, está sob seu domínio.

No caso de **Josivaldo**, os comentários, sobre a concordância da mulher trabalhar fora de casa e estudar, direcionam, explicitamente, para a questão da infidelidade feminina.

G: A mulher tem o mesmo direito que o homem de trabalhar fora de casa e estudar?

J: Tem o mesmo direito, assim ela queira. Até dar uma voadinha. A gente dá, por que ela não pode dar? Não é não?

G: Mas voar tu diz como?

J: Botar uma gainha. Não é não? A gente não bota uma gaia por que ela não pode botar? Eu só não gosto de pegar. Eu só não quero pegar. Mas escutar os outro falar é besteira.

G: Mas se fosse o caso de tu pegar, como tu acha que seria?

J: Eu acho que eu sai só furando os dois com as gaia ((risos)) Ia fazer o que? Dar tchau para ele, dar tchau para ela e fazer o que? Dar tchau para tu. Fica com ele aí. Eu não ia reagir com uma agressão não. Uma besteira dessa? Amanhã eu arrumo outra.

Num primeiro olhar, os comentários podem parecer desconexos. Todavia, ao associar trabalho fora de casa e infidelidade feminina, é possível observar que Josivaldo ratifica-se como homem viril que *pega muitas mulheres* e, frente à traição de sua mulher, as suas potencialidades de homem “ativo” o permitem abandonar a traidora e conquistar exitosamente outras uniões.

Alessandro concorda, parcialmente, que as mulheres têm o mesmo direito que o homem de estudar e trabalhar fora de casa, mas não fez nenhum comentário. Já **Cláudio** não concordou e foi bastante incisivo, argumentando que, ao trabalhar fora de casa, as mulheres ganham uma independência desnecessária do marido: *Eu acho que não. Porque hoje em dia a mulher só quer ser dependente dela, né? Se ela tem dentro de casa o que ela precisa... Porque chega em casa vai fazer uma coisa, vai fazer outra, eu acho que é muito cansativo para ela também, né?* No final de sua fala, Cláudio parece tentar suavizar sua posição e procura colocar que, mesmo não concordando, ele só está pensando no bem das mulheres e na quantidade de trabalho que elas acumulam ao fazer as tarefas de casa e ainda ter que trabalhar fora dela.

Com relação ao dito popular O trabalho mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar para sua família, **Alessandro**, **Renato**, **Alberto** e **Cláudio** concordam inteiramente. Nessa perspectiva, os comentários reforçam que é responsabilidade da mulher casada fazer os serviços domésticos e cuidar da família. **Alessandro** relata: *Assim. Vê só, no meu ponto de vista, assim, eu creio que seja importante, porque assim quando ela é casada e uma coisa que ela faz todos os dias, então acho que se torna bastante importante nesse sentido, ela faz isso tudo todos os dias.*

No caso de **Alberto**, além de ratificar que a mulher, mesmo trabalhando fora de casa, tem que cumprir com suas obrigações dentro da casa, ele enfatiza que não é um homem que explora a mulher, tal como conhece alguns de seus amigos, e reforça sua imagem de homem provedor:

Uma mulher que ela se dedica à família, antes de sair ela faz tudo. Como essa minha mesmo. Quando ela vai sair pra algum canto, antes de sair ela faz tudo. Eu não aperreio em nada. Eu acho que a mulher quando é dedicada à casa, né? Deixa tudo com o homem. Então ela quer deixar o direito dela fora, jogar fora. O homem tem uns que não querem ligar nada na vida não. Mas o homem certo tem que ajudar a mulher. Porque às vezes ela tá muito atarefada. Mas é contrário, a mulher sai para trabalhar, e o homem quer usufruir muito da mulher. Conheço muito homem, amigo meu, que só quer usufruir, a mulher tá trabalhando, quando chega em casa, pega o dinheiro e ela nem vê... Eu acho errado. Não sou de acordo não. O que é dela é dela. Porque ela já trabalhando para ajudar ele. Porque se uma mulher compra uma roupa para ela, uma coisa, já tá ajudando o homem. Eu acho assim. Às vezes

a gente conversa sobre isso, e muito homem diz: <Que nada, rapaz, mulé é para me dar as coisas>, eu digo: <Não, você tá errado>. Tá errado. Se ela quiser dar alguma coisa, tudo bem, ela dá, ela ajuda, né? Mas não é obrigado, a obrigação é do homem dar para a mulher. Porque dando para a mulher tá dando para casa, né? O homem não é assim, apesar de não gostar de dar para a mulher.

Ao ratificar sua autoridade de homem provedor e afirmar que o trabalho da mulher fora de casa não a exime da subordinação familiar, Alberto nos leva a uma das maiores reflexões que as pesquisas, sobre a divisão sexual do trabalho, têm problematizado: por que o aumento da inserção das mulheres no mercado produtivo não transforma, estruturalmente, a divisão sexual do trabalho, no âmbito doméstico? Por que as mudanças, nas relações de gênero, não se concretizam nas práticas cotidianas, com as mudanças no mercado de trabalho? (DEGRAFF; ANKER, 2004; PINNELLI, 2004; HIRATA, 2002; QUADROS, 2006).

Essas reflexões, certamente, estão longe de serem respondidas. No entanto, os relatos de Alberto não deixam dúvidas quanto às continuidades nas hierarquizações de gênero no âmbito da casa e da família, diante da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Ele volta a nos afirmar que sua mulher pode até estar trabalhando fora (as suas condições de trabalho não o permitem negar esse *direito*), mas sua casa está tão sob controle, que ele nem mesmo se dá o trabalho de se *aperrear* com a organização doméstica.

Em relação aos ditos populares, que fazem menção ao cuidado de filhos, observam-se, assim como nos relatos das frequências de atividade domésticas, declarações que indicam uma maior participação dos homens. Entretanto, a responsabilidade da mãe, no cuidado com os filhos, e as condições para que o homem realize tal cuidado continuaram a ser explicitadas.

Sobre o dito popular, Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas de mãe, **Josivaldo**, **Renato**, **Alessandro** e **Robson** se posicionam contrariamente a esta afirmação. Após a leitura desse dito, **Robson** comenta: *Não. De pai também. Eu troquei desse e do outro, com certeza*. Os comentários de **Renato** seguem o mesmo sentido: *Homem também tem que ajudar, né? Eu fazia isso, trocava a fralda dela*. Refere-se à filha.

Josivaldo também não concorda com esse dito, porém, nos seus comentários, os *dons* femininos de ser mãe não deixam de ser ressaltados:

G: Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas de mãe!
 J: Não, dos dois. Mesmo sem a gente ter a capacidade que vocês têm, mas é dos dois.
 G: Como assim capacidade?
 J: Porque vocês são mais prontas para esses... A gente é mais novato, entendeu? A gente não bota na mente de limpar a merda...
 G: Mas por que tu acha que a gente mulher tá pronta?
 J: Eu acho que é porque vocês já nasceram com esse objetivo mesmo de ser mãe. Mãe é isso mesmo, entendeu?

O saber cuidar de crianças e a obrigação da mulher em cuidar dos filhos apresentam-se bem nítidos nas falas de **Cláudio** e **Alberto** que concordaram, inteiramente, com esse dito popular. **Cláudio** acha que essa frase é verdade, porque o homem não sabe fazer essas coisas: *É verdade, concordo. Porque o homem não sabe fazer essas coisas não.* Por sua vez, Alberto enfatiza:

É Coisa de mãe. Acho que pai não deve fazer isso não. Eu acho que isso é uma pergunta que [...] Eu acho que isso é um direito que só as mulher têm, né? É como eu tava dizendo, a não ser que[...] que seja negócio de doença, aí o homem possa até fazer isso, isso aí[....] Mas não é a obrigação do homem. É obrigação da mulher, né?

Com isso, Alberto aponta que, nas condições em que a mulher se encontra impossibilitada para o cuidado com os filhos, o homem pode vir a colaborar no cuidado dos filhos. Porém, a divisão é explícita: cuidado de filhos é uma obrigação feminina, não é masculina.

Quando perguntado - O pai pode cuidar de crianças tanto quanto a mãe, todos os homens concordaram com a frase. **Renato, Alessandro, Robson, Cláudio e Alberto** concordaram inteiramente, mas não deixaram de colocar as condições para tal cuidado. Este último relata: *Eu posso cuidar assim, né, de olhar. Agora [...] Levar para a escola pode. Isso aí é uma coisa que quando a mulher for sair, tomar conta deles. Ficar em casa. Olhar. Dar almoço na hora certa. Agora banho eu não concordo não.*

Alessandro ressalta: *Poder, pode, mas eu acho que é muito difícil. Um cara nunca vai tomar conta de um filho como a mãe. Eu acho muito difícil. Eu mesmo como Marina, fazer assim o que ela faz com os meninos é muita coisa, na moral.* Para **Cláudio**:

Pode. Só que a mãe, os filhos só quer mais o lado da mãe, né? Filho só quer mais o lado da mãe, né? No caso, a gente mesmo quando eu vivia com a minha mãe, com meu pai no interior a gente saía. Saía com os amigos, ficava namorando. Aí chegava dez horas da noite. Dez e meia. Aí quando chegava na porta só chamava mamãe. <<Oh mamãe, oh mamãe, abre a porta>>. Não chamava papai. Isso eu concordo.

Nos cuidados das crianças, a impossibilidade da presença materna é indicada como um dos principais fatores que fazem com que os homens assumam esses cuidados. Dessa forma, observa-se a reificação da figura feminina como cuidadora suprema. Os laços, entre mãe e filhos, são apresentados como uma das condições que restringem a participação dos homens nesse campo de cuidado com os filhos. Assim, o discurso de *naturalização* da mulher/mãe, no cuidado com a prole (MOORE, 2004), é apresentado como um dos principais instrumentos que “desresponsabiliza” os homens no campo dos cuidados básicos para com os filhos.

Josivaldo concordou, parcialmente, com esse dito e expôs as condições para tal cuidado:

J: Eu acho que tá certo. Depende, se o pai tiver na condição que eu tô, desempregado. E se ele ainda tiver com a mãe, se ele não tiver não tem como ele fazer isso, né?

G: Quando os dois tiverem juntos, tu diz?

J: Não é não?

G: Mas quando eles se separam tu acha que ele não pode cuidar mais não?

J: Pude pode. Mas eu tô dizendo assim. Suponhamos que a gente não tá junto, eu tô do outro lado, então ela não vai poder levar lá para deixar ele.

G: Ah, entendi.

J: Mas se eu tiver aqui, tranquilo também.

Em seu discurso, ele indica que ante o *tempo*, não mais ocupado pelo emprego, o homem pode realizar alguns cuidados para com os filhos. No entanto, mesmo em face do *ter tempo*, a relação conjugal tem que ser mantida para tal realização. Ao *estar do outro lado* – entende-se ter um relacionamento com outra mulher – esses cuidados, necessariamente, não são realizados.

No tocante ao último dito popular, Quando tem que tomar decisões em casa, é o homem quem deve ter a última palavra, **Robson, Renato, Cláudio** concordam inteiramente com esse dito. Nos comentários deste último, ele retorna a enfatizar o poder que o homem exerce sobre a mulher, já que esta pode reverter as relações de poder, se o homem não mantiver esse domínio.

C: Tem que mandar.

G: Tem que mandar?

C: Tem que mandar.

G: Por que tu acha que tem que mandar?

C: Porque acho que é o direito do homem mandar na mulher, apesar dos direitos tá sendo iguais, né? Mas acho que a gente tem que chegar para a mulher e ser um pouquinho mais [...] Pode até conversar, né? Você faz isso, você faz aquilo, você não vai fazer isso, você não faz

aquilo. E às vezes a mulher quer abrir mão. A mulher quer ultrapassar os limites, né?

G: Abrir mão que tu diz como, assim?

C: Assim, quer fazer o quer, sair para onde quer, às vezes a gente: <<Não Fulana, não vai não>>, <<Ah, eu vou>>. Então eu acho que abrir demais. Aí ela toma conta.

Alberto e Josivaldo não concordaram com esse dito popular. Contudo, no caso daquele, mesmo se posicionando contra o *machismo* e a favor de *direitos igualitários*, conclui sua fala, reforçando o poder de persuasão dos homens sobre as decisões femininas, que, no caso citado, refere-se às *saídas* da mulher:

G: Quando tem que tomar decisões em casa, é o homem quem deve ter a última palavra?

A: O homem não manda na mulher de jeito nenhum.

G: Por quê?

A: Porque não manda. Veja só. Muitos homem pensam que mandam na mulher, mas se ele mandasse na mulher para onde ele fosse ele levava. Era um objeto. A única coisa que o homem manda é um objeto que ele tem com ele. Mas a mulher não. A mulher ele respeita. O homem respeita a mulher, a mulher respeita o homem. Agora, mandar não manda não. Dizer assim “Você não vai para tal canto”, isso é uma coisa do homem querer ser muito machismo. Aí eu não sou de acordo, não. O homem não manda na mulher, nem a mulher manda no homem. São direitos igual. Agora a pessoa concorda, né? “Fulana, tu vai sair? A gente vai ficar junto”. Alguma coisa...

Ao se posicionar contra esse dito, **Josivaldo** também deixa explícito que, mesmo não concordando que o homem é quem deve ter a última palavra sobre as decisões da casa, não é a mulher quem manda na casa: *A mulher nem manda na casa, nem o homem manda na mulher*.

Alessandro foi o único que não respondeu a esse dito, pois, durante a leitura desse último dito, a mulher de Alessandro, que estava conversando com a ACS na sala, veio ficar próxima a nós. Nesse momento, percebo que Alessandro fica mais retraído e, por isso, as respostas se tornam mais pontuais (DC 10/03/09).

Nas análises sobre os ditos populares, os discursos reificam o domínio masculino no ambiente doméstico. Nesse aspecto, as diferenciações, apontadas por Scott (1990) entre está com a casa “sob controle” e “no controle”, configuram-se de suma importância.

A distribuição da autoridade familiar (SARTI, 2005), mulher mandar na casa, homem na família e a responsabilidade feminina sobre as atividades domésticas, mesmo que ela trabalhe fora de casa ou se apresentar com portador da *última palavra* na casa, nos leva a refletir que: **a relação “no controle” continua relacionada com as mulheres, ao passo que cabe aos homens está “sob controle”**.

Ao exaltar as formas de controle que reinventam a *casa* como um espaço masculino, os homens não se subordinam aos *ossos do ofício* que a organização doméstica requer. Mesmo que o homem possa até realizar algumas atividades caseiras, esta continua a ser apresentada com uma atribuição, fundamentalmente, da mulher.

Em seu conjunto, tanto os homens mais jovens, quanto os de meia-idade nos dizem que, nas condições de desemprego, continuam com a casa “sob controle” (seja fazendo uma tapeadinha na arrumação da casa e na cozinha, seja sendo um exímio dono de casa, seja estando o tempo todo na rua ganhando dinheiro), porém, não estão subordinado à mesma como a mulher está.

Para reforçar este argumento, serão analisados, no capítulo que se segue, os discursos masculinos em relação ao trabalho feminino e aos rendimentos do programa de transferência de renda Bolsa Família.

5. TRABALHO FEMININO E PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

Na perspectiva relacional entre as esferas reprodutiva e produtiva (Moore, 2004), as análises do discurso dos homens, sobre trabalho de provimento das mulheres e programas de transferência de renda, também se configuram como elemento-chave na compreensão da relação do homem com a casa.

Como citado anteriormente, as principais fontes de renda, para o provimento familiar, não provêm unicamente do trabalho masculino. Nas famílias dos entrevistados, os provimentos do trabalho feminino e recursos do Programa Bolsa-Família (PBF) são integrantes fundamentais na sustentação econômica da casa.

Este capítulo reflete os discursos masculinos sobre o trabalho de suas mulheres e os rendimentos do PBF. Na *reinvenção* do espaço da *casa*, a *desvalorização*, dessas fontes de renda, se apresenta como uma peça elementar no jogo discursivo do domínio masculino.

Na complementação desse *mosaico*, na última seção, serão analisados os discursos sobre chefia da casa. Nesse sentido, a inclusão dos homens nessa chefia se configura como enlace final que arremata o discurso do “sob controle”, que homens, em situação de desemprego, continuam a apresentar.

5.1 Trabalho feminino

Sobre o trabalho extra-doméstico, realizado pelas mulheres dos homens entrevistados, aponta-se que todos se referem à prestação de serviços informais. Nenhuma delas trabalha no mercado formal.

Esse quadro, de certa forma, não foge ao padrão da divisão sexual de trabalho, que condiciona a inserção das mulheres no mercado de trabalho em determinadas ocupações consideradas femininas. Assim sendo, Hirata (2002) aponta que um dos fatores que vem chamando a atenção dos especialistas quanto à divisão sexual do trabalho, na contemporaneidade, é a bipolarização da inserção profissional feminina. Em um pólo, estão profissionais em cargos de chefia/execução e profissionais com nível superior de escolaridade (engenheiras, arquitetas, médicas, professoras universitárias etc.); já num outro, encontram-se trabalhadoras com baixa escolaridade em empregos precários, de tempos parciais e temporários (trabalho doméstico remunerado, secretárias, caixas, telefonistas etc.).

Os trabalhos, das companheiras dos homens pesquisados, encontram-se classificados nesse segundo pólo, visto a condição de empregos precarizados, em tempos parciais, temporários e sem vínculos formais. Exceto as companheiras de **Renato** e **Cláudio** (que não trabalham fora de casa), os trabalhos realizados por elas são: prestação de serviços domésticos (como faxineira, cozinheira, lavadeira), vendedora ambulante e babá.

Ao relatarem sobre estes trabalhos, realizados por suas companheiras, a principal representação foi composta por nomenclaturas que buscam minimizar o valor de tais trabalhos e os rendimentos financeiros que eles geram. Os homens utilizaram, prioritariamente, o termo “*ajuda*” ou termos no diminutivo para nomear o trabalho feminino e os seus rendimentos.

Sobre o atual trabalho extra-doméstico de Edna, **Robson** relata: *Ela tá trabalhando lá na CEASA. Ela tá fazendo um gancho lá, um serviçozinho lá.* O termo *ajuda* também é utilizado quando ele expressa opinião sobre sua companheira trabalhar fora de casa. Robson afirma não se incomodar e ressalta: *Que dizer, já é uma ajuda.*

Segundo o mesmo, Edna tem ganhado cerca de R\$ 100,00 por semana. Trabalha de segunda a sábado e sai de casa por volta de cinco horas da manhã e volta às 19h, tendo que pegar dois ônibus para chegar ao trabalho. Na CEASA, ela trabalha como auxiliar de vendas numa barraca de verduras. Está neste trabalho há cerca de um mês. Porém, ele também relatou que anteriormente Edna estava fazendo apenas *faxina*.

O termo *biscate* também foi citado pelos homens. Sobre o trabalho de Cláudia, **Alberto** relata: *ela faz um biscatezinho e toma conta de um menino.* Por *biscate*, ele se refere ao trabalho de dela, como faxineira na casa de uma moradora em Bola na Rede (centro), na qual executa a faxina cerca de duas vezes por mês.

Além dos trabalhos de faxineira, ela *toma conta* de dois meninos (um de sete anos e outro de um ano e cinco meses), que, como dito, são filhos de sua vizinha. As crianças ficam na casa Alberto e Cláudia, de segunda a sábado, indo para casa dos pais todas as noites e aos domingos. O *tomar conta* inclui trazer e levar o mais velho para a escola e o menino mais novo para a creche.

Quando fala sobre a remuneração por esse trabalho, ele também se reporta ao termo *ajuda*: *Recebe. Recebe um trocadinho que dá para ela fazer as despesas. Pelo menos me ajuda nessa parte, né? Porque o que ela compra eu já não compro, né? [...]* *O que ela compra de casa eu já não compro, né? Já me ajuda muito.*

A tentativa de minimizar o valor do trabalho feminino não se realiza apenas pela via da nomenclatura. Nos relatos de **Josivaldo**, observam-se um desinteresse em falar sobre o trabalho da sua mulher e umas insinuações de infidelidade feminina em virtude da relação mulher-rua que o trabalho dela requer.

Quando perguntado sobre o trabalho de sua mulher, ele fornece poucas informações, o que ressoa como uma forma de dizer que esse é assunto que não lhe interessa. Além do que, recorrentemente, busca me informar que a sua mulher pode não está trabalhando nos horários que diz trabalhar, e pode está se utilizando, desses momentos, para divertimentos ou possíveis traições.

Quando perguntado sobre o trabalho de Eliane, Josivaldo (que está morando há cerca de seis meses com ela) diz não saber exatamente em qual lugar ela trabalha e pergunta a Renato, que está próximo a nós no momento da entrevista: *Parece que é Olinda, né Renato?* e Renato o corrige: *Não, é em Boa Viagem*.

Sobre ela trabalhar fora de casa, Josivaldo diz não ter tanta certeza se, quando ela sai para trabalhar, passa o tempo todo trabalhando. Com isso, faz menção a possíveis “escapulidas” da sua mulher: *Eu não sei não, se é trabalho, se ela dá umas voadinha*. É interessante também pontuar que, depois da entrevista, sempre ao encontrar com Josivaldo, entre uma visita familiar e outra, eu perguntava por Eliane, e ele me respondia: *Tá na praia!*

Eliane está trabalhando há aproximadamente dois meses (quando sua filha já tinha cerca de seis meses). Segundo ele, ela arranhou um trabalho como cozinheira num hospital, mas só passou um mês e saiu e já está em outro. Quanto ao atual trabalho dela, ele não fornece detalhes, apenas comenta: *É na casa dos oto*. Ela trabalha de segunda a sábado e passa o dia inteiro lá: *Sai de quatro horas [da manhã] e chega de cinco [da tarde], às vezes chega de sete, nove [da noite]*.

Em meio a gozações sobre o trabalho de sua mulher e possibilidades de traições, os relatos de Josivaldo nos levam a refletir sobre a relação provimento masculino e os “fantasmas dos chifres”. Segundo Fonseca (2000, p.144), subjacente ao medo masculino de ser chifrudo, existe o raciocínio de que “se o homem não sustenta bem o seu lado da barganha, a mulher não vai manter o dela”, ou seja, se ele não oferece um provimento adequado, a obrigação da esposa em ser fiel, necessariamente, não se sustenta.

Porém, os relatos de Josivaldo também nos conduzem a outra reflexão. Novamente sua “esperteza” entra em cena. No rumo que seu discurso vai sendo construído, ele nos faz pensar o seguinte argumento: “se for para a mulher trabalhar fora e me sustentar, eu posso até *aceitar* o fantasma de traição.”

A “esperteza” é posta em prática quando o mesmo minimiza esse “fantasma” em face dos benefícios que o trabalho feminino lhe traz e, através dele, reifica sua imagem de homem viril. Quando conversamos sobre divisão das despesas domésticas, ele relatou:

G: Josivaldo e assim como é a divisão das despesas da casa?

J: E tranqüilo. É tranqüilo. Ela bota no meu bolso e eu administro. E assim vai. Ela me dá um trocado e eu guardo. Quando precisa eu gasto. Agora negócio de compra é ela. Ela que faz. Eu pego o dinheiro e gasto com umas namoradas na praia e assim vai.

G: ((Hum))

J: Não é não, Renato? De vez em quando a gente arruma namorada lá em baixo.

G: Com o dinheiro dela?

J: O dinheiro é meu, ela bota no meu bolso e eu gasto. ((Risos))

Portanto, na relação com a companheira, Josivaldo continua a nos dizer que quem está no controle da situação é ele, mesmo que a relação dela, com a rua, esteja se concretizando via trabalho.

Ao falar sobre o tempo de trabalho de sua companheira, ele relata: *O que eu sei é isso, quem é empregado tem hora de ir, mas de vir não tem. Só quem não tem hora de ir e vir sou, que vivo vadiando.* Nesses termos, ele nos diz quem é o esperto da relação: “ela trabalha, eu me dou bem!”

A “esperteza” em se utilizar do trabalho feminino para se sustentar, também foi relatada quando o assunto era a renda familiar. Ele informou que o sustento financeiro da casa está advindo do trabalho de sua mulher, então lhe pergunto sobre seus bicos, e ele exalta sua vida boa: *No momento agora o meu bico é só vadiar, de vez em quando eles liga pra gente roubar na lá schin, aí a gente vai, mas vamos embora!*

Nas argumentações de alguns entrevistados, o trabalho feminino foi apresentado também como uma situação não desejada, mas, visto as dificuldades de aquisição de renda por parte dos homens, o trabalho de suas mulheres configura-se um mal necessário.

Marina, a companheira de **Alessandro**, trabalha uma vez por semana fazendo “faxina”. Ao ser perguntado sobre Marina trabalhar fora de casa, Alessandro expôs: *Eu não vou dizer que é ruim não, porque a necessidade também obriga, lógico. Mas quando eu trabalhava, ela não precisava não. Que eu mesmo mantinha, mas agora ...*

Nesse contexto, os homens discursam sobre a subordinação do trabalho extra-doméstico aos trabalhos domésticos. Para **Alberto**, não constitui nenhum problema para ele e para sua família que a sua mulher trabalhe, visto que: [...] *quando ela sai, ela deixa tudo em ordem. Ela deixa tudo certinho. Não deixa faltar nada. Para mim eu não tenho do que reclamar sobre ela não*. Dessa forma, ele parece nos dizer que a mulher pode trabalhar fora de casa, sob uma condição: o trabalho da mulher não pode impossibilitá-la de continuar a realizar os serviços domésticos. Aqui, a relação, da mulher “no controle” em oposição a do homem “sob controle”, é explícita.

No conjunto dos discursos masculinos, as formas pelas quais o trabalho feminino é representado são diversas: minimização do valor do trabalho e dos seus rendimentos; desinteresse pelo assunto; insinuações de infidelidade frente à relação mulher-rua; meio de vida de homens espertos; mal necessário e subordinação do trabalho extra-doméstico ao trabalho doméstico.

Em vista de tamanha desvalorização do trabalho feminino, esses relatos nos conduzem a refletir que os caminhos do domínio masculino, no tocante ao “sob controle” da casa, não se fazem apenas com valorização masculina de si e de suas potencialidades (força para trabalhar, esperteza/virilidade, realizar serviços domésticos). Assim, na sacramentação de *seu cantar de galo*, a desvalorização do trabalho de provimento da mulher consiste uma estratégia fundamental para reforçar sua imagem de homem provedor e, conseqüentemente, para possibilitar a manutenção da autoridade masculina.

No entanto, como no geral, as principais fontes de provimento familiar advêm do trabalho e dos rendimentos do PBF, não basta apenas desvalorizar o primeiro. Para que a exaltação do domínio possa ser completa, os discursos, sobre os rendimentos do PBF, também seguem a mesma linha de desvalorização.

Mas, como será apresentada a seguir, a desvalorização dos rendimentos do PBF vem acompanhada de um diferencial: a ênfase do controle sobre o benefício. O que, de certa forma, também se configura uma estratégia capital.

5.2 Programa Bolsa Família

Em outubro de 2003, é lançando, pelo governo federal, o Programa Bolsa Família (PBF). A perspectiva é combater a pobreza e a fome no país, reforçando o exercício de direitos sociais básicos nas áreas de Saúde e Educação, por meio do

cumprimento de condicionalidades, visando o rompimento do ciclo da pobreza entre gerações das famílias (BRASIL, 2004).

Inicialmente, o programa unificou quatro políticas nacionais de transferência de renda: Programa Nacional de Renda Mínima vinculado à Educação - Bolsa Escola, Programa Nacional de Acesso à Alimentação - PNAA, Programa Nacional de Renda Mínima vinculada à Saúde - Bolsa Alimentação e Programa Auxílio-Gás. Posteriormente, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI - também foi incorporado (BRASIL, 2009a).

A família é a unidade privilegiada de intervenção do programa, substancialmente, a que se encontra composta por gestantes, nutrizes, crianças e adolescentes. E dentro da família, a titularidade do benefício é, por lei, preferencialmente, da mulher.

Atualmente, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, o programa atende mais de 11 milhões de famílias, em todos os municípios brasileiros (BRASIL, 2009b).

Atualmente, o PBF beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 140,00) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 70,00). Os valores pagos variam de R\$22,00 (vinte e dois reais) a R\$200,00 (duzentos reais), de acordo com a renda mensal, por pessoa da família, e o número de crianças, adolescentes e jovens de até 17 anos.

O programa tem três tipos de benefícios: o Básico, o Variável e o Variável Vinculado ao Adolescente. O Benefício Básico, de R\$ 68,00 (sessenta e oito reais), é pago às famílias consideradas extremamente pobres (mesmo que elas não tenham crianças, adolescentes e jovens). O Benefício Variável, de R\$ 22,00 (vinte e dois reais), é pago às famílias pobres, desde que tenham crianças e adolescentes de até 15 anos. Cada família pode receber até três benefícios variáveis, ou seja, até R\$ 66,00 (sessenta e seis reais). O Benefício Variável Vinculado ao Adolescente, de R\$ 33,00 (trinta e três reais), é pago a todas as famílias do PBF que tenham adolescentes de 16 e 17 anos frequentando a escola. Cada família pode receber até dois benefícios variáveis, vinculados ao adolescente, ou seja, até R\$ 66,00 (sessenta e seis reais) (Brasil, 2009b). De acordo com a configuração familiar, as combinações, desses três tipos de benefícios, podem totalizar até o máximo de R\$200,00 (duzentos reais). Ressalta-se que a administração/aplicação do dinheiro recebido fica a cargo das famílias.

Para Maria Ozanira Silva (2007), várias críticas podem ser tecidas ao programa, no entanto, no contexto de destituição de renda em que vivem as famílias pobres e extremamente pobres, os rendimentos, advindos do PBF, vêm permitindo uma elevação ou mesmo único acesso a uma renda monetária continuada por parte dessas famílias.

A partir da convivência com os moradores da Comunidade Parque Residencial Bola na Rede, observa-se que o PBF tem se configurado como uma das principais fontes de aquisição de renda familiar.

Durante todo o trabalho de campo, a importância dos rendimentos, advindos do programa, para o provimento familiar, era assunto corriqueiro entre as mulheres. Seja em conversas na recepção do posto de saúde, que assiste a comunidade, seja durante as visitas realizadas nas casas onde se escutavam sobre essa importância.

Sentadas na recepção do posto, à espera de serem chamadas para uma consulta de dentista, Cléa (25 anos) e Nina (cerca de 23 anos), ao falarem sobre épocas e períodos ideais para ter filhos, concluem a conversa comentando sobre o PBF.

[...] Cléa comenta que quer fabricar um filho lá pra dezembro e a mãe de Ana Beatriz diz que queria que ela tivesse nascido em Dezembro, mas Ana Beatriz nasceu em 8 de janeiro. Nessa hora, outra mulher, que estava com seu filho (que aparentava ter uns quatro anos), comenta: ‘eu vou fabricar o meu lá pra outubro, para nascer em junho, como eu fiz com esse, ele nasceu em 24 de junho’. Nina então comenta que não presta pra ter filho muito tarde, e Cléa diz: ‘oxe eu tô com 25 anos e tô velha é?’. Nina então retorna: ‘tem que ter até os 20, se não depois só dá complicação’ e Cléa pergunta: ‘mas eu vou alimentar o filho com quê? Enquanto tá no peito tá bem, mas depois que a criança tem que comer comida, vai se alimentar de brisa é?’. Nina então responde: ‘mas não tem o bolsa família mulé?’. Cléa, então se volta para mim e começa a me contar que hoje em dia os homens não querem mais trabalhar e algumas mulheres também, por causa desse bolsa família [...] (DC 03/02/09).

Ao conversar, na recepção do posto de saúde, com uma funcionária que trabalha na gerência do Distrito Sanitário²⁴ III, sob qual a unidade de saúde está vinculada, esta também faz alusão ao PBF: “*Tem muito desempregado aqui, mas sabe o que é também? Esses programas, como programa bolsa família é meio de vida! Quem vai procurar trabalho? Devia ter um controle de natalidade para quem tivesse muito filho não poder mais receber*” (DC 28/01/09).

²⁴ Departamento da Secretária de Saúde, da Prefeitura do Recife.

Nas visitas familiares ou mesmo ao caminhar pela comunidade com a ACS, as falas sobre o PBF sempre giravam em torno da importância do benefício para o provimento familiar. Em um dia de visitas, na casa de Dona Eunice, que tem 62 anos e ainda não está aposentada, esta pergunta à ACS qual é o procedimento para se inscrever no programa, pois precisa ter *um dinheiro garantido* (DC 02/04/09).

Ante esses relatos femininos, observa-se que os rendimentos do PBF parecem se configurar como uma das principais fontes de aquisição de renda entre as famílias da comunidade. Entretanto, quando se analisam os discursos masculinos sobre a relevância desses rendimentos, para a renda familiar, observa-se uma diminuição de sua importância e, em alguns casos, até mesmo a negação do benefício.

Em um dia de visitas, quando estávamos em direção à casa de Dona Lena, encontramos Paulo (16 anos), um dos filhos de Dona Helena, conversando com Seu Jonatas (que tem cerca de 55 anos – e foi o único homem que vi morar sozinho). Assim que os vi, a ACS fala: *Paulinho, você tem que ir no posto pra se pesar pro Bolsa Família*. E, em seguida, dirige-se a Seu Jonatas: *O senhor precisa ir no posto tomar vacina, se não vai ficar doente!* Então, Seu Jonatas entre risos pergunta: *Quando você vai trazer a feira que me deve?* Ela responde: *Por que o senhor não se inscreve no Bolsa família, é fácil ganhar?* Ele replica: *não preciso não, o meu vem do céu* (DC 07/05/09).

Entre as famílias dos homens entrevistados, apenas a de **Josivaldo** não está recebendo o benefício do PBF. Mas, segundo ele, sua mulher está *correndo atrás* para que eles possam começar a participar do programa e receber o benefício.

Assim como os relatos das rendas advindas do trabalho feminino, os discursos, sobre os rendimentos do PBF, também são permeados por representações que desvalorizam a importância deste recurso no conjunto das fontes de renda familiar.

Essa desvalorização também se particulariza nos discursos dos homens mais jovens e de meia-idade. Quanto aos homens mais jovens, a desvalorização se apresentou via desinteresse pelo assunto. Ao ser perguntado sobre os rendimentos do PBF, **Alessandro** não fornece detalhes e sempre menciona que esse assunto deve ser conversado com sua esposa. Sobre sua família receber o benefício, Alessandro confirma que recebe, mas ratifica em seguida: *Recebe. Eu não recebo não. Dizem que até o pai recebe também né? [...] Acho que isso é verdade, até o cara às vezes recebe, mas eu não.*

Relatou que, desde que estão recebendo o benefício, foi buscar o dinheiro *só uma vez só*. Também não soube informar há quanto tempo a família participa do PBF e reafirma que Marina é quem sabe responder estas perguntas. Assim, ao não fornecer detalhes sobre os rendimentos advindos do programa, e fazer sempre menção a companheira, Alessandro parece nos dizer que: Bolsa Família não é assunto de homem!

Quando procuro mais detalhes sobre a participação no PBF, ele volta a me informar que, quando estava empregado, seus rendimentos supriam toda necessidade da família e que quaisquer outras fontes de renda eram desnecessárias.

G: Antes do Bolsa Família, vocês recebiam Bolsa Escola, Auxílio Gás?

A: Não, não. No tempo que eu trabalhava não tinha benefício não! A não ser só o trabalho mesmo.

G: E faz tempo que vocês recebem o bolsa-família?

A: [...] Eu não sei dizer não, visse. É só ela mesmo que sabe explicar.

G: Não sabe dizer, não, né? Mas quando tu trabalhava não tinha o Bolsa Família?

A: Tinha não véio!

Ressalta-se que as principais fontes de renda de sua família estão advindo do PBF e do trabalho extra-doméstico de sua mulher. Durante o preenchimento do perfil, Marina, sua mulher, vem ficar ao nosso lado e, quando pergunto sobre a renda, Alessandro demora a responder e sua mulher interrompe a entrevista e fala: *O que, a renda? Eu tenho minha bolsa família, que é cento e dois [R\$ 102,00] e tenho minha faxina que é cento e trinta [R\$130,00] por aí.*

Renato segue o mesmo desinteresse pelo assunto. Ao ser perguntado sobre a participação da família no PBF, ele dirige o olhar para ela e relata: *“Quem recebe é ela.”* Luiza reafirma: *“eu.”* Pergunto, portanto, quem vai pegar o benefício, e ele, novamente, se dirige à sua mulher: *Quem vai é ela.* Em poucas palavras, ele também parece nos dizer: Bolsa Família não é comigo!

Nesse contexto, a titularidade feminina parecer se configurar como um fator elementar. Os relatos, dos homens jovens, nos levam a pensar que, se a titularidade do PBF fosse masculina, a relação seria de *valorização* e não o seu oposto, visto que, a combinação dos rendimentos, gerados pelos trabalhos que os homens conseguem arranjar com os do PBF, possibilitaria a reconstrução da imagem de *homem provedor* e sua respectiva *honra* na casa (SARTI, 2005).

As reflexões de P. Scott (2008), no tocante ao curso de vida de homens idosos, corroboram tais afirmativas. O autor argumenta que homens pobres, em tal faixa etária, (normalmente portador de algum benefício, como a aposentadoria), tendem a minimizar a busca por recursos na rua e voltar-se para casa, visando “uma tentativa de se apegar à

valorização moral da casa e da recuperação do espaço masculino nela” (p.129). Ao traçar uma discussão em paralelo, a idealização, da titularidade masculina do PBF, poderia ser colocada também como um forte instrumento para o estreitamento da relação de domínio do homem com a casa.

Quanto aos discursos dos homens de meia-idade, a desvalorização se realiza, fundamentalmente, via nomeação. Nas nomenclaturas utilizadas, o termo *ajuda* é a principal forma sob as quais os homens se reportavam aos rendimentos.

Durante o preenchimento do perfil do entrevistado, Robson relata que a renda da família está advinda do trabalho de sua mulher e dos rendimentos do PBF. No entanto, ao relatar sobre os rendimentos do PBF, ele fala: *Eu acho que é uma ajuda porque eu compro gás, pago a prestação de uma panela, de um negócio, pago uma besteira. Aí ajuda... É alguma coisa também para dentro de casa...*

No tocante ao valor do benefício e uso do dinheiro, relatou que o valor monetário do benefício recebido é de R\$120,00 por mês e destaca a rapidez para começar a receber o benefício. Entre o cadastro e o início do recebimento do benefício, foram apenas três meses: *Foi julho, aí quando foi... Não, mês de junho foi quando eu fiz. Foi outubro aí eu comecei a receber já [...].*

Ressalta-se que, entre os entrevistados, é o único dos homens que possui a titularidade do benefício. Mas, ao ser perguntado sobre essa titularidade, ele relata que é apenas temporária. Afirma que, por enquanto, está sendo o titular do benefício porque sua mulher está com um *problemazinho sério*. Porém, assim que a situação for solucionada, ela passará a ser a titular do benefício: *É no meu nome, mas no momento que eu tirar o documento dela, aí eu passo pra o nome dela.*

Relatou também que, para as famílias que recebem o benefício, está sendo possível fazer cursos profissionalizantes na área de construção civil: *Agora estão dando um curso de construção civil, né? [...] Quem recebe bolsa-família. Tão dando curso para encanador, carpinteiro, pedreiro.*

Assim que soube destes cursos, disse que foi à Agência do Trabalho (local de inscrição para o curso) para se inscrever, mas, como pegou uma ficha de atendimento com numeração alta e já estava na hora dos filhos chegarem do colégio para almoçar, decidiu voltar para casa: *Eles iam chegar do colégio de meio dia, né? E eu já preocupado. Eu já cheguei às 11h20min aí peguei a ficha 1.200. Aí eu disse <Não, vou pedir informação>. Me informei e vim para casa. Vou voltar outro dia.*

Dessa forma, ele se ratifica como um exímio *trabalhador, pai e dono de casa*. Não deixa passar a possibilidade de poder se qualificar, para que possa retornar ao mercado de trabalho. No entanto, também não deixa de se apresentar como um pai que cuida dos filhos e, no momento do almoço, necessita estar presente, já que sua mulher se encontra na rua trabalhando.

Nos seus relatos, Robson também nos informa que, mesmo sendo “*uma ajuda*”, a administração do benefício está em suas mãos. O verbo na primeira pessoa do singular explicita esse controle: eu *compro*, eu *pago*, eu *fui receber* foram continuamente usados.

A titularidade temporária poderia explicar a administração do benefício, mas esta não parece ser a causa primeira do controle, visto que, mesmo com a titularidade sendo da mulher, os outros homens, de meia-idade, também mencionaram formas de controle na administração dos rendimentos do PBF.

Na fala de **Alberto**, mesmo que a titularidade seja feminina, as formas de controle masculino, sob o uso do dinheiro, não deixam de ser relatadas, bem como o termo *ajuda* continua a representar os rendimentos.

G: Seu Alberto, vocês recebem algum benefício do governo, tipo bolsa-família?

A: Ela que recebe.

G: Claudia?

A: Ela recebe por todos.

G: Aí é ela que vai buscar?

A: Ela que vai buscar. O que ela recebe é com ela. Eu não... Não me meto não. Ela pega... Ela faz o que quer, não sei quanto ela ganha. A vida da gente é... Normal. Eu sei que ela não tá fazendo coisa errada. O importante é isso, né? Não tem desconfiança. Esse negócio de que o homem... Eu não tenho ciúme, ela pode fazer o que quiser, pode ir para onde quiser, pode se divertir, é liberal... Não sou daquele homem <Vai para onde?> Se quando eu chegar ela tiver conversando com dois, três, quatro homens ali, amigos, eu passo e vou embora. Se interessar para mim ela vai dizer o que foi que tava conversando, né? Mas já tem homem que chega em casa e <O que você tava fazendo ali?>. Sobre isso aí, nem ela tem o que reclamar de mim, nem eu dela. Isso aí a gente se entende muito bem. Graças a Deus!

[...]

G: O que é que o senhor acha desse programa?

A: Ah, ele me ajuda muito, viu!

Observa-se que Alberto procura demonstrar que a administração dos rendimentos do PBF é de responsabilidade da sua esposa, porém ele não deixa de explicitar as formas de controle sob essa administração. A primeira informação é clara: *ela recebe por todos*, logo a titularidade do benefício não significa que o dinheiro seja para ela e que possa ser gasto em uso próprio da mulher.

Pelos relatos dele, a vigilância, sob o uso do dinheiro, parece ser o principal instrumento de controle utilizado. Ao nos dizer “*eu sei que ela não tá fazendo coisa errada*”, ele nos leva a pensar que só há uma forma de complementação dessa frase: Eu estou atento ao comportamento da minha mulher, ao que ela faz, com quem ela conversa; pelo que observo, fico tranquilo com o modo dela usar o dinheiro recebido! Em termos foucaultianos, poderíamos até mesmo associar essa forma de controle relatado por Alberto com a imagem do Panóptico de Bentham e o exercício da relação de poder que assegura o seu funcionamento de maneira automática (FOUCAULT, 2008). A menção da *confiança* cega, com chave de ouro, a vigilância: eu sei como, quando e onde o dinheiro está sendo gasto.

A desvalorização perpassa também pela invisibilidade dos rendimentos. Apesar de já ter mencionado que sua mulher recebe o benefício, ao falar da divisão das despesas domésticas, não inclui o PBF dentro da renda familiar e enfatiza apenas os rendimentos advindos do seu trabalho.

A gente divide tudo direitinho. A gente tem que dividir a casa, a comida, as despesas do carro. O que eu ganho graças a Deus dá para tudo. Antes não dava, antes nem tinha carro, nem tinha casa. Antes praticamente eu era um cara neutro. Hoje eu sou uma pessoa que sei o que é a vida, né? Consegui vencer.

Assim procedendo, a valorização de homem provedor, que conseguiu vencer na vida, que conseguiu ter uma casa e que mantém sua família a partir do seu trabalho é reforçada pela falta de menção dos rendimentos advindos do trabalho da companheira e do PBF, como fontes de renda do provimento da sua família.

Ao ser perguntado sobre o PBF, **Cláudio** também valoriza os rendimentos do seu trabalho em oposição à desvalorização dos rendimentos advindos do PBF.

Era bom, né? Porque ajudava a pessoa parada, né? Agora não, principalmente a pessoa parada [...] Agora não [...] principalmente ela que gasta muito, mulher sempre gasta mais ((risos)) então é melhor do que estar dependendo daqui, também, né? Porque isso aqui para quem tá iniciando é muito peso. Era bom para ela. Mas parece que tá meio complicado, né? Nesse vai-e-vem. Porque, como é que se diz? Transferência, né? Aí ele não recebeu mais. Aí fica complicado. Aí eu disse a ela: <A gente não depende de Bolsa Família, mais. A gente depende daqui> [se refere à barraca]. Porque isso aqui é da gente. Então a gente tem que procurar melhorar o máximo, não é isso?

Portanto, na construção de seu discurso, Cláudio busca distinguir que a *ajuda* do programa era aceita quando ele estava sem emprego. Mas, *agora* que ele se encontra novamente na condição de prover sua família, com os rendimentos do seu trabalho, essa *ajuda* faz parte do passado.

Ele também procura demarcar que essa *ajuda* era, sobretudo, para suprir os *gastos* de sua esposa. Com isso, parece dizer que, enquanto homem, não precisava de auxílio de terceiros para sobreviver. Podia estar sem emprego, mas tem forças para conseguir algum trabalho e através deste garantir o seu sustento.

Ao falar sobre a inscrição familiar no PBF, ele aponta que foi sua mulher a primeira a procurar informações e fez o cadastramento da família durante o tempo que tinha perdido o emprego na fábrica. Na atualidade, devido às estadias da sua mulher no interior, diz não saber se ela continua ganhando o benefício, mas essa informação não é apresentada como um problema, visto que, com o seu trabalho, está garantindo a sustentação familiar:

Quando, quando eu tava parado ela [...] ela procurou. Ela começou a receber [...] ela vai pegar, ela ia pegar porque tá com esse negócio da transferência, tentando acertar, né? Semana que vem ela vai para o interior para ver, né, se consegue? Ela tem que, não sei como vai ficar, porque deve ser cortado, porque ela quer voltar [para o interior], os meninos não vão ficar comigo. A menina também não tá gostando daqui, os meninos não tá gostando daqui. Mas realmente, a gente tem isso aqui [se refere à barraca], a gente tem que gostar. Só que quem tá junto da família vai até para debaixo de uma ponte, para ter alguma coisa, principalmente já que a gente iniciou com esse negocinho, não é? [...]

Ressalta-se que, ao falar sobre a renda familiar, no preenchimento do perfil, ele apenas menciona os rendimentos advindos do seu trabalho: *Olhe, o nosso alimento sai daqui* [se refere à barraca] *acho que é um quatucentos* [R\$400,00]. Ao falar das despesas domésticas, também frisa que é a partir do fruto do seu trabalho que ele mantém a casa e a família:

C: Água, luz e pago o aluguel daqui. É R\$ 120,00 que eu pago o aluguel daqui. As coisas, não. As coisas é minha [se refere aos produtos que vende na barraca]. Terminei já de pagar que ela [a antiga proprietária] fez parcelado. Ela somou tudinho e parcelou [refere-se aos produtos que tinham na barraca antes do repasse]. Agora, água e luz, isso aqui é comigo. Aí é comigo as despesas.

G: Dos teus filhos, algum trabalha?

C: Não, não. O que eu quero, eu me interesse muito para eles aprenderem aqui. Pra não tá se aperriando com o que é dos outros. Porque se a gente inicia um negocinho assim, um pouquinho, a tendência amanhã é, sabendo olhar direitinho, amanhã a gente pode ter mais. Então eu procuro muito para que eles se interessem em aprender aqui as coisas para que a gente amanhã já ter um negocinho, né? Botar para eles. Hoje isso aqui ficar para eles. E a gente se virar já para outro lugar, já para outro canto.

Claudio se apresenta como um marido/pai que garante, não apenas os alimentos, mas também todo o tipo de necessidades da família. Ao falar do dinheiro mensal que recebe por ter alugado a casa (em que morava), relata que o entrega a sua mulher para que ela possa comprar vestimentas e pagar outras despesas que venha a surgir com ela e os filhos: *Ali já fica a roupa dos meninos, né? Sapatos, essas coisas. Alguma despesa por fora. É ela mesmo que vai pegar o dinheiro. Tem vez quando ela não tá eu pego. Mas deixo aí <<É todo seu>>. Eu tô fazendo minha parte, né?*

A família dele recebe o benefício do PBF há cerca de três anos, e a titularidade do benefício está no nome da companheira. Mas, ao comentar sobre a titularidade feminina, também é possível observar que a administração dos rendimentos, nos momentos em que ele estava desempregado, estava sob seu domínio.

Olhe. Da minha parte se desse esse dinheiro pra mim era melhor que pra ela. Na minha mão eu sei o que eu faço. Na minha mão é pegar e comprar o que precisa. Eu quando ia receber, que ela me dava. Aí eu vendia picolé, né? Ia receber. Aí eu fazia o que, eu olhava as coisas lá em baixo mais barato, já trazia um pouquinho, chegava dava o resto para ela. Porque a mulher só quer comprar o que? Sapato, batom... E o homem não, ele já pensa naquilo, mas outros não já vai beber... Eu não. Não gostava de ver prateleira vazia. Para isso eu sou responsável e para isso eu tô tentando melhorar mais ainda.

Na justificativa desse controle, os *gastos* femininos (e sua preferência na compra de objetos supérfluos) se combinam com a exaltação de homem responsável pela sustentação da família para reforçar sua idéia de que a administração do benefício “tenha” que ficar em mãos masculinas.

Mesmo ao relatar o período em que a família mais precisava do benefício, Cláudio destaca que, depender de um dinheiro sob a titularidade de sua mulher, não diminuiu seu poder masculino, já que continuava a estar no controle. Assim, ele nos afirma que: a titularidade feminina não é um impedimento para o controle masculino do benefício.

Em síntese, assim como os rendimentos originados do trabalho feminino, observa-se também que a desvalorização dos rendimentos do PBF configura-se como uma estratégia fundamental. Entre os homens jovens, a desvalorização se apresenta via desinteresse pelo assunto. No tocante aos homens de meia-idade, as principais vias são a nomenclatura e a invisibilidade dos rendimentos para a renda familiar.

A falta de informações sobre o PBF, seus rendimentos para a família, não saber a quantia recebida, não saber em que produtos a mulher emprega o dinheiro ou, ao contrário, achar que a mulher não é capaz de empregar o dinheiro no que *realmente* é

importante, podem ressoar como oposições. Contudo, uma reflexão mais aprofundada revela relações bastante intrínsecas, interligadas como modos diferenciados de manter as coisas “sob controle”.

Nesse contexto, pode-se cogitar que a quantia monetária, que cada família recebe, poderia auxiliar a compreender esses discursos de desvalorização. Todavia, ao considerar os rendimentos gerados pelos trabalhos masculinos e femininos das famílias dos entrevistados, que se concentram em torno de R\$ 250,00, a quantia do programa (em média de R\$100,00 e R\$120,00) é significativa. Logo, tal cogitação parece não fazer sentido.

Ao retomar a comparação entre os discursos das moradoras mulheres e dos homens, observa-se que as mulheres, que recebem o benefício ou estão à procura de recebê-lo, como no caso de Dona Eunice (p.87), apresentam a importância dos rendimentos recebidos para a renda familiar.

Dessa forma, a combinação da titularidade feminina e a fonte governamental do rendimento parecem se configurar como os *inputs* de desvalorização, visto que, de certa forma, o *fracasso* (SARTI, 2005) da autoridade masculina (com todas as prerrogativas de homem provedor) ficaria mais visível se não fosse utilizada esta estratégia.

5.3 Chefia da Casa

Tal como apontado por Sarti (2005), nos estudos sobre famílias pobres urbanas, observa-se majoritariamente uma ordem dicotômica em termos de chefia: enquanto ao homem cabe a chefia da família, à mulher cabe a chefia da casa.

Nesse contexto, observa-se também que a chefia está intimamente ligada ao “ganha-pão” da família. Logo, se o homem não consegue ser satisfatoriamente o provedor familiar, sua chefia certamente está fadada ao fracasso. Segundo Woortmann (1987), se a contribuição financeira do homem é insuficiente para atender as necessidades do grupo doméstico, ou seja, se a mulher tem que trabalhar, o *status do chefe* torna-se bastante ambíguo. Na população estudada por ele, em muitas famílias, a chefia localizava-se na mulher.

Nas conversas sobre *chefia da casa*, os homens, da comunidade de Bola na Rede nos conduzem a problematizar essa relação direta entre provimento e chefia. Tanto nos relatos dos homens mais jovens, quanto os de meia-idade, a situação de desempregado não inviabiliza a apresentação dos homens como *chefe*.

Nos discursos sobre chefia da casa dos homens jovens, mesmo reconhecendo a chefia feminina, eles se incluíram. Segundo **Josivaldo**: *No caso aqui, eu e ela, que a bicha é desenrolada. É os dois mesmo. Até porque é bom os dois mesmo. Não pode ser um não pode ser maior e o outro menor, não. Tem que ser os dois mesmo.* A menção à *igualdade*, utilizada por Josivaldo, nos remete a outros ares semânticos. Ele parece nos alertar: na casa ela não é maior do que eu, eu também estou aqui!

Ao ser perguntado sobre a chefia da casa, **Renato** relata: *Rapaz, eu diria que é os dois.* Nos relatos de **Alessandro**, o mesmo chega a ressaltar que a condição de desempregado não lhe tira o status de chefe da casa:

G: E me diz uma coisa, se a gente fosse falar de chefe da casa quem tu consideraria chefe da tua casa?

A: O chefe da casa, assim, o homem da casa, chama assim o cônjuge, né?

G: ((Hum))

A: Eu podia considerar assim, também assim, eu só ou então ela só. Não é porque eu tô desempregado, assim, que eu vou considerar só ela, porque ela banca, não. Porque é o cara, na verdade, né véio? Mas ela é também é a chefe da casa, né véio?

G: Então tu considera os dois?

A: Com certeza.

Com relação aos homens de meia-idade, a ênfase sobre a chefia masculina da casa é ainda maior. Quando perguntado a **Robson** quem ele consideraria ser o chefe da casa, o mesmo relata categoricamente: *Eu. Com certeza.*

Nos relatos de **Alberto**, o discurso sobre chefia feminina não minimiza o seu poder de chefia:

Para mim o chefe dessa casa é praticamente ela. Eu sou uma pessoa que só faço só entregar para ela, trabalho e ôia aqui [...] Eu não faço uma compra. Tudo quem resolve é ela. Negócio de luz, casa, quem resolve é ela. É tudo ela. Ela é o chefe da família. Quer dizer, porque eu gosto que divida as coisas. Porque ela sabe melhor do que eu. Porque se eu for fazer compras eu só compro exagerado e às vezes não compro o que ela quer. Quando eu ia fazer compra, ela dizia <Mas faltou isso. Faltou aquilo>. Para mim eu tinha comprado tanta da coisa, aí faltava do outro lado. Sempre, eu gostava de fazer as compras. Agora eu digo <Pronto. O chefe da família agora é tu. Tu compra, tu vende, tu faz o que tu quiser> aí pronto. Chega o dia de comprar, toma o dinheiro e vai comprar.

Em seu discurso, é possível observar que, quem tem o poder de delegar a chefia da casa/família, é Alberto. Ele se apresenta como portador da chefia, a partir do qual tem o poder de repassá-la. Nesse sentido, sua posição de provedor é novamente ratificada.

Portanto, os relatos dos entrevistados sobre “chefia” também se apresentam como uma peça-mestra na compreensão da complexa relação de homens, em situação de desemprego, com a *casa*. Dessa forma, a partir do exposto nesta dissertação, destaca-se que a construção discursiva que inclui os homens na “chefia da casa”, combinada com a desvalorização dos rendimentos do trabalho das mulheres e do Programa Bola Família, nos leva a compreender que para o êxito do domínio masculino, os mecanismos e estratégias operam numa lógica multifacetária.

Nesse conjunto de discursos, o trabalho não deixa de ser apresentado como elemento constituinte desses homens. Mas, em face das trajetórias no mercado formal e informal, a possibilidade de sustento econômico da família torna-se pouco viável. No entanto, os relatos buscam minimizar a situação de desemprego. Eles se apresentam como “homens ativos”, que estão sempre em probabilidade de conseguir rendimentos financeiros (seja por via de trabalho lícito ou não). O processo de valorização de si também é corroborado pela apresentação da construção/compra da casa, que abriga a família, como um símbolo do homem provedor; pelos relatos de “esperteza” masculina e proclamação da *virilidade*.

No reforço de tal valorização, a realização de tarefas domésticas (que se estendem para além dos consertos domésticos) é essencial, principalmente, porque vem acompanhada de falas que exaltam o poder na distribuição dessas tarefas: *que atividades fazer, como e quando são* ditadas por eles.

A análise sobre a divisão das tarefas do lar, entre o casal, nos aponta uma informação elementar. A relação do homem com o espaço doméstico continua, predominantemente, a se estabelecer no campo do “sob controle” em oposição a “no controle”. Os homens discursam sobre a realização de tarefas relativas à arrumação da casa, cuidado com as crianças, preparação de alguns alimentos. Entretanto, o trabalho requerido pela organização doméstica, continua sob responsabilidade feminina.

O trabalho feminino e os rendimentos de programas governamentais (PBF) não se configuram como a *desonra* de um homem que não consegue prover a casa. Afinal, eles só são uma ajuda!

Os homens, moradores de Parque Residencial de Bola na Rede, nos relatam que **ainda cantam de galo**. A condição de homens pobres, em situação de desemprego, não faz com que sejam uma *carta fora do baralho* (WOORTMANN, 1987) dentro da casa. No grupo estudado, o descontrole sobre a *rua* necessariamente não se reverte em *marginalidade* doméstica ou *turnover* masculino. Vários mecanismos de poder são postos em prática para *reinventar* o espaço da *casa* como um domínio masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geertz (1989) argumenta que, ao partir de uma abordagem interpretativa, a única declaração conclusiva que se pode afirmar é a de que “a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa [...] Mas essa é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas” (p.36).

Nas reflexões conclusivas desta dissertação, o sentimento de incompletude, de desejo pela continuidade nas leituras dos *ditos* e de interpretações dos *significados*, que nos permitem compreender a complexa relação do homem com a *casa*, é o primeiro ponto a ser ressaltado.

A escolha seletiva, que privilegiou as falas dos homens como principal material de análise, certamente nos mostra ângulos fundamentais, mas não esgota a problemática. Ao contrário, serve para motivar o diálogo no qual as falas das mulheres acrescentarão ritmos, olhares e significações, sobretudo, porque se declara a concordância incondicional da abordagem relacional de *gênero*.

No entanto, ao privilegiar as vozes masculinas nos estudos das relações de gênero, foi possível aprofundar a compressão dos mecanismos de poder que possibilitam a manutenção e o *status* masculino de homens que não estão em condições de prover a família. Acredita-se que essas escolhas trouxeram importantes elementos interpretativos para se compreender como homens pobres, em situação de desemprego, usam diversos mecanismos que os garantem continuar a afirmar que suas casas estão “sob seu controle”.

Dessa forma, devido a tais proposições, uma pergunta se faz persistente: mulheres pobres estão perdendo o domínio da casa (WOOTMANN, 1987; P. SCOTT, 1990)? É claro, que esta pesquisa, ao privilegiar as vozes masculinas, não pode fornecer uma resposta ampla a esta questão. Entretanto, os resultados deste trabalho sugerem que os discursos dos homens, desempregados, buscam desvalorizar as conquistas femininas em oposição à valorização de si e de suas possibilidades de manter a casa “sob o controle”. Todavia, enfatiza-se que, ao argumentar as formas de domínio masculino, não se está dizendo que as mulheres estejam submissas às mesmas.

Dessa forma, o conjunto das interpretações tecidas recai na incompletude da análise cultural (GEERTZ, 1989) e incita, a partir dos resultados desta análise, possibilidades de investigações futuras que continuem a colaborar na compreensão das complexas relações de gênero no espaço doméstico.

Por fim, gostaria apenas de retomar a importância dos parâmetros teórico-metodológicos que nortearam esta dissertação. A literatura sobre famílias populares brasileiras utilizada (P. SCOTT, 1990; 2008; WOORTMANN, 1987; SARTI, 2005; FONSECA, 2000; NEVES, 1985; ZALUAR 1985; SALEM, 1981) possibilitou uma melhor compressão dos marcadores *casa* e *rua* e de suas relações polissêmicas (injunções, continuidades, contrastes, oposições).

A combinação dessa literatura, com as reflexões de Moore (2004), no campo da Antropologia feminista, foi bastante profícua. O entendimento, de que as esferas produtiva e reprodutiva não podem ser tratadas de formas dicotômicas e de que as relações familiares são essencialmente compreendidas relacionando-as com os campos econômicos e sócio-políticos, sustentou a construção do tripé analítico - rua, homens pobres e casa.

Norteadas pelas reflexões de gênero, enquanto categoria de análise (J. SCOTT, 1999), foi possível entender formas importantes de como gênero corporifica-se nas vivências dos homens pobres no âmbito da casa. Nesse sentido, o olhar sobre as relações de poder, envolvido nessa relação, foi a *pedra de toque* que fomentou os argumentos construídos.

A utilização da abordagem de gênero, com base em J. Scott (1999), também nos possibilitou ir além do mesmo para entender as suas formas de operação. Assim, procurou-se apresentar o conjunto de outras categorias sociais que permitissem contextualizar os informantes-chaves da pesquisa. Buscou-se demonstrar, constantemente, que estávamos dialogando com homens pobres, adultos, heterossexuais, predominantemente pardos e negros. Porém, nem mesmo essas demarcações foram utilizadas com fins de essencializá-los. Ao contrário, espera-se que a caracterização dos entrevistados tenha evidenciado as múltiplas experiências e suas diversas construções discursivas que os particularizam.

Estudar esses homens, na perspectiva relacional de gênero, também se configurou de fundamental importância e, com isso, espera-se que as reflexões construídas neste trabalho contribuam, de alguma forma, para o entendimento dos processos de assimetria entre homens e mulheres que constituem famílias, em contexto das classes populares.

Nessa conjuntura, acredita-se que essa dissertação possa promover maiores reflexões no campo temático que aborda homens e espaço doméstico, minimizando, de alguma maneira, as lacunas desse campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação a negação do trabalho. São Paulo: Bontempo editorial, 2007.

BARBIERI, T. **Sobre a categoria gênero**: uma introdução teórico-metodológica. Recife: SOS Corpo, Recife, 1993. (Tradução: Antonia Lewinsky)

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3. ed. Lisboa, Edições 70, 2004.

BRADOITTI, Rosi. Gênero y posgénero? El futuro de uma ilusion? In: _____. **Feminismo, diferencia sexual y subjetividade nômade**. Barcelona: Gedisa, 2004. p. 131-150.

BRASIL, Lei n. 10.836, de 9 de janeiro de 2004. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 12 de agosto de 2004.

_____. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. **Perguntas e respostas sobre o Bolsa-Família**. Brasília, 2009a [acessado em 21 de Abril de 2009]. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/o_programa_bolsa_familia>.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. **Principais resultados do Programa Bolsa Família**. Brasília, 2009b [acessado em 2009 Out 10]. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/o_programa_bolsa_familia>

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 2, p. 331-353, Dezembro, 2006.

CARVALHO, Maria Luiza. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: Dificuldades institucionais e motivações dos casais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. 389-398, 2003.

DA MATA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

DEGRAFF, Deborah; ANKER, Richard. Gênero, Mercados de Trabalho e o Trabalho das Mulheres. In: PINNELLI, Antonella (Org.). **Gênero nos Estudos de População**. Campinas: ABEP, Demográficas, v. 02, 2004, p. 163-197.

FIGUEROA, Juan Guillermo. La representación social de los varones en estudios sobre masculinidad y reproducción: un muestrario de reflexiones. In: Medrado, Benedito et al. (Orgs). **Homens, Tempos, Práticas e Vozes**. Recife: Instituto PAPAI: Fages; São Paulo: Nepo-Unicamp, 2004, p. 22-34.

FONSECA, C. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 13-33, mai/ago, 2004.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 35. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2008.

FOX-GENOVESE, Elizabeth. Para além da irmandade. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v.0, n.0, p. 31-56, 1992.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos S.A, 1989.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 47-57, 2005.

GOMES, Aguinaldo; RESENDE, Vera. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n.2, p. 119-125, Maio-Agosto, 2004.

GROSSI, M. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em primeira Mão**. Rio de Janeiro: Ed. UFSC; v. 75, p 1-37, 1995.

HIRATA, Helena. Reorganização da produção e transformação do trabalho; uma nova divisão sexual? In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra (Orgs). **Gênero, Democracia e Sociedade**. São Paulo: FCC; Ed 34, 2002, p. 341-355.

LEAL, Ondina. Impasses de la Paternidad: la reproduction desde la perspectiva masculina. In: Fuller, Norma. (Org.). **Paternidades en America Latina**. Lima, Peru: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Catolica del Peru, 2000, p. 309-331.

LEAL, Ondina; BOFF, Adriane. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: PARKER, RICHARD ; Barbosa, Regina (Orgs). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: ABI/IMS-UERJ: Relume-DUMARÁ, 1996, p. 119-135.

LONGHI, Márcia. **Ser homem, pobre e pai: a construção cotidiana da relação pai-filho nas camadas de baixa renda**. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LYRA, Jorge. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

MACHADO, Lia Zanota. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 24-38.

MARCONDES, W. Perspectivas relacionais para a inserção dos homens. In: SILVA, D. **Novos Contornos no Espaço Social: Gênero, Geração e Etnia**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999, p. 57-65

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**.

MOORE, Henrietta. **Antropología Y Feminismo**. 4. ed. Madri: Ediciones Cátedra; Universitat de Valência; Instituto de La Mujer, 2004.

MOTTA, Roberto; SCOTT, Parry (Orgs). **Sobrevivência e Fontes de Renda:** estratégias das famílias de baixa renda no Recife. Recife: SUDENE; Massangana, 1983

NASCIMENTO, Pedro. **Ser Homem ou Nada:** diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE. 1999. Dissertação (mestrado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

NEVES, Delma Pessanha. Nesse terreiro galo não canta: estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda. **Anuário Antropológico 83**. Rio de Janeiro Fortaleza: Tempo Brasileiro/UFC, 1985.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro; 2004.

PINNELLI, Antonella. Gênero e Família nos Países Desenvolvidos. In: PINNELLI, Antonella (Org). **Gênero nos Estudos de População**. Campinas: ABEP, Demográficas, v. 02, 2004. p. 55-98.

QUADROS, Marion. Paternidade, Trabalho Doméstico e Envolvimento com os/as Filhos/as. In: CAMPOS, Roberta; HOFFNAGEL, Judith. **Pensando família, gênero e sexualidade**. Recife: UFPE, 2006, p. 59-98.

_____. **Homens e a contracepção:** práticas, idéias e valores masculinos na periferia do Recife. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004

_____. **Construindo uma nova paternidade?** As representações masculinas de pais pertencentes às camadas médias em uma escola alternativa do Recife, PE. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

RENDITI, Sandra Unbehau; MEDRADO, Benedito; ARILHA, Margareth. **Homens e Masculinidades:** outras palavras. São Paulo: ECOS: Editora 34, 1998.

ROAZZI, Antônio. A divisão do trabalho no âmbito doméstico em famílias de baixa renda: Uma igualdade difícil de ser alcançada. Trabalho apresentado no **V Encontro de Antropólogos do Norte e Nordeste**, Recife, 1997.

RODRIGUES, Laís Oliveira. **Entre relacionamentos, circulações e rearranjos:** configurações familiares no contexto da paternidade na adolescência. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres:** notas sobre a ‘economia política’ do sexo. Recife, SOS Corpo, 1993.

SALEM, Tania. Mulheres faveladas: com a venda nos olhos. In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, v. 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 49-99.

SARTI, Cyntia. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995. (Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila)

SCOTT, Parry. Trocando a casa e a rua: idosos e a inversão da construção de gênero em camadas populares urbanas. In: SCOTT, Parry; Quadros, Marion (Orgs.). **A diversidade no Ibura**: gênero, geração e saúde num bairro popular do Recife. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008, p. 117-132.

_____. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.73, p. 38-46, 1990.

SILVA, Maria Ozanira da Silva. O Bolsa família: problematizando questões centrais na política de transferência de renda no Brasil. **Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n.12, v.6, p.1429-1439, 2007.

STOLCKE, Verena. New reproductive technologies – same old fatherhood. **Critique of Anthropology**, vol. 6, n.3, p. 5-31, 1987.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

WOORTMANN, Klaas. **A família das Mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e Revolta**: organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROTEIRO DE ENTREVISTA - Homem

Comunidade

1. Você mora aqui em Bola na Rede há quanto tempo (nasceu aqui? Gosta de morar aqui? O que acha desta comunidade?)?

Trabalho

1. Para você, o que é "ter um trabalho"? [**Importância do trabalho na vida**].
2. Atualmente qual é a tua situação de trabalho?
3. Você já ficou sem trabalhar? Quando você está (ficou) sem trabalho ocorrem (ocorreram) mudanças na tua vida (relacionada ao dia-dia em casa, relação com os familiares, lazer)?
4. E tua mulher, ela trabalha? [Em quê? Quantas vezes na semana? Desde quando?].
5. O que você acha dela trabalhar fora de casa?
6. Você recebe algum benefício mensal do governo (ex. **Bolsa Família**)? [Se sim: o que tu acha desse benefício? Vocês recebem desde quando? o benefício tá nome de quem? quem vai buscar o dinheiro? [**usos do dinheiro**].
7. Vocês têm alguma outra fonte de renda? [ex. contribuição financeira de outros parentes, pensão, aluguel de casa].
8. E sobre as despesas da casa, como é aqui na tua casa (quem paga as contas, vocês dividem)? [**divisão das despesas domésticas**]

Casa

1. E por falar em casa, você mora nesta casa desde quando?
2. Ela é tua? [propriedade, cômodos, construção]
3. O que significa ter uma casa pra você? [morar nesta casa]
4. Me fala um pouco sobre a rotina da tua casa (quem mora com você, quem faz o quê, há divisão das tarefas domésticas...) ?
5. De um modo geral, você sabe dizer o que os homens mais gostam de fazer em casa? Por quê?
6. Tem alguma tarefa 'de casa' que você gosta? O que você mais gosta de fazer em casa (considerar dias de semana e fim de semana)? Por quê? [**Usos do tempo**]
7. Muitas mulheres dizem que "homem em casa mais ajuda que atrapalha", você concorda? Por quê?
8. E tua mulher, ela gosta quando você faz "alguma coisa" em casa (tipo: cozinhar, arrumar a casa, lava prato, olhar as crianças)?

Família

1. Se a gente pudesse falar em chefe da casa, quem tu consideraria ser o(a) chefe? Por quê?
2. Para tu, qual a importância de ter uma família na tua vida (relação conjugal, relação com os filhos(as) e relação com os pais).

PARTE II – Frequências e Opinião

	ATIVIDADES	FREQUÊNCIA						OBSERVAÇÃO
		Dias de semana		Fins de semana	Todos os dias	Raro	Nunca	
		1-2vezes	3-5 vezes					
1.	Comprar alimentos							
2.	Cozinhar Ou preparar alimentos							
3.	Arrumar a casa							
4.	Lavar roupas							
5.	Dá banho nas crianças							
6.	Levar as crianças para escola							
7.	Passear com as crianças							
8.	Fazer consertos domésticos (trocar lâmpada, pintar a casa)							

	Frases/Afirmações	Concordo Inteiramente	Concordo Parcialmente	Não Concordo	NS/NR	Por quê?/ Observações/ Comentários
1.	Quando tem que tomar decisões em casa, é o homem quem deve ter a última palavra.					
2.	A mulher tem o mesmo direito que o homem de trabalhar fora de casa e estudar.					
3.	O trabalho mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar para sua família.					
4.	Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas de mãe.					
5.	O pai pode cuidar de crianças tanto quanto a mãe.					
6.	A mulher manda na casa, mas o homem manda na mulher					

PARTE III – PERFIL

1. Qual é a sua idade? |_____| anos

2 Qual a sua cor ou raça na seguinte classificação do IBGE?

1() branca 2() preta 3() parda 4() amarela 5() indígena

99() Não sei/ Não respondeu

3. Você tem alguma religião? **[pode marcar mais de uma]**

1() católica

2() evangélica. Qual? |_____|

3() espírita/kardecista

4() umbanda

5() candomblé

6() nenhuma

7() outra. Qual? |_____|

99() Não sei/ Não respondeu

3.1 Há quanto tempo se considera desta religião? _____

4. Com que frequência você vai a cultos, missa ou encontros?

1() Só em dias de semana

2() Só nos fins de semana

3() De mês em mês

4() Sempre que pode

5() Quase nunca

6() Não vai

7() outra. Qual? |_____|

99() Não sei/ Não respondeu

5. Qual seu nível de instrução?

1() sabe ler e escrever

2() ensino fundamental incompleto

3() ensino fundamental completo

4() ensino médio incompleto

5() ensino médio completo

6() ensino superior incompleto

7() ensino superior completo

6. Atualmente você frequenta alguma escola de primeiro, segundo grau ou universidade?

1() sim

2() não

7. Você atualmente: **[marque apenas uma, a principal fonte]**

1() exerce atividade remunerada Qual/quais |_____|

2() recebe algum benefício [Bolsa família, Auxílio moradia]. Qual/quais |_____|

3() recebe pensão ou aposentadoria

3() não exerce atividade remunerada nem recebe benefício

99() Não sei/ Não respondeu

8. Somando-se a renda de todas as pessoas que moram com você, qual é mais ou menos a renda mensal de sua família? R\$ _____,00

7.1. Esta renda é dividida entre quantas pessoas? _____

QUADRO FAMILIAR
(residentes na mesma casa que você)

	nome	idade	Sexo	Tipo de parentesco	Cód.
01.					
02.					
03.					
04.					
05.					
06.					
07.					
08.					

CÓDIGO PARA O PARENTESCO:

0 = o entrevistado; 1 = a parceira; 2= filho/a; 3 = enteado/a; 4 = filho/a adotivo/a; 5 = sobrinho/a; 6 = irmã/o; 7 = cunhada/o; 8 = primo/a; 9 = tio/a; 10 = pai e mãe; 11= sogra/o; 12 = avós; 13 = agregado; 99 = Não sabe

ROTEIRO DE ENTREVISTA – MULHER

PARTE I – QUETÕES ABERTAS

Comunidade

2. Você mora aqui em Bola na Rede há quanto tempo (nasceu aqui? O que acha desta comunidade? Gosta de morar aqui)?

Trabalho

- 1- Para você, o que é "ter um trabalho"? [**Importância do trabalho na vida**].
- 2- Atualmente qual é a tua situação de trabalho?
- 3- [Se trabalha] Em quê? Quantas vezes na semana? Desde quando? Como é a remuneração (usos do dinheiro)?
- 4- Você recebe algum benefício mensal do governo (**ex. Bolsa Família**)? [Se sim: o que tu acha desse benefício? Você recebe desde quando? o benefício tá nome de quem? quem vai buscar o dinheiro? [**usos do dinheiro**].
- 5- E sobre as despesas da casa, como é aqui na tua casa (quem paga as contas, vocês dividem)? [**divisão das despesas domésticas**].
- 6- (Caso tenha trabalhado ou está trabalhando fora de casa) Quem fica responsável por fazer as tarefas domésticas (cozinhar, lavar roupa, arrumar a casa)?

Casa

- 1- E por falar em casa, você mora nesta casa desde quando?
- 2- Ela é tua? [propriedade, cômodos, construção]
- 3- O que significa ter uma casa pra você? [morar nesta casa]
- 4- Me fala um pouco sobre a rotina da tua casa (quem mora com você, quem faz o quê, há divisão das tarefas domésticas...) ?
- 5- Você prefere fazer as tarefas de casa sozinha ou gosta que alguém te “ajude”?
- 6- Muitas pessoas dizem que: “Homem em casa mais atrapalha que ajuda”, você concorda com isso? Por quê?
- 7- Em casa, teu companheiro realiza algum trabalho doméstico? Quais? Quando?

Família

3. Se a gente pudesse falar em chefe da casa, quem tu consideraria ser o(a) chefe? Por quê?
4. Para tu, qual a importância de ter uma família na tua vida (relação conjugal, relação com os filhos(as) e relação com os pais).

PARTE II – Frequências e Opinião

	ATIVIDADES	FREQÜÊNCIA						OBSERVAÇÃO	
		Dias de semana		Fins de semana	Todos os dias	Raro	Nunca		
		1-2vezes	3-5 vezes						
1.	Comprar alimentos								
2.	Cozinhar Ou preparar alimentos								
3.	Arrumar a casa								
4.	Lavar roupas								
5.	Dá banho nas crianças								
6.	Levar as crianças para escola								
7.	Passear com as crianças								
8.	Fazer consertos domésticos (instalações elétricas, pintura, encanamentos hidráulicos)								

	Frases/Afirmações	Concordo Inteiramente	Concordo Parcialmente	Não Concordo	NS/NR	Por quê? Observações/ Comentários
7.	Quando tem que tomar decisões em casa, é o homem quem deve ter a última palavra.					
8.	A mulher tem o mesmo direito que o homem de trabalhar fora de casa e estudar.					
9.	O trabalho mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar para sua família.					
10.	Trocar fralda, dar banho e dar comida ao filho são coisas de mãe.					
11.	O pai pode cuidar de crianças tanto quanto a mãe.					
12.	A mulher manda na casa, mas o homem manda na mulher					

PARTE III – PERFIL

1. Qual é a sua idade? |_____| anos

2 Qual a sua cor ou raça na seguinte classificação do IBGE?

1() branca 2() preta 3() parda 4() amarela 5() indígena
99() Não sei/ Não respondeu

3. Você tem alguma religião? *[pode marcar mais de uma]*

1() católica
2() evangélica. Qual? |_____|
3() espírita/kardecista
4() umbanda
5() candomblé
6() nenhuma
7() outra. Qual? |_____|
99() Não sei/ Não respondeu

3.1 Há quanto tempo se considera desta religião? _____

4. Com que frequência você vai a cultos, missa ou encontros?

1() Só em dias de semana
2() Só nos fins de semana
3() De mês em mês
4() Sempre que pode
5() Quase nunca
6() Não vai
7() outra. Qual? |_____|

99() Não sei/ Não respondeu

5. Qual seu nível de instrução?

1() sabe ler e escrever
2() ensino fundamental incompleto
3() ensino fundamental completo
4() ensino médio incompleto
5() ensino médio completo
6() ensino superior incompleto
7() ensino superior completo

6. Atualmente você frequenta alguma escola de primeiro, segundo grau ou universidade?

1() sim 2() não

7. Você atualmente: *[marque apenas uma, a principal fonte]*

1() exerce atividade remunerada Qual/quais |_____|
2() recebe algum benefício [Bolsa família, Auxílio moradia]. Qual/quais |_____|
3() recebe pensão ou aposentadoria
3() não exerce atividade remunerada nem recebe benefício
99() Não sei/ Não respondeu

8. Somando-se a renda de todas as pessoas que moram com você, qual é mais ou menos a renda mensal de sua família? R\$ _____,00

7.1. Esta renda é dividida entre quantas pessoas? _____

QUADRO FAMILIAR
(residentes na mesma casa que você)

	nome	idade	Sexo	Tipo de parentesco	Cód.
01.					
02.					
03.					
04.					
05.					
06.					
07.					
08.					

CÓDIGO PARA O PARENTESCO:

0 = o entrevistado; 1 = a parceira; 2= filho/a; 3 = enteado/a; 4 = filho/a adotivo/a; 5 = sobrinho/a; 6 = irmã/o; 7 = cunhada/o; 8 = primo/a; 9 = tio/a; 10 = pai e mãe; 11= sogra/o; 12 = avós; 13 = agregado; 99 = Não sabe



CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Duas vias: uma sob posse do pesquisador e outra do informante.

Declaro que estou ciente de estar participando de uma pesquisa que tem como objetivo compreender as experiências e opiniões sobre trabalho e família dos moradores da comunidade de Bola na Rede.

Estou ciente de que se trata de uma atividade voluntária, que posso desistir a qualquer momento e que a participação não envolve remuneração. Nestes termos, posso recusar e/ou retirar este consentimento, informando aos pesquisadores, sem prejuízo para ambas as partes a qualquer momento que eu desejar. Tenho o direito também de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa informações que já tenham sido dadas.

Fui informado que a pesquisa não envolve riscos ou danos à saúde e que o pesquisador garantirá a confidencialidade e o anonimato.

Fica acordado que as informações por mim fornecidas não serão utilizadas para outro fim além deste e a assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus direitos legais.

Caso ainda haja dúvidas, tenho direito de tirá-las agora, ou, em surgindo alguma dúvida no decorrer da entrevista, esclarecê-las, a qualquer momento. Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa são:

Giselle Nanes (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia-UFPE)

Telefone de contato: 86112102

Profª. Drª. Marion Teodósio (Programa de Pós-Graduação em Antropologia-UFPE)

Telefone de contato: 2126 8286

Após ter lido e discutido com o entrevistador os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

Recife, ____/____/2009

Assinatura: _____

Nome completo: _____

Entrevistador - assinatura: _____

Nome completo do entrevistador: _____

Testemunhas

Assinatura:

Nome completo:

Assinatura:

Nome completo:

ANEXO 3

**MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO
PARQUE RESIDENCIAL BOLA NA REDE**

